

Noemi Jaffe
A verdadeira história do alfabeto
e alguns verbetes de um dicionário



COMPANHIA DAS LETRAS

Noemi Jaffe
A verdadeira história do alfabeto
e alguns verbetes de um dicionário



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

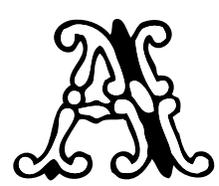


Sumário

A verdadeira história do alfabeto

Alguns verbetes de um dicionário

Algumas referências

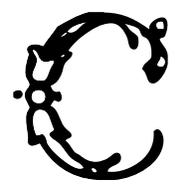


Era o ano de 341 a.C. quando Epicuro partiu de Samos para Téos, e, após ter se frustrado com o filósofo Pânfilo, ouviu notícias sobre o pensamento atomista. Depois de muitos estudos, Epicuro concluiu que a inclinação de um átomo por outro pode ocorrer não somente por necessidade, como pensava Demócrito, mas por atração e desejo. Foi por essa época, também, e em função da constatação sobre o desejo que os átomos sentiam uns pelos outros, que Epicuro desenvolveu a letra A. Os átomos já existiam desde toda a eternidade e o infinito dos infinitos, desde o momento causador do caos, mas ainda não havia uma letra para designá-los. Por esse motivo, o desejo de um átomo por outro, o apelo de um átomo pelo outro, não tinha como expressar-se. Não havia uma letra para fazê-lo. E o problema não era só dos átomos propriamente. As pessoas, movidas internamente pela força atômica, também se encontravam carentes de aproximação daqueles por quem se sentiam atraídas. Quando alguém como Demóstrata de Kyos se sentia perdidamente seduzida pelos átomos de Ípsion de Elera, que, por sua vez, não se dava conta do desejo que o visava, não havia forma de expressar tal desejo, pois, quando Demóstrata procurou Ípsion para declarar sua inclinação atomística, faltava uma letra para dizê-lo. Epicuro, observando a imensa lacuna que se desenhava entre as manifestações de desejo dos átomos — no espaço ou nos homens — e sua realização, determinou-se a criar a letra que preencheria todos esses vácuos amorosos. Em primeiro lugar, cuidou de definir, pela observação dos movimentos atômicos, qual seria a figura geométrica que mais se adequaria à representação de seu deslocamento pelo espaço e pelas células. Decidiu-se pela reta inclinada, que, aliás, também coincide com a definição que vinha configurando, de que os átomos sentem inclinação uns pelos outros. Permaneceu, por alguns meses, com a reta inclinada num ângulo de 45 graus, mas não se satisfazia com ela. Considerava-a insuficiente para dar conta de todo o circuito que os átomos perfaziam. Foi quando, depois de uma noite com Arícia de Páros, lembrou-se de outra reta inclinada, no mesmo ângulo mas em direção oposta, que, em seu vértice, se encontrasse com a anterior. Isso simbolizaria quase perfeitamente a força magnética que um átomo exercia sobre outro, embora não a importância igualmente relevante da casualidade, que, como seu mestre Demócrito afirmara, compunha necessariamente a atração entre os átomos. As duas retas inclinadas, encontrando-se no vértice, transpareciam somente atração necessária, e não casual. Mas rapidamente Epicuro se deu conta de que o vazio que havia na base entre as duas retas, sem que o triângulo se fechasse, estava ali justamente para representar o acaso, que, casualmente, já viera integrar-se ao desenho da letra sem que Epicuro percebesse. E ele então se satisfez com o triângulo aberto na base. Mas eis que o mestre, contra sua própria filosofia — a de que o prazer é a ausência de dor —, apaixonou-se por Arícia, e isso o afligia. Convidou-a a frequentar seu jardim e refletiu sobre o mal que aquela paixão lhe provocava. Como Arícia correspondia aos sentimentos de Epicuro e concordou em participar do jardim, a teoria do prazer como ausência de sofrimento podia ser efetivada sem prejuízo teórico. Foi durante essa experiência que Epicuro se lembrou de instalar uma pequena reta unindo as duas retas anteriormente inclinadas, para reforçar a ideia de aliança no bem-estar. Desde então, a letra A tem servido para todas as teorias atomistas subsequentes, como também para designar os aviões, um dos desenvolvimentos da teoria atomista, as aves e a cor azul, que não passa de um encontro feliz de átomos pacíficos.



Em 1725, Johann Sebastian Bach se preparava para compor sua cantata número 1 em si bemol maior, na igreja luterana de São Tomás, em Leipzig, onde mantinha uso exclusivo e solitário do grande órgão adquirido pelo arcebispo de Leipzig, a seu pedido, dezoito anos antes, diretamente de um fabricante que por ali passara e comentara a existência do órgão, quando ocorreu um grave problema. Bach já sofria de cegueira quase completa, que uns diziam provir de diabetes mal tratada, mas outros mais maldosos garantiam ser efeito do fato de ele ter copiado as partituras de seu irmão 21 anos antes, no escuro. Mas isso pouco se comentava, porque todos testemunhavam a descida corpórea de anjos quando Johann se sentava ao órgão para tocar aos domingos e também, até mesmo, a presença de um pequeno anjo loiro quando ele havia começado a ensaiar uma nova fuga. O problema foi que Bach percebeu que uma das notas de uma frase musical da cantata teimava em não se completar. Sempre que ele começava a tocar a frase que martelava em sua cabeça, o órgão se recusava a soar aquela nota. Ele a tocava, mas, de alguma forma misteriosa, o som emitido era diferente. Da mesma maneira, a própria concepção da frase em sua imaginação e a correspondência mental da melodia estacavam exatamente naquela nota. Tratava-se de um si bemol, disso ele sabia. Pensou em modificar a nota, mas não era possível, pois a nota teimava em ser tocada e era certamente a mais exata para a cantata como Bach a concebera, ainda na noite anterior, durante mais um dos acessos de insônia que vinha tendo havia algumas semanas. O músico revirou o órgão por dentro, sentou-se, esperou, mas tudo continuava intocado, e o instrumento guardava-se com uma perfeição cada vez maior, quanto mais era tocado pelo emissário único dos anjos da esfera intermediária. Esses anjos intermediários, que habitavam uma porção, como diz o nome, mediana das esferas celestes, eram responsáveis pelas coisas terrenas que permitiam aos homens conhecer brevemente alguns enigmas do céu. Não pertenciam às camadas superiores, responsáveis pelos assuntos propriamente celestes, nem às totalmente inferiores, que se encarregavam de problemas estritamente mundanos, como doenças e afogamentos. Contrariado e ansioso, pois a cantata deveria ser apresentada dali a dois dias, quando a igreja contaria com a presença do arcebispo de Leipzig em pessoa, Bach tornou a sua casa, onde nada parecia acalmá-lo. Teimava em repetir aquele si bemol que, por sua vez, resistia a soar a contento. Em sua pequena biblioteca, com a ajuda do filho mais novo, Bach alcançou um volume antigo, cópia apócrifa de um manuscrito cujo original se encontrava guardado na Biblioteca Central do Vaticano. Tratava-se de uma reprodução dos originais de Guido d'Arezzo, escritos ainda no século X, sobre a marcação das notas musicais. Mais uma vez, depois de tantas que já havia folheado aquelas páginas, o músico se debruçou sobre os nomes das notas. Releu o *Hino a São João Batista*, de onde Guido havia extraído os nomes das notas ut, ré, mi, fá, sol e lá. *Ut queant laxis* — Para que nós, teus servos; *Resonare fibris* — possamos elogiar claramente; *Mira gestorum* — a força dos teus atos; *Famuli tuorum* — e teus milagres; *Solve polluti* — absolve a impureza; *Labii reatum* — de nossos lábios. Como em todas as outras vezes, o músico se emocionava com a precisão das palavras que praticamente justificavam a existência da música; um elogio claro à força e ao milagre de Deus e a mais perfeita absolvição de nossas impurezas. Rezou a Guido e, temerariamente, também a Deus e a outros anjos de sua predileção, a fim de que o iluminassem para que a nota teimosa se decidisse por soar harmoniosamente. Pela primeira vez, Johann percebeu, então, e para sua incompreensível surpresa, que, nas notações musicais de Guido, faltava justamente a correspondência para a nota si. Como isso poderia ter lhe escapado? Percebeu que, caso encontrasse a origem pia da nota, encontraria também a chave para sua recusa em soar. Passou o resto do dia revirando insatisfatoriamente seus outros manuscritos e ainda brigou com seu filho Wilhelm, que dizia, acintosamente, saber a origem oculta da nota. À noite,

entre sonhos fragmentados e sempre afetados pela vigília, entreviu uma resposta. As letras iniciais de Sancte Iohannes formavam o si, a nota que faltava. Foi direto ao cravo de seu quarto e acreditou que, finalmente, a nota soaria a contento. Não soou. Voltou à igreja cabisbaixo, e já cruzava o átrio quando Wilhelm surgiu ofegante, insistindo em lhe fornecer a resposta. Pediu-lhe que retomasse a notação grega, ainda proveniente da teoria pitagórica, ligada às esferas celestes e suas correspondências terrestres. Bach negou com veemência aquele descaramento pagão e mandou Wilhelm de volta para casa. Entretanto, ao voltar ao órgão, diante de mais uma recusa renitente da nota, sacou de uma pena que mantinha guardada no bolso de seu casaco e experimentou anotá-la segundo as regras do grego antigo. Desenhou: uma reta vertical do lado esquerdo, acoplada a dois semicírculos que a preenchiam lateralmente. Não conhecia o significado desse símbolo, mas sabia configurá-lo. Desenhou e imediatamente voltou ao órgão. A nota soou clara como se nunca tivesse resistido. O músico, apesar da heresia e diante do pouco tempo que restava para a apresentação, resolveu adotar a notação e, no momento de dar o nome à cantata, ainda ousou nomeá-la em homenagem àquela nota profana, que se intrometera na melodia contrapontística da fé cristã. Chamou-a *Cantata em si bemol maior*, ou, segundo sua própria anotação, *Cantata em B bemol maior*. Assim, com uma intervenção pitagórica das esferas cósmicas em meio à devoção piedosa das notas cristãs, nasceu a letra B, que se mantém até os dias de hoje em coisas e seres religiosos e profanos, como as bétulas, os bichos e as bolas.



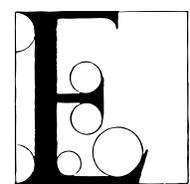
Em 1611, durante a expedição que Cornelis de Houtman realizou nas Índias Orientais Holandesas, estabelecendo dali para a frente e de uma vez por todas a grande metrópole de Jacarta, capital da atual Indonésia, dois de seus tripulantes resolveram, à revelia do capitão, o qual mantinha uma rígida disciplina calvinista no navio, conhecer a famosa noite indonésia, que já naquele tempo circulava de boca em boca entre os marinheiros de todos os portos. Diziam os marinheiros de navios mais liberais que o do capitão Cornelis, como aqueles da Companhia de Jesus, liderados por homens cristãos e, portanto, mais negligentes com as alegrias da carne, como João Lopes e Luís Angra de Vasconcelos, que as mulheres de Jacarta eram as mais lascivas, corpulentas e alegres de todas as colônias e que, além de tudo, dominavam segredos sexuais nunca antes imaginados nem por católicos, muito menos pelos reformistas, escravos do trabalho e do dinheiro. Rijksmussen e Maarten, os dois tripulantes do navio holandês, já havia muito estavam cansados das exigências descabidas do comandante. Noventa dias no mar, sem conhecer o destino de chegada, enfrentando tempestades que certamente poriam fim à vida de tantos pobres coitados, ladrões, condenados, estupradores honestos, e tudo isso sem poder fornicar, beber um único gole de gim, dançar ao som das Sinterklass, que o marinheiro Gunther tocava tão bem na flauta de madeira, nada, nada, somente aquelas leitosas aulas noturnas, com a horrorosa filha do capitão, sobre a importância do trabalho, da grandeza da nação holandesa, da inferioridade servil das colônias, de sua selvageria e que todos se encontravam lá para a grandeza da Coroa e aquela conversa que não enganava ninguém e ainda os impedia de aproveitar os prazeres imediatos. Como eles invejavam os marinheiros católicos, devassos, poluídos, gordos, menos bem-sucedidos, é certo, mas o que eles queriam com o sucesso da Holanda? Rijksmussen e Maarten haviam se conhecido pouco tempo antes, no mar das Celebes, durante uma pequena tempestade. O capitão havia pedido aos dois que cuidassem do mastro esquerdo da popa do navio, para que ele se mantivesse ereto, e durante sete horas seguidas os dois se conheceram, falaram de suas famílias, de suas condenações — um por sacrilégio e outro por cortejar a prima — e prometeram que, se sobrevivessem juntos à tempestade e à viagem, iriam também, juntos e em segredo, aproveitar a noite da famosa Jacarta, beber à amizade e, por que não?, também à Holanda. Escondidos, portanto, e durante a noite, os dois escorregaram para fora do navio e caminharam até atingir a praça central de Jacarta, então chamada praça Merdeka. Vendedores ambulantes, estrebarias, estalagens, bêbados, magos e religiosos ainda se misturavam na praça àquela hora da noite. Os dois estacionaram em frente a um enfeitiçador de serpentes e se admiraram de sua arte, que julgavam milagrosa, de fazer a cobra responder ao seu chamado. Compraram sal, valioso em outras paragens, experimentaram a canela e o açúcar mascavo, e avistaram, ali perto, duas moças, em trajes brilhantes e sumários, que aparentavam ali estar para oferecerem-se aos homens. Das Américas às Índias, passando pela China e pelos mares do Sul, era como se fossem sempre as mesmas moças, ainda que usassem outras roupas e tivessem outros trejeitos. O mesmo olhar de misericórdia e malícia, carência e superioridade. Rijksmussen e Maarten eram ambos homens sensíveis, os dois preocupados com a família e amantes de música e de teatro. Dirigiram-se rapidamente às moças e as abordaram com gentileza, como tinham aprendido em outros portos, o que as comoveu imediatamente e as deixou prontas a acompanhá-los. Foram para uma hospedagem modesta, porém bem cuidada, e cada uma, naturalmente, como se tivessem sido escolhidas para eles, encaminhou-se a um alojamento. Assim que entrou, Maarten assombrou-se. Era uma câmara coberta de lenços dourados, prateados e multicoloridos do chão ao teto, forrada de almofadas que brilhavam e com cheiros que o acolhiam. Abhay dançava e se despia, enquanto entoava uma melodia estranha aos ouvidos de Maarten, que a olhava enfeitiçado. Como que do

nada, e de súbito, insinuou-se, do canto direito do quarto, um bicho enorme que se arrastava com calma por uma das almofadas. Era grosso, amarelo, com rajadas vermelhas e imenso. Era a serpente reticulada, a maior serpente do mundo, de que Maarten só ouvira o nome e que temia mais que à própria morte, se ela lhe aparecesse em pessoa. Abhay ameaçou abaixar-se para dançar com a cobra e Maarten já gritava com toda a força que possuía, invocando os deuses, o comandante e Rijskmussen, principalmente, que também, naquele instante, fixara os olhos em Dickshit, irmã de Abhay. Rijskmussen saiu às pressas para o corredor a tempo de ver Maarten acorrido, aos berros, sem poder articular nem uma palavra, apontando para dentro do quarto, seguido de Abhay, a qual, enrolada na serpente, ria junto com a irmã, que acariciava a cobra e brincava com os dois marinheiros. A cobra sabida afastou-se do pescoço da cortesã e, lenta, escapou para a rua, onde ninguém reparava em seus movimentos. Os dois holandeses, estremunhados e ainda em pânico, com as calças arriadas e sem sapatos, corriam pelas ruas de Jacarta, gritando, enquanto a cobra os seguia, sinuosa, traçando círculos concêntricos e excêntricos, como que comandada pelas duas prostitutas, que, como quase todas, eram exímias encantadoras da serpente reticulada. Numa dessas curvas, entretanto, a cobra, em corrido movimento, parou. Avistara, ali perto, outra cobra, irmã, assim como os dois marinheiros e as duas prostitutas, e ambas se mantiveram dessa maneira, encurvadas, cada uma para um lado, pois era uma forma ancestral de cumprimento entre aqueles bichos ao mesmo tempo maravilhosos e horríveis. Naquele instante, diante do espetáculo raro das duas cobras paralisadas e curvas, os dois marinheiros, como que milagrosamente, também se detiveram e se puseram a olhar para elas, assim como toda a população em redor da praça, que aplaudia a cena e se inclinava para iniciar uma oração à deusa Ariadne, deusa minoica das serpentes, herança grega que os indonésios haviam incorporado. Já se ouvira falar daquela possibilidade de encontro e cerimônia entre as serpentes, mas nunca alguém a havia presenciado. Os dois holandeses foram instantaneamente considerados emissários de bons augúrios e portadores do milagre da fertilidade. Rijskmussen e Maarten se alegraram, começaram a perder o medo das cobras, que havia mais de dez minutos não se mexiam em absoluto, mantendo a posição inicial de encurvamento e saudação à serpente amiga. Foi nessa situação que Maarten, o mais esperto dos dois, percebeu que a forma que as cobras haviam assumido podia perfeitamente completar a letra do pequeno alfabeto que vinha aprendendo, onde faltava um símbolo para designar os cordões do navio, a região inglesa da Cornualha, o cachimbo — tão apreciado pelos navegadores — e até as próprias cobras, que, talvez por carência de uma letra que lhes designasse o nome, ainda assustavam tantos passantes, inutilmente, pois, como se testemunhava, eram seres educados e honestos. Viu que a posição em curva de uma das cobras, idêntica ao seu movimento, podia fixar-se como a letra C. E assim nasceu essa letra tão bela e útil, que serve para nomear as cobras, como também os canários e os cachorros, bichos cujos movimentos não se parecem ao das cobras mas que também merecem começar com essa letra.

D

Numa escavação feita em Kalibangan, em 1922, pelo pesquisador inglês John Marshall, foi encontrada, em meio a estátuas de Vishnu e Shiva, homens de três cabeças e altares sacrificiais, a pedra shalagrama-shila, de que o arqueólogo ouvira falar e que se tornara sua obsessão ao longo de mais de vinte anos de buscas e trabalhos extenuantes. Conhecia a crença vigente no vale do rio Gandaki, que dizia que uma pessoa, apenas por tocar uma pedra como aquela, se libertaria dos pecados não somente de sua própria existência, como também das existências de milhões de nascimentos anteriores e posteriores ao seu, pois a pedra representa o Bhagavan em pessoa, a soma total de todos os universos. E, embora não partilhasse das crenças hindus que pregavam essas supostas verdades, também sabia que não poderia tocá-la frivolamente, porque não queria profanar um credo de tamanha beleza e fervor. Além disso, em algum lugar de sua memória e de sua alma obsessiva e cansada, afora o respeito que devotava aos hindus, existia uma sombra de fé, sem contar as experiências que havia testemunhado entre os hindus e mesmo entre os ocidentais, de pessoas que desmaiavam ou com quem ocorriam acidentes estranhos assim que ousavam dessacralizar um objeto adorado. Afinal, a adoração por aqueles objetos, deuses, manuscritos e estátuas em nada se assemelhava aos cultos ocidentais. Não era um culto a relíquias que aludia simbolicamente a uma totalidade a quem se devia submissão. Os objetos não eram somente a parte de um todo. Eram a própria totalidade e não pertenciam, como posse, a nenhuma divindade. Não eram as mãos que os haviam tocado ou utilizado que os sacralizavam; era o seu pertencimento à natureza, à terra e ao cosmo, o que em tudo os tornava diferentes dos outros objetos-relicários. John também sabia que não poderia vender a pedra, porque atribuir um valor a um objeto como aquele era, segundo os hindus, condenar-se ao inferno eterno, pois nisso também os hindus acreditam, embora o inferno hindu seja em tudo diferente do dantesco, cercado de pequenos diabos armados de tridentes e ocupado por fogueiras. John também não tinha por que pensar em lucrar alguma coisa com a pedra; vivia confortavelmente e tinha se desiludido das glórias adquiridas com a venda de objetos sagrados para museus ingleses. Afinal, havia mais objetos hindus no British Museum do que poderia comportar a Índia inteira, se nela pudessem ser dispostos os objetos encontrados até então. A pedra tinha formato ovalado e numa de suas faces havia um rosto pintado que sorria, enquanto na outra face da pedra o mesmo rosto tinha os lábios voltados para baixo, em sinal de submissão. Nas laterais da pedra havia faixas pretas e amarelas e, no canto inferior da face em que se via o rosto que sorria, podia ser lida a seguinte inscrição assinada por Purana: “Nenhuma shila do local das shalagramas nunca poderá ser não auspiciosa mesmo que rachada, riscada, partida ou até mesmo quebrada”. Aquela shila em particular continha uma pequena rachadura, mas, como dizia a própria inscrição, não havia com que se preocupar. John Marshall lembrava-se de já ter lido aquela mesma inscrição em outro lugar; era uma frase aparentemente sem importância, mas algo nela o incomodava. Deixou a shila preservada no mesmo local onde a encontrara, pois ainda não decidira o que fazer com ela, e não tinha coragem de tocá-la. Retornou ao hotel. À noite, num de seus sonhos em que misturava línguas, o hindu, o egípcio e o nepalês, além, é claro, do inglês e do dialeto irlandês de seus pais, sonhou com algumas palavras, que anotou imediatamente: “salagram namito’ham martyair”. Caminhou durante todo o dia seguinte pelas escavações do vale de Mohenjo Daro, com aquelas palavras em sua cabeça. Onde já as tinha lido? Ao lado da shalagrama que havia deixado guardada no dia anterior, Marshall percebeu, jogado ao acaso, um dado védico, um resto de marfim quebrado, em cujas faces ainda se podiam ver alguns traços de letras sagradas. Lembrou-se finalmente da origem daquelas palavras, que vira gravadas na shila, com as quais sonhara e que se recordava de ter visto inscritas num dos dados que possuía em casa, amontoados ao acaso, como cabe fazer com os dados, numa das vitrines que havia

mandado fabricar especialmente para guardar seus objetos. John cultivava uma predileção estranha e descabida por aqueles pequenos objetos sagrados e profanos, porque, mesmo representando uma atividade proibida e vã, o jogo, ainda mantinham alguma relação incerta e única com as divindades. Marshall tinha aprendido que o acaso contido nos dados muitas vezes se encontrava mais próximo dos deuses do que os próprios Vedas ou até os seres que dedicavam sua vida ao sacrifício, abstendo-se dos prazeres mundanos, como o jogo, por exemplo. Sabia que o acaso, sua insubmissão ao destino, era também uma forma de lei não científica, mas atomística, cósmica, que regia as criaturas de maneira harmoniosa e poética, pela atração que as moléculas sabiam exercer umas sobre as outras. Marshall amava o acaso e via nos dados, especialmente os hindus, com suas inscrições religiosas, uma espécie de síntese de seu trabalho, que misturava fé e razão. Eram objetos tão bem construídos, tão matematicamente servís à sorte e carregados simultaneamente das histórias sacra e profana. Pensou em sua estante de dados e lembrou-se do dado específico onde havia essa inscrição. Era um dado feito de osso, de um branco amarelado, inteiramente rachado, com uma das faces totalmente apagada. No lugar de números, ou pontos, como costumava encontrar nos outros dados, havia letras e pequenas inscrições embaixo de cada uma delas. Eram o *am*, o *jha*, o *ba*, o *ha* e o *tha*, todos escritos no alfabeto devanágari. John percebeu que o lado em que faltava uma letra era justamente aquele em que se encontrava aquela inscrição com a qual sonhara. Olhou para a shila, pensou na inscrição que habitava tanto a pedra intocável quanto o dado todo gasto que possuía em seu armário e decidiu que, assim que chegasse em casa, inscreveria ele mesmo no dado a letra *da*. Percebeu que a inscrição referente às rachaduras, que dizia que mesmo a shila rachada não traria má sorte, entrava em estranha comunhão com o destino simples e mundano do dado e que a letra *da*, do hindu, representava perfeitamente a sensação que, instantaneamente, o retirava de sua melancolia e o encaminhava de volta a um sentido primordial de seu trabalho. Era a letra inicial de *davaiana*, cuja pobre tradução para o inglês era “encantamento”, “maravilhamento” — a totalidade do sonho, do acaso e do divino, a tradução da vizinhança entre a shila e o dado. Lembrou-se também de que na sua língua, o inglês, ainda não havia uma palavra para designar aquele objeto que lhe provocara aquela estranha potência de vida, tampouco uma letra para designá-lo. Em homenagem a *davaiana*, à letra *da*, do hindu, e ao alfabeto devanágari, Marshall inventou então a letra D, que imediatamente foi adotada para nomear aquele objeto como dado, assim como para designar o sentimento da divina dualidade, que governava a vida de John e governa a todos nós até os dias de hoje e para sempre.



Na origem da humanidade, o homem não sabia distinguir a si mesmo dos outros que o circundavam. Não havia pronomes, já que não havia diferenciação entre os seres. O homem, assim, pensava, se é que se pode atribuir a ele essa ação tão recente na história da humanidade, que os outros eram extensões ou modificações de si mesmo. Quando alguém não gostava do que via, atacava a si próprio, achando que, com isso, conseguiria extirpar o que lhe desagradava. Da mesma maneira, quando um homem encontrava uma mulher que lhe aprazia, buscava encontrar em seu próprio corpo, coçando-se, mexendo-se, a fonte daquele prazer. Também acontecia com muita frequência, é claro, de os indivíduos tocarem-se uns aos outros, atacarem-se ou conhecerem-se, mas sempre com a sensação de que aqueles encontros não eram nada mais que o corpo de cada um agregado à natureza. Assim, também não havia distinção entre os seres e as manifestações naturais ou cósmicas, como as árvores, o sol e o trovão. Tudo era um só corpo; o que não significava a ausência de disputas e guerras. Aconteceu, entretanto, que um desses seres, habitante de uma caverna de folhelho no interior da atual França, enquanto roía um osso e acompanhava o barulho da chuva, percebeu que o som da chuva batendo nas paredes mais finas da caverna, acompanhado das mordidas compassadas que aplicava às últimas carnes que restavam do osso, produzia uma batida regular que lhe agradava e que ele não se lembrava de ter provado antes. Como que à sua revelia, começou a percutir aquele ritmo e acompanhá-lo com as pontas dos dedos. Assustou-se. Quem estava produzindo aquele som, idêntico ao barulho ritmado que escutava? Olhou para seus dedos e sentiu o ar que saía de sua boca e se deu conta, para seu espanto e medo, de que era o seu corpo mesmo que o fabricava. Experimentou novamente aqueles sons e viu que podia modificá-los, decidindo-se por imitar ou não os sons externos. Essa foi, creem os cientistas, a primeira vez que um ser humano conseguiu compreender precariamente a distinção entre o lado de dentro e o de fora. Dali em diante, aquele homem passou a aplicar aquela temerária e ainda incipiente descoberta a muitas outras coisas. Em segredo, emitia sons imitando vários outros barulhos da natureza, e foi percebendo as diferenças de ruídos que os indivíduos produziam. Ia também acompanhando alguns ritmos com os dedos das mãos, e, logo em seguida, com os dedos dos pés. Deu para assustar seus companheiros, emitindo sons que ecoavam no folhelho e repercutiam nas paredes da caverna. Todos procuravam em si mesmos a origem daqueles barulhos e reagiam desorientados. Numa dessas vezes, o homem riu. Sentiu seu corpo se contraindo, a urina apertando-lhe as entranhas, e um misto de medo e prazer tomou conta dele. Todas essas experiências, que aquele homem, não se sabe por quê, praticava em segredo, levaram-no a, fortuitamente, experimentar riscar, com um pedaço de galho, o folhelho macio da caverna onde costumava dormir. O folhelho respondeu e aceitou o risco de maneira dócil, permitindo que se formasse um traço grosso que, aos olhos do homem, lembrava o voo de um pássaro atravessando o céu, movimento que gostava de passar horas observando. A partir daí, Tortr, que seria seu futuro nome, por ele mesmo criado e adotado, começou a desenhar muitas formas de que gostava, a cantarolar, imitar sons e emitir ruídos cada vez mais numerosos e menos secretos. Assustava os mais velhos com gritos, contagiava as crianças, que por sua vez também o imitavam, e atraía as mulheres, que se aproximavam dele para aprender a rir e sentavam-se para escutá-lo. Foi assim, no meio de uma tarde de brigas e algazarra, que Tortr teve a súbita e dolorida compreensão do que se passava. Aqueles seres que o rodeavam eram como ele, iguais a ele, mas não eram ele. Cada um era um corpo separado, capaz de produzir as mesmas coisas que ele, Tortr, e ainda outras. Correu para o seu canto da caverna de folhelho e foi às pressas procurar aquela outra criatura que o imitava perfeitamente, no interior da caverna. Ele estava ali,

esperando por ele, e imitando todos os seus gestos à perfeição. Tortr tentava agarrá-lo, mas, por sua vez, o outro também tentava, e nenhum dos dois conseguia. Tortr reparou em suas mãos, suas pernas, seu rosto, e viu que o homem atrás do folhelho era em tudo idêntico a ele. Uma ideia, e essa foi a primeira ideia a surgir na mente de um homem, passou raspando pela imaginação de Tortr. Aquele homem era ele, ele mesmo. Tortr empalideceu, riu, começou a se mexer compulsivamente e a soltar breves ruídos de alegria e curiosidade. Não dormiu naquela noite e passou a madrugada inteira riscando traços diante daquele homem, que também riscava. De manhã cedo, Tortr já havia compreendido tudo. Ele era um e os outros eram outros. Aquela imagem no folhelho era ele mesmo. Seria preciso agora mostrar isso a todos e ensinar cada um a diferenciar-se. Entre os riscos produzidos durante aquela noite, Tortr encontrou uma combinação casual que o alegrava. Era um risco vertical e reto, cortado por três riscos horizontais e paralelos. Era a letra E, que nascia naquele momento e que, alguns dias mais tarde, serviu para que Tortr inventasse também o pronome “eu”, com que podia discriminar-se de todos, possibilitar a todos que também se discriminassem e que, mais tarde, inventassem em conjunto as primeiras canções, os poemas, as guerras e as palavras “elefante”, “ébano” e “ecgonina”, cujo significado ninguém conhece até os dias de hoje.

F

*Mas parece-me ver, vejo decerto,
Vejo terra e o litoral aberto.*

Já era madrugada quando Ariosto terminou, com estas linhas, de escrever o seu poema *Orlando*. Foi até a janela e ficou olhando longamente, àquela altura da noite, as sombras dos ciprestes no Parque Ferrara, onde, dois séculos mais tarde, seria erguido um monumento ao poeta. Angélica finalmente encontrara Bayardo e, aparentemente, tudo acabara bem. Era primavera, um vento fraco soprava no parque e os ciprestes balançavam as folhas com leveza, fazendo as sombras se moverem sem formas complexas. Nada parecia acompanhar a excitação e o tremor que dominavam as mãos de Ariosto, sua incerteza completa. Desde o início do poema, e ainda antes, Ariosto já tinha decidido que o nome Orlando seria um anagrama de Rolando, o herói de todas as cavalarias. Não queria que seu protagonista fosse apenas mais um cavaleiro, apesar das muitas fugas, sobressaltos e duelos, pois Orlando tinha características que nenhum Rolando poderia compartilhar. Ariosto intuía que de seu Orlando, enlouquecido de amor, algo impensável para qualquer herói digno do círculo de Carlos Magno, ainda nasceria outro herói, melhor, mais louco e importante do que ele. Seria um herói mais ousado e que, possivelmente, chegaria até a confundir moinhos de vento com gigantes. Ariosto sabia que ali criava um novo caminho, e os ciprestes nem por isso se mexiam. Ninguém enlouquecia como Orlando ou como o próprio Ariosto sentia que vinha enlouquecendo, em parte pela criação de seu personagem pioneiro, em parte pela contaminação amorosa que sentia provir da ira amorosa de Orlando por Angélica, só comparável à paixão que o próprio Ariosto sentia por Alessandra Benucci. Trinta anos haviam se passado desde que Ariosto começara aquela empreitada, que agora chegava absurdamente ao final, como se fosse possível chegar ao final de alguma coisa, e, sobretudo, algo como aquilo. Uma loucura salva pela paixão, como o autor sabia que deveria ocorrer na letra de sua obra, mas como não tinha certeza se também o salvaria em vida. O bom porto entre a loucura e a lucidez também deveria servir para resgatá-lo. Mas Ariosto não tinha certeza de nada. A lua, que através de Astolfo havia esfriado a ira de Orlando, agora só brilhava fraca sobre os ciprestes, não fazendo nada mais que refletir sombras semimortas. Como transportar para a vida o que parecia tão claro na ficção? Folheou o poema e releu o canto VI:

*De mui bom grado quis eu dar-te aviso;
Que não sei se haverá de aproveitar-te,
mas convém que não chegues de improviso
e de seus costumes conheças parte;
Tal como é desigual o gesto e o riso,
Desiguais podem ser o engenho e a arte
Ao maleficio escaparás, talvez,
O que, de mil, nenhum ainda fez.*

Ele, o autor, é que se encontrava entre aqueles outros mil a quem Orlando não soubera evitar o engano; ele é que se encontrava na diferença atônita entre engenho e arte, presa da astúcia e do pretensório domínio sobre

as palavras. De que lhe servia a beleza? Precisava agora encontrar um nome para o seu herói, recuperado da loucura, de volta para a vida, pelo braço da paixão. Qual era o elo que ligava a loucura à paixão? Ariosto procurou afoito os epítetos gregos: Egletes, o radiante; Lício, o luminoso; Nomios, o vagabundo. Partiu em seguida para os romanos: Febo, o brilhante; Coelispex, o observador; Articenis, o arqueiro. Lembrou-se subitamente das Erínias — Tisífone, Megera e Alecto. O castigo, o rancor e a interminável. Eram elas o elo entre a loucura e a paixão, e, embora não representassem de forma alguma o pensamento, elas continham o fogo irado da loucura e a infinitude gasosa da paixão. De nada adiantava sabê-lo; era preciso um Astolfo, uma lua, um poema falso para a lucidez atuar como eixo mediano entre as duas forças. Qual seria a palavra que poderia traduzir, em italiano, a abrangência das Erínias? Orlando, o irado; o encolerizado; o raivoso. Procurou avidamente em seus dicionários e encontrou uma raiz perdida no latim: “delírio”, “desvairamento”; no latim: “árum”. Foi ao alfabeto grego, pesquisou as letras e se deu conta de que a letra *f* grega não tinha equivalente no alfabeto romano. Podia encontrar uma palavra que sintetizasse as Erínias e o delírio latino, “árum”. Traduziria as Erínias por Fúrias para o romano, mantendo a raiz de “delírio” e acrescentando o *f* grego latinizado. Fúrias. Orlando Furioso, o castigado, o rancoroso, o infinito, o delirante. O que se salvou pelo delírio enfurecido. Inventar a letra F acalmou um pouco a tensão de Ariosto. Logo se deu conta de que a letra F habitaria também as flores e as fábulas, além dos fracassos e das feridas. Orlando tinha enfim um epíteto; Ariosto, uma obra e uma letra. Era um bom lugar para começar.

G

No momento em que Adão foi incumbido, logo após ter sido criado, de dar os nomes a tudo o que era vivente, os bichos e as plantas, ele soube que a tarefa, apesar de quase infinita, não seria difícil. Bastaria olhar para cada ser e o nome apareceria, extraído da conjunção de forças adâmicas. O ser e o nome de cada coisa se manifestariam claramente e surgiriam para coroar a aliança entre as criaturas e seu novo criador, o homem. Mas Adão se enganou. Alguns seres ora não manifestavam prontamente a natureza de seu nome, ora resistiam ao nome que Adão lhes designava ora oscilavam na apresentação de suas qualidades, deixando Adão em dúvida e desapontamento consigo mesmo e com o mundo que havia sido criado para ele. Mais tarde, esse mesmo desapontamento jamais o abandonaria, e seria fonte de outras tantas dificuldades que ele e sua descendência viriam a conhecer. Adão também se deu conta, rapidamente, da enormidade implacável de sua tarefa, pois, quanto mais criaturas ele nomeava, mais criaturas apareciam, como que vindas do nada, sedentas por serem nomeadas e muito semelhantes a outras que já haviam recebido sua designação. Adão chegou a duvidar se algumas criaturas não vinham se materializando secretamente, só para poderem receber um nome. Já não sabia mais se todos aqueles seres eram mesmo viventes. Por outro lado, não queria pedir ajuda a Deus, pois a missão tinha sido atribuída a ele, o homem feito de terra, e Adão queria cumprir o trabalho a contento. Aconteceu que alguns animais demonstraram uma imprevista força de personalidade, discordando do nome que receberam. Consideravam a combinação sonora muito fraca para sintetizar características como força, rapidez ou esperteza, ou então simplesmente não gostavam do som que lhes cabia. Os animais, como se sabe, haviam sido criados antes de Adão e, por sua anterioridade, que naquela época possuía uma extensão temporal imensurável, já tinham desenvolvido traços contundentes de personalidade e de presunção — não todos, é claro —, o que os fazia sentir-se à vontade para recusar o predomínio humano. Afinal, quem era aquela criatura pequena, recém-chegada, que se sentia poderosa o suficiente para passar a atribuir justamente o nome, o atributo de que os animais mais careciam e que mais desejavam? Mesmo então já se sabia que o nome seria a força que lhes permitiria ocupar um lugar na história dos seres. E acontecia que, por exemplo, ao ser chamado de “leão”, o bicho urrava de contentamento, acreditando que aquela palavra era a que melhor se ajustava a ele. Ao passo que outros, como, por exemplo, o lobo, consideravam aquela combinação sonora simples demais para conter toda a complexidade de sua espécie. Pois se sabe que, naquele tempo, os nomes coincidiam perfeitamente com o conteúdo que designavam e não houve arbitrariedade alguma nos nomes que Adão ia atribuindo aos animais. Depois de terminada a tarefa com os mamíferos, os mais visíveis entre os seres e mais semelhantes ao próprio Adão, era o momento das aves, dos peixes e dos insetos, todos muito numerosos e com pequenas diferenças entre si. Havia pássaros praticamente idênticos, só diferenciados ligeiramente pela tonalidade das penas ou pela inclinação do bico. Peixes com a cauda um pouco mais abaulada, mas em tudo idênticos a algum seu companheiro, que, justamente por aquela pequena característica, recusavam o nome que lhes era designado. Ao chegar a vez dos insetos, entretanto, Adão, já extenuado e praticamente no final de suas forças, considerou que sua missão já não era fundamental. Os insetos eram milhares, milhões e, afinal, não tão importantes. Invertebrados, mal sabiam se comunicar com ele como os demais e voavam à sua volta como loucos, sem comedimento nem educação. Adão decidiu que praticamente qualquer nome serviria àquelas pequenas criaturas. Foi quando, no meio desse processo de nomeação dos insetos, surgiu um ser ortóptero, da subordem ensífera, com longas antenas e órgãos auditivos visivelmente possantes. Esse ser possuía até a capacidade de escutar o que se passava na mente do homem. Adão imediatamente reconheceu naquela criatura outra que acabara de nomear e disse: “Louva-deus, você já tem

um nome. Dê seu lugar a outro animal”. O bicho voava e revoava insatisfeito, indicando a Adão que não era aquele o seu nome e, ofendido, punha-se a entoar um canto novo, estranho, que Adão nunca havia escutado. Olhando atentamente para o inseto, Adão percebeu que sua forma era um pouco diferente da do louva-deus e, surpreendentemente, não soube que nome dar a ele. Perguntou ao bicho: “Que nome você gostaria de receber?”. E o bicho disse: “Não sei. Penso que um nome com o formato daquela folha, que é a que mais gosto de comer”. Adão olhou bem para a folha e viu que seu formato era o de uma meia-lua entrecortada por uma reta. Que estranha figura! Um círculo cortado por uma reta. E decidiu que aquele pequeno inseto seria um enviado da boa fortuna, da boa consciência e que o ajudaria a nomear com graça e facilidade os seres restantes, aplicando a eles o desenho de folhas, árvores e outras configurações. Deu àquele bicho o nome de grilo e alegrou-se porque ele o tinha ajudado a criar a letra G, que serviu, mais tarde, para designar alguns mamíferos ainda não nomeados, como o gato, a girafa e o golfinho, todos animais alegres e cheios de bons augúrios como o grilo e todos eles portadores do paradoxo do círculo e da reta, componentes dessa letra tão auspiciosa.

H

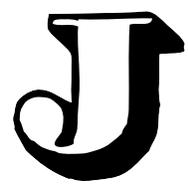
Às margens do rio Eufrates, ao pé de uma colina extensa, Berosus mais uma vez observava a abóbada celeste, a parte superior do ovo dentro do qual todos nos encontrávamos. Como poderia decifrar aquela pele de cor mutante, de caminhos sempre outros, se não tinha como sair daquele ovo? Sabia que só pelo lado de fora da casca conseguiria ver com precisão os mistérios daquela porção do estranho círculo. Berosus já sabia tratar-se de um círculo. Tinha certeza de que as interpretações dos sacerdotes Marduk e Uruk, de tradição suméria, estavam equivocadas. Caso todos estivessemos planando sobre uma reta, apoiados nas costas dos deuses, como aqueles sacerdotes teimavam em afirmar, não haveria mudanças no céu. As estrelas continuariam sempre no mesmo lugar, seriam sempre as mesmas, e os navegantes não atracariam com notícias sobre diferentes luas, noites que não acabam e sóis que não se põem. Para tudo isso ocorrer, Berosus sabia, era preciso o círculo. Mais uma vez, ficou horas observando a clareza da concavidade celeste e, mais uma vez, voltou desapontado para casa. Como poderia ler, na casca interna do ovo, os códigos secretos, mas essenciais, que os deuses nos enviavam? Ele sabia ser o escolhido para o cumprimento daquela missão; sabia que, se não a realizasse, algum desastre se abateria sobre a Caldeia. Já tinha, até aquele momento, anotado a existência de cinco astros errantes: Samas, Nabu, Delebat, Neberu e Salbatanu. Samas era o guardião, o Rei do Ano, e atravessava o céu num barco. Nascia ao leste todos os dias, pela manhã, brilhava e comandava os outros príncipes errantes, e descansava a oeste, todo fim de tarde. Comandava as colheitas, as cheias e as quatro estações. O filho de Marduk, Nabu, que aparecia tanto de manhã como à tarde, era o deus nervoso, por isso considerado protetor das águas e da escrita. Afinal, as águas se movimentavam geniosamente de acordo com sua imprevisível atividade pelos céus, e as letras daquela nova escrita em forma de cunha teimavam em reagir sempre de forma diferente ao que o escriba previa. Nabu regia as mudanças e devia, certamente, estar anunciando alguma coisa ruim. Delebat, astro gigantesco que só aparecia durante a escuridão e que parecia estar tão próximo de Nabu, era o deus do amor. Sob seus auspícios, a colheita era farta e os casamentos felizes. Já o astro que trilhava a rota constante através dos céus, Neberu, guiava os aventureiros e navegadores, indicando-lhes o caminho certo e mais cheio de bons augúrios. Era o deus da benevolência e do otimismo, o deus da lei, que Berosus não temia, mas, ao contrário, em quem confiava para salvar a ele e a todos os caldeus das ameaças de Nabu, o nervoso, e de Salbatanu, o deus da guerra, aquele de cor avermelhada. Juntos, Nabu e Salbatanu planejavam certamente assaltar a Caldeia, o Egito e a Suméria. Tudo isso viria sob a forma de uma grande enchente, que duraria quarenta dias e quarenta noites. Como Berosus transmitiria isso à população? Como diria a todos nós, contrariando Marduk e Uruk, que vivíamos sobre um espaço esférico, ovalado, sem ter onde nos apoiar, ou, o que é ainda pior, que vivíamos dentro desse espaço e que, se não nos defendêssemos, nos afogariamos sem piedade num líquido viscoso, presos para sempre à condição de filhotes antes do nascimento? Como poderíamos nascer? Berosus sabia que a única forma de nos livrarmos dessa maldição seria a saída do interior daquela casca ou a aceitação inevitável de que vivíamos numa esfera e precisávamos nos proteger. Com o amparo sagrado de Nabu, o temeroso, deus da escrita, Berosus tentou proclamar ao povo caldeu a semiesfera côncava, sob a qual devíamos aceitar nossa existência. A enchente viria, era urgente que nos protegêssemos e que Berosus escondesse suas tábuas e avisasse Antíoco sobre o lugar do esconderijo. O astrônomo veio até mim e, juntos, pois eu era talvez o único a acreditar fielmente nele e a visualizar a esfera côncava do céu, pensamos numa maneira de convencer o povo, tão afeito às superstições do hábito e às previsões de Uruk e Marduk, que o manipulavam arditamente para manterem

a hegemonia absoluta sobre o trono do templo. Minha impressão era a de que as letras em cunha, de tão difícil decifração e tão resistentes à inscrição na pedra, deveriam ser substituídas por símbolos mais retilíneos e definidos, que possibilitassem uma compreensão mais imediata por parte de todos. Pela primeira vez, Berosus concordou comigo. Era preciso encontrar um sinal que indicasse a semiesfera. Cavoucamos uma reta vertical sobre a pedra macia e definimos que aquela era a representação de Delebat e de Samas, nossos protetores, que olhavam por nós contra Nabu e Salbatanu. Outra reta, paralela àquela primeira, seria o signo do povo, os caldeus, ameaçados e necessitados de proteção. Uma reta horizontal, ligando aquelas duas, éramos nós mesmos, os enviados, e, acima de tudo, a fé na esfera, que nos aconselhava a construir uma arca, antes que os astros errantes entrassem em alinhamento e nos conduzissem à eterna asfixia dentro do ovo. Aquele sinal, as duas retas verticais unidas pela reta horizontal, era o som aspirado, o sopro vindo dos deuses, o signo da redenção e da aliança. Espalharíamos aquela letra por toda a Babilônia, nos templos, casas e banhos, e estaríamos sempre prontos a explicar e fazer soar aquele som aspirado e forte, símbolo do hemisfério e da arca da aliança. Muitos séculos mais tarde, os manuscritos escondidos por Berosus no monastério de Amorium seriam encontrados pelo califa Mutasim, que os repassaria a um grego conhecido como Tales de Mileto, astrônomo que reconheceria naquele texto a previsão e o acerto das interpretações de Berosus, que já reconhecera na esfera semicôncava o que Tales viria a chamar de “hemisfério”, em homenagem àquele símbolo que juntos havíamos criado e que, em nome da aspiração de sua pronúncia, veio a se chamar letra H. Hoje em dia, sobreviventes que somos daquela enchente, e já do lado de fora da casca do ovo, não sabemos mais utilizar em nosso favor a aspiração dessa letra, como representação que é do sopro divino, e, em nossa descrença, eliminamos seu som e seu sinal de aliança, utilizando-a somente como adorno inútil, em palavras de resto tão fundamentais como “homem”, “hoje” e “horizonte”.



Em 1857, Károly Lotz, então com 24 anos, saiu de sua cidade natal, Pest, em direção a Viena, onde trabalharia como valete na corte do rei Gustav zu Hessen-Homburg, ocupando o mesmo cargo exercido por seu pai dezessete anos antes. Não queria partir. Gostava de Pest e da Hungria sobre todas as outras coisas do mundo. Perguntava-se o que seria de suas tardes andando às margens do Danúbio, o rio doado por Deus, por onde Jasão trafegara junto aos argonautas, o rio azul, o Okeanos Potamos. Onde encontraria os livros da biblioteca Ervin Szabó, com os poemas sobre os camponeses magiares? “O pastor monta no lombo do burro, seus pés suspensos, o rapaz é grande, mas maior ainda é a amargura que carrega. Tocava sua flauta, pastoreava seu rebanho, quando lhe disseram que sua amada estava agonizante.” Como poderia continuar escrevendo seus próprios poemas em húngaro, numa corte que praticava aquela língua cuspidada, sem vogais, a língua do dominador, o bárbaro civilizado, tão diferente do bárbaro magiar, o selvagem primordial, de língua proparoxítona? Károly gostava de criar palavras; reunia os prefixos húngaros a radicais antigos, suevos, finlandeses e eslavos, inventando significados novos, que acabava adotando em sua fala e em seus poemas, os quais escrevia e lançava ao rio, imaginando se eles navegariam na direção da Romênia ou para o sul, para outras pequenas cidades húngaras, onde outros poetas ou pescadores os recolheriam. Assim, por exemplo, criou a palavra “alahuomenta”: *alla*, que quer dizer “sob”, em húngaro, e *huoment*, que quer dizer “manhã”, em finlandês. *Alahuomenta* era a madrugada, a submanhã, a hora em que Károly gostava de ficar acordado observando as estrelas e imaginando quem também as tinha observado antes dele. Mas era preciso partir para Viena. O trabalho como valete, afinal, não era nada desonroso e, sobretudo, dava continuidade à linhagem iniciada por seu pai, o velho Szabó, a quem prometera continuar servindo o rei Gustav. O rei, como ele, também era interessado em línguas e, apesar de falante daquele idioma maldito, era curioso e benevolente. Permitia que Károly escrevesse cartas em húngaro, mas fazia questão de que ele as traduzisse palavra por palavra. Perguntava pela correspondência exata de algumas delas, aprendera a cantar algumas canções naquela língua que considerava bruta, e pesquisava, com Károly, as histórias do passado magiar e seus antepassados godos. Riu muito quando, um dia, Károly lhe contou sobre sua mania de inventar palavras, e brincou com ele de criar algumas também em alemão. Era justamente a brutalidade o que Károly mais amava. Seu nome tinha o significado de “homem, o magiar, o camponês farto, o cidadão que não perdera o conhecimento da terra”. Por isso também aceitara partir para a corte vienense; Károly não conhecia a recusa. Fazia o que lhe era designado, pois era um homem. Sonhador, inventor de palavras, contemplador do rio e do céu, mas nunca menos viril por isso. Na corte de Gustav, Károly enamorou-se de uma criada também de origem húngara, vinda do vilarejo de Szól para trabalhar naquele mesmo castelo. Era uma moça graúda, com o olhar sempre baixo e os modos tímidos mas que cantava canções engraçadas e desafinadas na língua que Károly amava. Obcecado, perguntava a todos o nome da criada, mas, estranhamente, ninguém sabia, ou, ainda, pareciam ocultar-lhe algum mistério. Um dia, no corredor que levava ao seu quarto, próximo a um dos aposentos do rei, Károly atravessou o caminho da moça e, falando em húngaro, implorou que ela lhe dissesse seu nome. Cantou, recitou poemas, até a moça render-se e lhe dizer que não conhecia seu próprio nome. Tinha vergonha de seu passado, de sua família, de sua cidade e disse que todos a chamavam de Szegény, a pobre. Károly pediu a ela que parasse por alguns instantes. Fixou-a durante muito tempo nos olhos e viu que eles tinham a cor do Danúbio, a cor das estrelas húngaras, o caminho traçado pelos magiares até a fundação de seu país. Viu que seus olhos, embora tristes, marcavam a presença forte da mulher húngara, assim como seu próprio nome era o nome do homem. No centro da

pupila daquela Szegény, uma reta vertical e firme atestava tudo o que sua história contrariava. Era ela a amada agonizante, que a ele cabia agora resgatar de volta à Hungria, mesmo, e mais ainda, porque no exílio. Na linha reta de sua pupila, Károly divisou uma letra ainda inexistente no alfabeto húngaro e soube imediatamente que com aquela letra ele inventaria seu nome, bem como uma nova palavra, que o húngaro forneceria ao mundo para sempre. A letra era a reta I e o nome, Írisz, nome que até hoje se espalha pelas ruas de Pest e de Buda e que, em todo o resto do planeta, significa a parte mais visível e colorida dos olhos. A letra I, desde então, tem servido para iniciar outras palavras, algumas igualmente belas e outras nem tanto, como “istmo”, “iodo” e “intempérie”.



Petrarca se encontrava nesta altura de seu soneto CCXXIV:

*Ó minha alcova, que foste um porto
Às tempestades que cruzei diurnas
Fonte agora de lágrimas noturnas*

quando estacou. Era verdade que, naquele momento de sua vida, sua alcova, que já fora refúgio de tantos consolos e, vergonhosamente, também de devassidão, agora não mais podia aliviá-lo. Ali, nos últimos tempos, só encontrava pesadelos terríveis, que lhe atormentavam o dia, ou então somente uma morada prévia da lápide que um dia abrigaria seu corpo. Em seus pesadelos agora diários, Petrarca via a cidade de Incisa in Val d'Arno em chamas. O fogo podia ser avistado desde Florença, onde, entre os habitantes, estava seu pai, que viajava pela fumaça e apontava para o filho, gritando: “Você não chega aos pés de Dante, de Boccaccio, não chega aos pés de ninguém”. Era o mesmo sonho, apenas com algumas variações, todas as noites, quase sem exceção. A não ser quando tomava a mistura preparada por sua amiga Luba, que o visitava duas vezes por ano, vinda de Paris. Só então dormia sem sonhos. Já fazia três anos que se mudara para Pádua e esperava ali finalmente encontrar a paz que, apesar de tantas fortunas vividas, ainda não conseguira achar. Pensava se a causa dos pesadelos seria a cama, a mesma cama que trouxera consigo de Roma, Bolonha e Montpellier. Talvez o verdadeiro culpado fosse o móvel, por carregar em si, sobre si, a fonte dos pesadelos do poeta. Passara por tudo na vida junto com aquela cama, e Luba também lhe dissera que as coisas acabam por incorporar os melhores e os piores traços de seus proprietários. Talvez fosse a cama. Não queria se render a essa ideia tão frágil, que lhe parecia um pouco herética. Afinal, quais eram seus piores traços? Não se sentia em nada inferior a Dante e Boccaccio, nem se preocupava com isso. Já naquela época sabia que, graças a ele, o italiano se transformava, mesmo que lentamente, numa nova língua. Não sentia inveja, em absoluto, de seus dois colegas, um mais velho e outro seu coetâneo. Ao contrário, tinha admiração por eles, e o desejo profundo de dedicar-se à meditação e à contemplação, que o levara a Pádua, rechaçava uma vaidade tão mesquinha. Lembrava-se de como tinha se divertido com a *História de Griselda*, de Boccaccio, tendo até decorado o final, em tudo tão engraçado e diferente do que ele mesmo costumava escrever. O próprio Boccaccio, nas cartas que lhe escrevera e em seus poucos encontros pessoais, o considerava um mestre, fonte absoluta de cópia e inspiração. Quanto a Dante, seu mentor, seu hálito, seu guia, não havia o que dizer. Sabia que sua Laura era diferente daquela do florentino. Mais viva, mais frágil, mais possível. Mas isso em nada diminuía a Beatriz de Dante. Ao contrário, mantinha-a na mesma altura de seu criador: a altura do inatingível. Era lá que Dante deveria permanecer e era assim que gostava de admirá-lo Petrarca. Não havia razão, portanto, para as palavras de seu pai naqueles sonhos. Era certo que nunca conseguira atrair a atenção do pai e que, provavelmente, culpava-se por isso. Talvez fosse ele próprio, Petrarca, a gritar consigo mesmo, durante os sonhos, por ter falhado na conquista da admiração do pai. O verso não era, definitivamente, “fonte agora de lágrimas noturnas”. Seu incômodo era muito mais imediato, preciso, e tomava conta dele de forma integral. O que o perturbava era aquela palavra: “agora”. Era pouco para o que Petrarca sentia. Não era um sentimento simplesmente presente; tratava-se de uma força total, que o abarcava por completo e não lhe permitia encontrar a paz que buscava. Por outro lado, sabia também que, se encontrasse a forma correta de expressar aquela urgência plena, talvez pudesse estancar a angústia. tocar na urgência era uma forma de agredi-la de frente, de enfrentar seus pesadelos e

preparar-se para a morte certa, que viria e não demoraria. Não queria morrer atacado por pesadelos incompreendidos, indignos, salvo apenas por uma infusão desconhecida oferecida por uma parisiense. Era preciso dominar o incognoscível de seus sonhos; criar uma nova palavra, prenúncio de uma nova língua. Consultou seus manuais de latim, porque sabia que a palavra “agora” era insuficiente para expressar o que sentia. Encontrou, na letra I, a palavra “iam”. “Iam”, que quer dizer “neste instante, agora, presentemente, imediatamente”. Era essa a confluência de totalidade, imediaticidade e poder de que precisava para seu poema. O que o atormentava era preciso, não diluído na fraqueza do agora. Era a “fonte imediata de lágrimas noturnas”. A palavra estava certa. Mas não havia nenhuma boa tradução para ela. Pensou que a letra I, então já existente em italiano, poderia combinar-se com uma pequena curva inferior à esquerda, para formar uma nova letra, que se chamaria J, em homenagem àquela palavra que Petrarca acabava de criar, a palavra “já”, que daria conta de dizer o que o poeta sentia. O que lhe doía era “já”. Assim, Petrarca criou juntas a letra J e a palavra “já”. E, mesmo que, em seu poema, não coubesse dizer “fonte já de lágrimas noturnas”, o poeta sabia que a criação mesma da palavra lhe traria a força necessária para dar conta de seu sofrimento. A letra J e a palavra “já” existem uma graças à outra e se acompanham necessariamente até os dias de hoje, mesmo quando a letra serve para exprimir coisas completamente diferentes de “já”, como “jaula”, “jarda” e “jamais”.

K

Gérard tinha acabado de atravessar a praça María Pita, quando cruzou com María, José e seu filho Pablo. Gérard já admirava o menino e a amizade era totalmente retribuída. Olharam-se, cúmplices, e Gérard logo encontrou uma desculpa para ajudá-lo a livrar-se dos pais por mais aquela tarde. Tinha reparado o quanto o rapaz se interessava pelos fenômenos químicos e o próprio Gérard estava realizando alguns experimentos com novas pigmentações, o que certamente ampliaria o leque de cores que Pablo poderia utilizar em suas próximas telas. Essa solução foi suficiente para que os pais rapidamente desistissem de levar o filho àquela visita à casa dos tios. Pablo disfarçou o quanto pôde um suspiro de alívio e mudou de direção com mais rapidez do que os pais gostariam. Apressou o passo junto com Gérard e só acenou uma despedida frouxa aos pais, sussurrando que voltaria até o jantar.

Entraram como duas lagartixas apressadas no apertado laboratório de Gérard e, sem cerimônias nem meias palavras, já se sentaram à mesa onde se encontrava o livro. Pablo não sabia se prestava mais atenção nas ilustrações ou no texto que Gérard pronunciava naquela língua que o menino não entendia mas que soava como se fossem os desenhos que ele via. Alguma coisa entre o possível e o impossível, entre o fora e o dentro, o azul que não se via e que ele sabia que poderia criar. Eram sons inexistentes em espanhol, mas alguma coisa se reconhecia. Era o infinito que ele também reconhecia nas disputas de touros, em algumas pedras do Museu Arqueológico e Histórico, no azul do céu dos quadros de outros pintores aos quais ele sabia que seria igual.

Gérard, de apelido Papus, já traduzira as espécies dos infinitos, daquele que era o Livro da Criação, ou, naquela língua das formas sem forma como as cores impossíveis das ilustrações, o Sefer Yetzirah. Papus já explicara a Pablo que *sefer*, na língua hebraica, era “livro”, eram os números e as histórias. O livro era o número, o que numera e o que é numerado. Ou a história, aquele que conta e aquilo que é contado. Papus lhe contava as histórias do infinito e cada história era como se fosse um número. Assim era naquela geodésica cercada de letras e impregnada de pontos-estrelas por todas as partes: o ponto que era o infinito do princípio, o ponto que era o infinito do fim, do bem, do mal, em elevação, em profundidade, em oriente, em ocidente, em norte e em sul. Infinito para dentro e para fora, de dimensões e lados, de conteúdo e continente, Pablo sentia uma urgência em preencher de azul aquela imensidão de lados e pontos. Vinha aprendendo geometria na Escola de Belas-Artes, com finalidade puramente acadêmica. Mas desde o início aquelas formas inexistentes o fascinaram muito mais que sua aplicação pictórica. As formas que não existem, assim como a língua em que se pronunciavam aquelas palavras do livro, as coisas que elas diziam e a maneira como Papus as pronunciava e compreendia, tudo parecia pertencer a outro mundo. Não necessariamente um mundo além ou fora deste, porque Pablo nunca se entusiasmara tanto quanto o seu mestre pelas coisas do mistério. Mas coisas propriamente deste mundo, misterioso o bastante; coisas outras, diferentes do que vinha pintando, imitando, repetindo. Cores infinitas como a geodésica do Livro da Criação.

Antes de prosseguir com cada novo trecho do livro, Papus se virava para o outro lado do pequeno laboratório, e, virado para a janela, sussurrava as mesmas palavras, também naquela língua das consoantes chiadas, para depois retomar a leitura do livro: três letras-mães, o *aleph*, o *mem* e o *shin*; três princípios e suas posteridades: o ar, a água e o fogo; sete conquistadores e suas legiões: os planetas e as estrelas. Ia traduzindo as palavras para o papel e mostrava a Pablo, que só fazia assentir, boquiaberto.

O menino, por sua vez, sempre trazia desenhos novos para lhe mostrar, agora retirados com todo o cuidado do bolso de sua calça. Papus já antevia o estranhamento que Pablo era ainda incapaz de ver; o

químico sabia que aquilo se transformaria em linhas, formas, fragmentos, cores puras, a Espanha transformada em traço, a febre em forma de imagens. Da mesma maneira como Papus transbordava de conhecimento, demora e temor diante do livro, via que o menino transbordava de curiosidade, compulsão e fome das coisas. Pablo contrapesava Papus, e talvez também o contrário. Nada parecia conter o caminho de Pablo. Até onde ele iria? Até os infinitos das geodésicas e de seus pontos, até o fim dos mistérios das palavras.

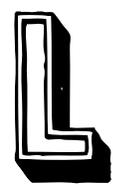
No meio da prece seguinte, enquanto pronunciava as mesmas palavras de sempre e enquanto Pablo folheava freneticamente seus papéis, pigmentos, filtros e ampolas, Papus lembrou que o menino talvez pudesse ajudá-lo. Vinha tentando traduzir, sem sucesso, uma palavra. Não encontrava, em sua língua, nada que soasse equivalente ao original em hebraico ou em aramaico. Pablo, que nos seus catorze anos conhecia as formas em estado de muito mais pureza do que ele, saberia atribuir formato e som exatos àquela ideia. Mas o que era esquisito naquele menino era como ele não se entusiasmava com a dimensão do mistério que Papus queria lhe mostrar. Devia ser aquele maldito anarquismo que vinha da cabeça de seu pai. Mas, se Pablo já conseguira superar seu pai na arte do desenho, por que o seguia na descrença? Por que Papus não era capaz de detê-lo, embora visse como ele se interessava por aquelas letras, formas e palavras? Quem sabe se pedindo sua ajuda na criação daquela tradução impossível, tão impossível quanto todos aqueles infinitos, não convencia o menino de sua vocação?

Debruçaram-se sobre o livro e Papus tentava explicar o que queria. A palavra era o infinito, eram todos eles, eram o espaço e o tempo que envolviam o nome dos nomes, a origem das origens e o fim dos fins. A geodésica era a representação daquele significado: o intocável, o incompreensível, o avesso do profano. Pablo fitava Papus e não alcançava tanta elevação. Por que não mantinha simplesmente a palavra no original? Se ela era o intraduzível, por que traduzi-la? Fez a pergunta de forma virginal, quase simplista, mas era precisamente o que Papus queria ouvir. Nem sabia que queria, mas era isso. Manteria a palavra na língua hebraica; era a melhor, a única tradução possível. A única palavra, em todo o Livro da Criação, em todas as suas traduções, que se manteria intocada. Era a síntese de todo o seu pensamento; dele, que tinha fundado a Ordem Maçônica dos Martinistas, ou Ordem dos Superiores Desconhecidos. O moço Pablo, com uma mistura de inocência e esperteza que, juntas, entravam em combustão, solucionara o problema do intraduzível. Agora era preciso criar uma letra que, na sua língua, correspondesse a um dos dois sons de uma das duplas do Livro da Criação: o *caph* e o *dalet*, que, juntos, representavam a paz. A letra era o *caph*, que não encontrara ainda um igual nas línguas modernas.

A palavra, no hebraico, era “cadish”, a esfera do inefável, do impronunciável, daquilo que só se podia sussurrar. Pablo olhou de novo, longamente, para aquela geodésica recheada de pontos brilhantes; enxergou caminhos e constelações, como os desenhos de monstros, seres alados e animais que ele via percorrendo as vias do céu. O infinito do norte e o infinito do sul seriam como uma reta, um caminho vertical para cima e para baixo, a circularidade da terra sob a forma de uma reta. O infinito do homem mundano que olha para o céu seria uma reta saindo diretamente em ângulo daquela primeira e apontaria para cima. O infinito do homem mundano que olha para baixo, para o que chamavam de “inferno”, para o fundo do subterrâneo da terra, lá onde Papus sabia existirem os minérios insondáveis, seria outra reta, também saindo daquela primeira mas apontando em ângulo para baixo. O menino assim criou a letra K e ajudou Papus a não traduzir a palavra “cadish”, que, nas nossas línguas, transformou-se em *kadish*, com a nova letra. E *kadish* também foi traduzido como “sagrado”, palavra pobre para designar o impossível.

A letra K, em compensação, alçou caminho para dar início a outras palavras fundamentais, ao menos para o ofício de Papus, como “kernita”, um borato hidratado de sódio monoclinico incolor, “KeV”, que é o símbolo do quiloelétron-volt, mistura de peso e eletricidade, e “kieselguhr”, que é uma variedade de adamita com grande poder de adsorção.

É certo que nenhuma dessas palavras tem a força e magnitude de *kadish*, mas Papus já se sentia satisfeito com isso e o menino Pablo também.



Começa então para Otálora uma vida diferente, uma vida de vastos amanheceres e de jornadas que têm o odor do cavalo. Aquela vida é nova para ele, e às vezes atroz, mas já está em seu sangue, porque, da mesma forma que os homens de outras nações veneram e pressentem o mar, assim nós (também o homem que entretece esses símbolos) ansiamos pela planície inesgotável ressoando sob os cascos.

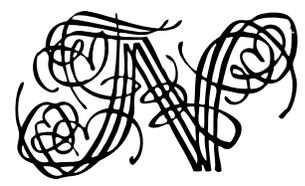
Manoel Teixeira imaginava essas palavras que um dia ainda seriam escritas. Fora companheiro de Otálora e presenciara sua morte pelo chefe Azevedo Bandeira; todos os companheiros o haviam traído. Ninguém ousara desafiar Bandeira; fosse por tradição, por respeito verdadeiro ou por temeridade, o traído tinha sido o próprio Otálora e hoje sua história se transformara numa lenda feia, da qual os homens só faziam rir. Ele era agora um exemplo da coragem irrefreada que, quando impulsiva e desmedida, é pior do que a covardia. Bem que o escritor diria, sessenta anos mais tarde, logo no início de sua história, que Otálora tinha sido um triste *compadrito*, sem mais virtude que a monotonia da coragem. Manoel conhecia esse enfado; sabia que a bravura pode ser consequência da melancolia causada pelos pampas. A mesma melancolia que tomara conta dos primeiros imigrantes, que, vindos atrás das terras do ouro e só encontrando planícies sem nenhum fim nem começo, acabavam aderindo à coragem, veneno da imensidão. Manoel ouvia os barulhos da planície: eram sons ecoados, vindos de dentro da terra e do passado. Podia ouvir os trotes dos cavalos que já tinham passado, o passo dos bois, o silvo dos lagartos. Ouvir o pampa era como vê-lo. Só gaúchos verdadeiros como ele, e como tinha sido Otálora, em sua desmesura furiosa, enxergavam o campo da mesma forma que o ouviam. E, se ouviam e viam um cavalo manco que passara por seu pedaço de terra algumas horas ou dias antes, viam também, encilhados no passado, os alazões que brigaram nos Farrapos, nos contrabandos de gado e de bebida, na conquista daquele grande nada. O coronel Azevedo agora já se fora, assim como a mulher ruiva de cabelos esplendorosos, e quase todos os seus sequazes também. Manoel, junto com mais outros dois, era um dos que sobraram, mas nunca se esquecera de Benjamín Otálora, o único, em todos aqueles anos, que ousara desafiar a liderança do coronel. Mesmo agora, depois de o chefe ter morrido já havia tantos anos, não restara mais nenhum gaúcho capaz de substituí-lo, nem louco ou suficientemente corajoso para tentar fazê-lo. Ficavam todos por ali, soltos, gastos, na perdição horizontal da planície, adivinhando o sol, alguma brisa e pastoreando o gado dos chefes de outras fazendas. Todas as tardes, Manoel montava em seu cavalo e saía planando pelos campos, lançando sua corda sobre os bichos, as árvores e outras plantas, testando sua velocidade e a destreza de sua corda. Era o melhor criador e apertador de nós dos pampas, e de longe o melhor lançador de cordas. Ouvia à distância os ruídos de algum outro cavalo se aproximando e sabia se sobre ele vinha montado outro lançador. Era a única atividade que ainda o resgatava do cansaço e da submissão involuntária àqueles chefes sem nome nem autoridade. Naquele fim de tarde, enquanto imaginava aquelas palavras que um dia seriam escritas, e se lembrava de Benjamín, principiou a ensaiar novos formatos de nós com seus cordames. Pousou as fibras no chão. Formou com elas uma linha reta na vertical e, num ângulo de noventa graus à direita, na parte inferior, outra linha horizontal. Pensou que a linha vertical era como o tempo, que vinha desde a sombra de Otálora e seu desafio cego à tristeza sem fim dos pampas e ia até o futuro, quando aquele escritor, também cego, escreveria aquelas linhas. A linha horizontal era a própria planície, o pampa, que se estendia do vazio onde Manoel se encontrava agora até os lugares onde havia outros cavalos e cavaleiros sentados a esmo, desenhando nós mas nunca como ele. Aquela forma seria uma letra, o L, com o qual Manoel também inventaria o laço, para laçar outros cavalos, dar nome ao seu trabalho predileto, o de

laçador, e também para enobrecer o nó, de tão empobrecida herança. Mais tarde, a letra L também serviria para nomear vários tipos de cavalos, plantas e planícies, além de outras palavras tão importantes para os habitantes das planícies, como “légua”, “lábia” e “lhanura”.

M

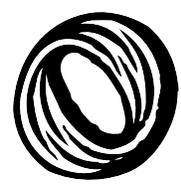
No caminho para o palácio, Boécio se lembrou de que faltava uma parte importante em seu discurso de autodefesa. Pediu a Siger, que quase corria de tanta pressa, que o aguardasse; ele precisava escrever aquele trecho. Não havia lugar, àquela altura, em que os dois pudessem parar, assentar o tinteiro, molhar a pena, desenrolar o papel e escrever sem tremer as letras ou manchar o texto inteiro de tinta. Além do mais, Siger tinha certeza, mesmo sem conhecer o fragmento ausente, de que ele não deveria ser tão importante a ponto de alterar a compreensão do papa; ao menos não mais do que tudo o que já tinha sido escrito. Boécio tinha o hábito de exagerar e era excessivamente detalhista. Os dois já tinham passado quatro noites inteiras redigindo aquela carta, perdendo toda a tinta e os papéis que nem possuíam, penhorando tudo o que podiam e criando todos os problemas possíveis com usuários, estalajadeiros e religiosos. Não haveriam de parar agora, quando já estavam atrasados para o encontro com Nicolau III. Stephen maldito, gritava Boécio, até aqui, quase diante do papa, nos trava a existência. Foi por causa dele, novamente, que me esqueci de acrescentar o trecho sobre os aspectos do ser. Era como se Stephen, o reitor da Universidade de Paris, continuasse a persegui-lo por todo lado; entre as linhas das cartas, nos poços onde se lavava, entre os arbustos dos campos em que caminhava, sempre fugindo. Em nome de tudo em que acreditava, do sistema que desenvolvera, não aceitava que um religioso atacasse o outro daquela forma. Siger sempre fora mais realista do que ele e soubera, desde o princípio, que ambos tocavam lugares perigosos, que decerto lhes causariam problemas. Mas não era possível que justamente aquele trecho tivesse sido ignorado; Siger não se conformava. Tinha avisado o amigo, antes de perder-se no sono por algumas horas, que não se esquecesse de escrever sobre aquilo. Isso sim era fundamental na doutrina que defendiam e poderia fazer alguma diferença, quando Nicolau, após escutá-los e ignorá-los, se lembrasse de reler a carta à noite, antes das abluções e logo após conversar com seu secretário particular, que o aconselharia a dar mais atenção aos dois dácios. Siger sabia que a parte de sua teoria que dizia respeito aos aspectos do ser, especialmente as disposições idealizadas por Boécio, continham algo de revolucionário até mesmo com relação a Aristóteles. Podia atribuir todos os defeitos a Boécio, mas sabia que aquele era um homem único, talvez eleito por Deus, e que sua concepção sobre o aspecto especulativo da gramática poderia renovar a Igreja. Estacou. Mesmo que atrasassem mais um pouco e correndo o risco de que não houvesse espaço nem no papel para acrescentar aquele trecho nem na rua para escreverem, Siger concordou em parar. Os degraus da igreja de San Silvestro al Quirinale, que acabavam de cruzar, pareciam suficientemente largos para abrigar uma carta esticada, sem o perigo de que o papel se enrugasse ou sujasse. Os dois só podiam agradecer que fosse um dia de primavera, sem muito vento ou sol, e não um dia de inverno, como o dia de sua expulsão de Paris. Boécio estendeu a carta sobre o degrau, colocou uma pedra de apoio sobre a margem inferior direita e pediu a Siger que a segurasse pela parte superior, sentado no degrau de cima. Tirou o tinteiro e a pena de seu saco, depositou-os sobre o mármore e releu o final do manuscrito, que já conhecia de cor, não só com seu coração, conforme se diz, mas também com suas veias, seu sopro, seu sangue e, se lhe fosse permitido, sua alma. “O supremo bem possível consiste no conhecimento da verdade, na prática do bem e no deleite em ambos os tratados dos aspectos de significar.” Eram justamente os aspectos da significação que os haviam expulsado de Paris, e talvez condenado à morte, a depender do humor que o papa decidisse adotar naquele dia de primavera, e também eram, agora, a parte que faltava na carta. Como o homem poderia se deleitar — termo por si só tão ameaçador e que já provocara tanta discussão — com os tratados que não estavam descritos no documento? Ainda havia algum espaço entre o final do texto e as assinaturas de Boécio e de Siger, para que Boécio explicasse, ainda que brevemente, o que eram aqueles aspectos. Poderia escrevê-los

com letras menores, como que imitando uma espécie de tabela, em pequenas colunas. Tinham pouco tempo, se atrasassem demais o papa não os receberia e então seriam certamente objeto de mais um espetáculo de morte para aqueles ridículos romanos. Estava prestes a escrever, em três colunas, “aspecto; matéria; forma”, quando parou novamente. Não era possível, pensou Siger. O que seria agora? Não, Siger, a palavra não pode ser “aspecto”. O aspecto está relacionado à contemplação celeste e nós não queremos que o papa também nos confunda com cientistas, como fez aquele francês. É preciso encontrar alguma outra palavra. Dessa vez, por mais urgente que fosse o caso, era preciso concordar. Já condenados pela teoria da dupla verdade e ainda correndo o risco de serem confundidos com astrônomos, seriam certamente incriminados. Boécio se lembrou de uma palavra que tinha ouvido recentemente pela primeira vez e que tinha lhe chamado a atenção: “hodierno”. Os romanos a usavam com frequência, referindo-se tanto às novidades que grassavam diariamente na cidade, como à forma única e inusitada como elas aconteciam. Uma palavra que contivesse simultaneamente o sentido de atualidade e de particularidade; era disso que se tratava. Mas não podia usar a mesma palavra que os romanos, compreendida com tanta temeridade pela Igreja. Pensou na palavra “moderno”, mas não havia, em latim, uma letra para representar essa palavra, como havia em dinamarquês. Criou imediatamente, ali, sobre as escadarias de San Silvestro al Quirinale, a letra M e a palavra “modo”, e preencheu as três colunas com os títulos: Modo, Matéria e Forma, sob os quais ele colocou os seres, as propriedades e as disposições das coisas do mundo, justificando assim o deleite do duplo entendimento da verdade, pela fé e pela razão. Mais tarde, Boécio e Siger seriam absolvidos, e seria o papa Nicolau III o condenado eterno ao oitavo círculo do inferno, por culpa de simonia. A letra M e a palavra “modo”, assim como a memória de seu criador, sobreviveriam ainda por muitos e muitos séculos, nomeando duplas e múltiplas verdades, como a memória, a mente e o próprio mundo.



Agora, Lúcia e Clara tinham visto um camelo com duas corcovas. Só não concordaram a respeito do lugar por onde ele caminhava; uma achava que era por um grande deserto sob um sol escaldante; a outra, que era por uma cidade antiga, exposta para os compradores que vinham de longe. Mas como Clara não via que era um deserto? Era até possível sentir o sol, de tão forte, e ver as centenas de dunas que se acumulavam ao redor do camelo. Não eram dunas, eram as pessoas amontoadas, cujos rostos nem dava para distinguir, tantas eram elas; ficavam parecendo uma coisa só. Elas imaginavam como seria ter um camelo como aquele, montar sobre ele, e o nome que lhe dariam: Al Gotasim ou um nome simples mesmo, como Cláudio? Um camelo que retivesse por mais de um ano a água bebida, e elas não precisariam mais se preocupar com isso. Ele forneceria água sempre que elas quisessem, e elas poderiam caminhar sozinhas, por todas as cidades do mundo e por muito tempo. Agora era uma mulher gigante. Não, era uma mulher gigante com corpo de homem. Era forte, troncuda e não tinha peitos. Mas era porque estava sendo vista de frente, por isso os seios não apareciam. E, se ela era gigante, tinha que ser forte mesmo. Não, era um homem, sim. Clara já tinha ouvido falar desses homens com rosto de mulher; os lábios finos, os olhos sedutores, mas, se alguém se aproximasse deles, eles devoravam a pessoa e mais todas as suas gerações passadas e futuras. Como era possível devorar quem não estava lá? Era sim, aquele gigante devorava o tempo de cada pessoa. E cada pessoa tem um tempo diferente?, Lúcia perguntava, para logo depois concordar, inevitavelmente, que, sim, era claro que todos tinham tempos únicos e que dentro de cada pessoa também havia vários. Mesmo aquele gigante agora ali: ele certamente não vivia no mesmo tempo que elas. Mas Lúcia era estúpida mesmo, como ele poderia, se vivia de engolir o tempo? O que elas estavam vendo agora nem estava acontecendo naquele minuto mesmo. Ela não tinha ouvido falar que algumas estrelas já tinham morrido fazia muitos milênios e que nós só as víamos agora, depois de sua morte? Sim, disso ela ouvira falar, mas não de engolidores de tempo. Era tudo a mesma coisa. E, se fossem pensar bem, elas também faziam isso, pois agora mesmo já nem sabiam mais se era hora do almoço ou do jantar. Clara era mais esperta, Lúcia sabia, mas tinha certeza de que, na sua lentidão, alguma coisa a salvava. Sabia que alguma coisa ela conhecia melhor do que Clara, apesar de sua lerdeza; podia sentir que havia um conhecimento que estava depois ou antes das coisas mas que era diferente. Afinal, sempre acontecia isso. Clara sabia dizer os nomes certos, conhecia os fatos, mas, à noite, na cama, Lúcia descobria algo sobre o qual elas não tinham conversado. E era a coisa mais certa de todas, mesmo que ela não pudesse contar no dia seguinte. Não tinha importância; ela sabia que era mais verdadeiro. Dessa vez, agora que o gigante ou giganta passou, era o carneiro que sempre voltava, todas as tardes. Que carneiro cansativo! Será que ele não tinha mais o que fazer? Hoje ele tinha voltado um pouco diferente. Com uma menina tosquiando o seu pelo. Será que lá era verão e ele estava com calor? Lúcia já havia tosquiado um carneiro. Será que Clara sabia que alguns carneiros acompanhavam os cavalos de corrida, logo antes de eles correrem, para os acalmar? Ela sabia que carneiros acalmam cavalos, pessoas e até touros? Lúcia não contaria. Mas agora vinha uma nuvem que elas não souberam identificar. Era estranha. Três pessoas enfileiradas e a do meio estava inclinada. Devia estar segurando a cabeça de um e o pé do outro. Mas para quê? Será que eles iriam cair e o do meio seria como o carneiro que passou, um acalmador de pessoas prestes a cair? Clara, como sempre, tinha certeza de que aquilo era um símbolo. Era o número de moléculas. Mas você sabe o que são moléculas? Claro que sabia, pois ela sabia tudo. Moléculas são átomos de água ou de oxigênio e isso é o símbolo delas, e está passando porque o céu está cheio delas e estão avisando que está na hora de elas passarem. Mas, se elas não passam sempre, por que eles avisariam agora? No final da tarde é hora de elas passarem em maior quantidade, e tem trânsito de carneiros,

gigantes, camelos, essas coisas, então é preciso liberar o lugar. Lúcia ficou quieta. Aquilo era absurdo; dessa vez não iria discutir. Esperou Clara sair, depois que a mãe a chamou para alguma coisa. Jantar ou lição, não importava. Lúcia ficou sozinha no gramado. Aquilo era um homem segurando o pé de um e a cabeça de outro, homens que estavam caindo e precisavam daquela pessoa no meio para sustentá-los. Eram homens importantes, que vinham trazer novas para nós e já estavam indo embora, muito rápido, como todos os outros. As novas eram que eles pertenciam a um mundo de formas passageiras, que também olhavam para nós daquela distância e também tentavam adivinhar os nossos formatos. Aqueles homens quase caindo, por exemplo, tinham dito que Lúcia e Clara eram dois grãos de areia que tinham se perdido de um grupo maior, que tinham fugido da praia. Mas isso era muito pouco importante perto das notícias que vinham trazer para nós, de quem eles gostavam tanto. Nós precisávamos saber — Lúcia sabia naquele seu íntimo de conhecimento da natureza e do mundo — que havia outro mundo de coisas fofas e moles passando sobre nós e que eles queriam se comunicar conosco. Os homens estavam quase caindo, porque não suportavam o peso daquela notícia de que eram os portadores. O homem que os sustentava era um sábio mais experiente e os acalmava enquanto eles passavam, acenando com a notícia. Lúcia soube imediatamente que aquele não era o símbolo das moléculas. Era a letra N e, com aquela letra, ela sabia que os homens lhe anunciavam a palavra “nuvem”, o mundo que passa e que nos comunica novidades do céu. Lúcia anotou a letra N e a palavra “nuvem” em seu pequeno caderno, e os homens subitamente se acalmaram. Tinham cumprido sua missão, com a criação daquele nome e daquela letra. Posteriormente, a letra N ajudou muito aqueles mesmos homens, que com ela criaram derivados de “nuvem”, como “nublado”, “nebuloso” e “névoa”. Para nós, aqui, a letra N também foi de grande valia, para formar não só derivados de “nuvem”, mas também coisas novas, como “navio”, “noite” e “nada”, onde passam as nuvens, os camelos e os gigantes.



Yeba Buró era a avó do mundo. Ela queria criar a terra e, para isso, resolveu gerar cinco trovões. Os trovões teriam força e bravura suficientes para empreender essa tarefa imensa. Entre as entidades que existiam, e que eram poucas, como as montanhas, as pedras e o vento, Yeba Buró considerou que os trovões seriam os únicos capazes de ajudá-la. As montanhas, por serem imóveis e pouco ágeis, não haveriam de percorrer os sete cantos dos lugares e dos tempos, junto com ela, para formar a casca da terra. As pedras, por serem filhas primogênicas das montanhas, e também pesadas e sempre cansadas, tampouco a acompanhariam. O vento, por razões contrárias, de tão vaporoso e apressado, não teria a paciência necessária para se deter junto a ela. Os trovões seriam seus melhores assistentes, pois, embora um pouco rebeldes, se moviam com vontade e garra constantes. O mundo, nessa época, já estava parcialmente criado; mas faltava a humanidade, que seria tarefa específica dos trovões. Para isso, era preciso também inventar o sol e a lua, as florestas e os bichos, para que a humanidade pudesse se aquecer, se alimentar e reproduzir. O primeiro trovão, Dihiputiro-Porã, conseguiu gerar o sol. Tirou todo o fogo que possuía dentro de si, soprou, explodiu, gerou o sol e morreu. O segundo trovão, Baaribó, também conseguiu criar a lua. Esvaziou-se de todo o seu fogo, encolheu-se até quase desaparecer, fez a lua e logo morreu. O terceiro trovão, Goamu, teria que inventar as florestas. Viajou com toda a força até um enorme descampado, do tamanho do sol e da lua juntos, e irradiou sons e luzes sobre a terra. A terra principiou se mexendo, respirando, até que dela brotaram as primeiras árvores, que foram se amontoando, se multiplicando, até se transformarem na floresta das florestas, a *wirapoya*, onde até os dias de hoje vivem os descendentes tardios daquela humanidade primeira. O quarto trovão, por sua vez, precisaria gerar todos os bichos: da floresta, do ar e até os da água, que nem tinha sido inventada ainda. Mas seriam os próprios bichos da água que a inventariam mais tarde, pois não tinham onde respirar. O trovão Yugupó não sabia como fazer os bichos. Revirou-se, soprou, explodiu, gritou, mas não conseguiu. Foi pedir ajuda a Yeba Buró. Ela lhe disse: “Yugupó, olhe para o sol, para a lua e principalmente para as florestas. Mas olhe por muito tempo. Eles vão ensiná-lo a fazer os bichos”. Yugupó foi e olhou, olhou, olhou: para o sol, para a lua e para as florestas, e descobriu, depois de muito tempo, depois de o sol já ter caminhado mais de mil vezes, que os bichos seriam uma combinação dos três. Teriam suas cores, seu brilho, sua respiração e sua escuridão. Num grito sem paralelo, como nunca tinha conseguido dar, Yugupó soprou os primeiros bichos: a onça, o macaco, a cobra, o gavião e o pacu. Chegou então a vez do quinto trovão, Uiawu, criar a humanidade. Ele tinha observado com toda a atenção o que os outros trovões, especialmente o quarto, Yugupó, tinham feito para criar o sol, a lua, as florestas e os bichos. Sem querer pedir ajuda a Yeba Buró, decidiu que a humanidade deveria conter a luz do sol, a escuridão da lua, a exuberância das florestas, a variedade e a vida dos bichos, e mais alguma coisa que ele ainda não sabia bem o que era. Só o que sabia era que, para cumprir essa tarefa, seria necessário reunir toda a potência dos outros trovões, seus irmãos, e ainda superá-los. Mas, por mais que pensasse e tentasse, Uiawu não conseguia criar a humanidade e, depois de muitos esforços frustrados, resolveu procurar Yeba Buró. Mas a avó da humanidade logo percebeu que a Uiawu faltava um componente essencial para que a humanidade fosse criada: Uiawu não era ardiloso. Não sabia inventar mentiras, falar outras línguas, nem conhecia as palavras, que eram a única coisa que separaria os homens do resto da criação. Mesmo assim, Yeba Buró não queria entristecer o quinto trovão, que tanto se esforçara e cuja intenção era cheia de alegria. Sugeriu a ele então que, juntos, criassem dois bisnetos: Yeba Goamu e Umukomashu Boreka. O trovão concordou e ficou feliz. Não haveria desonra, pois os quatro partiriam juntos numa canoa, levariam suas riquezas — que eram o sol, a lua, as florestas e os bichos, além das montanhas, das pedras e do vento

— para todos os cantos da terra, e, em cada lugar onde aportassem suas riquezas, nasceria uma porção da humanidade, cada uma com suas propriedades diferentes. Além disso, para completar seu contentamento, Uiawu teve uma ideia. Por que não inventavam os bisnetos criadores de gente a partir de um círculo branco, vazado, enorme, idêntico àquele outro de casca fina, de onde ele tinha visto nascerem os gaviões, as cobras e os pacus? Se aqueles bichos podiam sair daquela casca circular, os bisnetos, que já eram o prenúncio da futura humanidade, sairiam de um círculo semelhante, porém vazio, pois os homens já seriam os criadores das coisas e não precisavam de círculos maciços. Yeba Buró gostou muito da ideia de Uiawu e ainda disse a ele que aquela seria não somente a fonte da criação dos homens, como também uma letra, com a qual a humanidade criaria as palavras, que a fariam diferente de todos os outros seres da criação. Aquela seria a letra O, e a casca branca circular, a qual a tinha inspirado, se chamaria “ovo”. Assim nasceram essa letra e esse objeto, criadores plenos e vazios, de onde saem bichos, alimentos e tantas outras palavras prolíficas e auspiciosas, como “ontem”, “osso” e “ouro”.

P

E, depois de Eliau ter intercedido em favor de Deus, contrariando Elifaz, Bildade e Zofar, seus amigos havia muito mais tempo, Jó se retirou para sua tenda, sem nada pronunciar. Nem palavra com que concordasse nem som que o contrariasse; nem demonstrou apego aos antigos amigos, ou agradecimento ao jovem que se interpunha em favor de Deus. Retirou-se simplesmente. Os amigos não interpretaram mal esse gesto, nem mesmo Eliau, que compreendia a gravidade não só daquela cena em particular, como de toda a situação. Jó não era um eleito; nada havia nele que lembrasse liderança ou bravura. Era um homem liso, reto, que havia perdido tudo e que se perguntava sobre essa perda. Então, como Eliau sabia que se tratava de um caso único, se havia outros tantos, que, como Jó, também perderam suas ovelhas, camelos e vacas e, ainda mais, seus filhos e filhas, suas terras e, pior ainda, sua fé? Como sabia Eliau que Jó pertencia à linhagem dos sacrificados, como Abraão e Moisés antes dele e como seriam João Batista e Jerônimo muitos séculos depois? Porque Eliau era um iniciado no sacrifício, no fumo que faz subir aos deuses a parte doada e desdobrada na terra. E agora, com a supressão recente das imagens dos outros deuses nos altares do sacrifício, e sua substituição por um único Deus, o sacrifício ainda adquiria outras significações, menos pessoais, mais misteriosas. Quem era esse Deus único que exigia sacrifícios inexplicáveis e que não possuía características com as quais se pudesse associar o objeto oferecido? Como era o Deus incharacterístico? Eliau era dos poucos que sabiam não ser necessário saber alguma coisa. Que o mistério dos mistérios em torno do Deus único era a maior e, também, a melhor explicação. Por isso, porque nada sabia, Eliau conhecia a importância de Jó e nada exigia dele como resposta a suas advertências. Pois dissera: “Eis que Deus é grande, e nós não O compreendemos, e o número dos seus anos não se pode esquadrihar. Porque faz miúdas as gotas das águas que, do seu vapor, derramam a chuva, a qual as nuvens destilam e gotejam sobre o homem abundantemente. Porventura pode alguém entender as extensões das nuvens, e os estalos da sua tenda? Eis que estende sobre elas a sua luz, e encobre as profundezas do mar. Porque por estas coisas julga os povos e lhes dá mantimento em abundância. Com as nuvens encobre a luz, e ordena não brilhar, interpondo a nuvem, o que nos dá a entender o seu pensamento, como também ao gado, acerca do temporal que sobe”. E sabia que Jó entenderia que só o silêncio poderia ajudá-lo a responder e compreender o que deveria fazer. Como também que Jó, por ser liso, e reto, e igual a todos, tinha sido escolhido por Satanás para desafiar aquele estranho e novo Deus, que brigava com suas criaturas e que queria argumentar com elas. Jó se sentou sobre a terra, sobre a parte da tenda não coberta por pano algum, e começou a brincar com os grãos de areia e restos de lama da chuva da noite anterior. A chuva a que Eliau se referia em sua fala. Um temporal que parecia anunciar finalmente o término de todas as coisas e que, em vez de assustar Jó, o aliviava. Estava cansado e não se sentia capaz de compreender mais nada. Não se decidia por revoltar-se contra o Deus que sentia querer desafiá-lo nem por voltar-se para os deuses de outros povos, ainda ignorantes do Deus único. Seus amigos tentavam convencê-lo, mas Jó ainda julgava poucos e fracos seus argumentos. Se agora também abandonasse sua fé, o pouco que não lhe tinha sido tirado, o que lhe sobraria? Voltar a possuir tudo o que um dia teve lhe entediava o espírito; seria por demais trabalhoso e, além disso, não voltaria a ver seus filhos e filhas, os campos que cultivara, a casa que construía. Eliau tinha grande parcela de razão; mas, mais do que razão, era a beleza de sua voz e de suas falas que o impressionava. Elifaz, Bildade e Zofar nunca haviam falado com ele dessa forma. Falavam de gado, camelos, de deuses e terras, mas nunca mencionaram o mistério do que não alcançamos. A chuva, o vento, a extensão das nuvens. Interpretavam tudo como prova da ineficiência daquele Deus que Jó resolvera adotar. Jó fitou os grãos de areia escorrendo por suas mãos. A areia que escorria fácil e a lama que grudava nos dedos. A

mesma matéria, que, misturada à água, se comportava de forma tão diferente. Era a mesma matéria ainda assim. Soube, naquele instante, que ele também, puro Jó, era feito daquela própria matéria, como fora Adão antes dele, e o mesmo Abraão, seu parente distante, de quem se falava em todas as aldeias, e também seus filhos e filhas, agora já mortos. Soube que ele mesmo era terra, como quem dele viera antes e viria depois. Conheceu a razão de Eliau, embora isso não diminuísse a lealdade de seus amigos. Decidiu que, em homenagem àquela porção de terra que, misturada à água, se convertia em outra coisa e que, misturada ao sopro de Deus, ainda em milhares de outras, inventaria uma letra e uma palavra. Seriam a letra P e a palavra “pó”, o mesmo pó a que Deus se referira quando dissera ao primeiro homem: “Cuidado, homem, porque tu és pó e em pó te hás de converter”. Jó não conhecia a sua falta, mas, a quem nada é dado compreender, também não é devido questionar. Basta a essa criatura aceitar, com nobreza e simplicidade, sua condição certa e verdadeira de pó. Jó voltou da tenda, para seus amigos antigos e para seu novo companheiro, e, dirigindo os olhos para o céu, proclamou: “Escuta-me, pois, e eu falarei; eu te perguntarei e tu me ensinarás. Com o ouvir dos meus ouvidos, ouvi, mas agora veem os meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza”. E assim nasceu, junto com o conhecimento de Jó sobre o que não se pode conhecer, a letra P e a palavra “pó”. Pois o pó é o que arma e o que desarma, o que faz e o que desfaz, o que é, o que foi e o que deixará de ser. E da letra P também surgiriam muitas outras palavras, menos e mais importantes do que “pó”, mas nunca tão várias quanto ele, como “pedra”, “pão” e “poesia”.



Pela 108ª vez (segundo seus cálculos mais que imprecisos), Eder Barkarna respondia a uma pesquisa de algum grupo de estudantes de linguística (provavelmente americanos), que procuravam descobrir definitivamente a origem da língua basca. Pela 108ª vez, ele dizia que a língua era pré-romana, que tinha algum parentesco com o georgiano e algumas estruturas semelhantes às do japonês, e que não era verdade que seus verbos eram utilizados sempre na voz passiva. Já sabia praticamente de cor os termos de suas respostas, só trocando esporadicamente a ordem de algumas frases, já que os estudantes de linguística são os que mais gostam de estudos comparativos, e seriam capazes de pesquisar com outros colegas para cotejar as respostas de Barkarna. Ninguém, até agora, tinha se mostrado ousado ou criativo o bastante para imaginar perguntas mais intrigantes e capciosas. De 108 turmas de linguística, nenhuma que buscasse uma teoria ou gênese mais interessantes, que diabo! E Barkarna, sozinho (como seu próprio nome dizia) com suas poucas descobertas filológicas, etimológicas e possivelmente até metafísicas, precisaria esperar, quem sabe até 1108 cartas, ou 100 808, para que algum estudante mais ou talvez menos esperto fizesse as perguntas certas.

Mas quais seriam as perguntas certas? Havia tal pergunta? Eder, como o maior estudioso da língua basca, ou *euskera*, já sabia havia muito tempo que só perguntas certas poderiam levar a respostas exatas — não, “exata” não era a palavra certa —, a respostas verdadeiras. Ele tinha feito algumas; era por isso que tinha descoberto também algumas poucas coisas, mas não poderia compartilhá-las com pessoas que faziam perguntas tontas e mecânicas. Qualquer estudioso de línguas sabe que não se podem dividir segredos linguísticos com qualquer um. Agora, os segredos do *euskera* não só não poderiam ser partilhados com qualquer um, como precisariam sê-lo com alguém que se dispusesse a ir além de encontrar respostas e que aceitasse, por muito tempo, ficar só com perguntas não respondidas; talvez irrespondíveis.

Afinal, por que “gato” era *katu*, “filho” era *seme*, com familiaridade tão clara e aparente com tantas línguas indo-europeias, mas “filha” era *alaba* e “mar”, *itsabo*? Eder conhecia todos os *harrespilak* do país basco, já tinha pesquisado as minúsculas inscrições funerárias gravadas nesses círculos de pedra; conhecia e tinha traduzido os poemas bascos da Idade Média e, por isso, tinha com a língua uma intimidade tão grande que chegava a ser perturbadora. Nos sonhos, surgiam-lhe coreografias de palavras, desafios etimológicos; na vigília, Eder se distraía de suas tarefas científicas criando jogos linguísticos, obsessões comparativas, charadas sonoras. De tanto desencaminhar-se dos trabalhos mais técnicos, acabou por descobrir a origem de mistérios impensados: *alaba*, por exemplo, vinha provavelmente de *alpha*, a letra grega primogênita e fundadora, assim como a própria língua basca, possivelmente falada até por Adão e Eva, como dizia um padre navarrês do século XVII. *Ogia*, que nas línguas bárbaras do restante da Europa era chamado de “pão”, “pan”, “brot” e “pain”, em *euskera* se relacionava com o som produzido pelos grãos de trigo ao passarem pelos moinhos de pedra, raspando asperamente as rodas. Cada palavra basca, o solitário Eder pensava (e, no fundo, sabia), tinha uma origem diferente. Elas não pertenciam a uma família; não possuíam uma lógica esquemática, coletiva — era isso que diferenciava a língua basca de todas as outras línguas do resto do mundo. Não havia conjuntos com significados comuns: cada vocábulo era a sua própria família e comunidade, como se algum Adão pré-histórico e constantemente dinâmico nomeasse cada uma das coisas do país basco separadamente, sem estabelecer relação alguma entre elas. Seu nome, Eder Barkarna, significava exatamente o que ele era, como se sentia e aquilo que fazia: belo e solitário. Sua beleza o levava à solidão e sua solidão, à filologia, a mais bela das ciências. A beleza e a solidão são circulares: tudo o que é belo é solitário e toda prática solitária é bela. Em basco, como nas línguas mais evoluídas do planeta — as

línguas indígenas —, os nomes determinam as coisas e suas atividades.

Mas Eder não podia dizer nada disso em suas cartas aos estudantes de linguística; seria preciso que eles viessem até sua casa e, como ele, se distraíssem das gramáticas, das genealogias, das árvores que remontam às histórias precisas das línguas indo-europeias, protoindo-europeias, sânscritas e semíticas. Seria preciso dormir sobre as palavras. Se ele escrevesse qualquer dessas verdades em suas cartas acadêmicas, seria motivo de chacota no país da língua combinatória, que também chamavam de “inglês”. Que absurdo poder utilizar um mesmo verbo com várias preposições diferentes, assim possibilitando alterar seu significado. Como pode uma língua prestar-se a tamanha flexibilidade? Isso só pode querer dizer que, nessa língua, como parecia ser a tendência de todas as outras, as palavras não têm significado próprio, permitindo que outras se aproximem e transtornem seu conteúdo e, pior ainda, sua forma. Qual é a substância de uma língua como essa?

Mas, para além das críticas de Eder a outras línguas, quase mortas de tão vivas, persistia um mistério máximo, que correspondia ao mistério ontológico da própria terra, do próprio homem. As palavras, em basco, têm origem única e não familiar. Mas: por quê? Será que coube ao belo solitário decifrar o veio geográfico de onde viriam as palavras do *euskera*, o povo que se define pela língua que fala? Será que ela vinha de um lugar e não de um tempo? Será que sua origem estava em todos os tempos e lugares ou então em tempo e lugar nenhum? Eder é belo porque é possível reescrever o mesmo nome com suas letras. Eder é belo porque é duas vezes Eder.

Será que Eder estava enganado? De tanto distrair-se e brincar com as palavras bascas e de tanta convicção que havia adquirido sobre sua teoria da origem única de cada palavra, pode ser que estivesse cego a outras teorias mais plausíveis, menos poéticas, mais científicas. Pode ser que estivesse hipnotizado por uma possibilidade infernal, sem saída. A chave era sempre apoiar-se nas palavras mínimas; não os substantivos, os adjetivos, os verbos, mas as preposições, as conjunções, os advérbios, as locuções adverbiais. Palavras como “de”, “em”, “com”, “lá”, “sem dúvida”, “talvez”, “porém”. Se essas palavras não tivessem, elas sim, parentesco com nenhuma outra, de nenhuma outra língua, então sua teoria seria verdadeira.

“Porém” é *baina*; “e” é *eta*; “com” é *ekin*; “sem” é *gabe*. E *ia*? A ideia de *ia* não tinha correspondente em outras línguas. Em espanhol, aquela língua que se falava numa região tão próxima da sua, uma língua cujos falantes se diziam proprietários até de Navarra, não parecia existir a ideia de *ia*. Claro, sempre tão certos de si; donos de tudo. E o mesmo acontecia com as outras línguas daquele continente em tudo selvagem; bando de arrogantes. Qual seria a língua capaz de oferecer um pensamento tão belo como o de *ia*, uma ideia não propriamente formada, uma protoforma, uma aproximação da verdade? *Ia* é “como se”, é “antes de”, é “ainda não”, é “próximo de”; *ia* é seu mesmo som, fraco e forte, semifechado e totalmente aberto. Como faria, sem a existência dessa palavra em outras línguas, a tradução dos poemas de Geshina Igon, de Mitxel Xabier? Repassou as letras do alfabeto basco, adotadas do latim por algum maldito expedicionário romano ou espanhol, e percebeu que, se acrescentasse um apêndice à letra O, tão perfeita e coincidente consigo mesma, assim como a palavra “ia”, poderia criar um som e, com ele, uma palavra nova. Criou com essa forma a letra Q e a palavra “quase”, que é quase parecida com *ia*, porque também possui o ditongo crescente, que vai do fechado para o aberto e porque a letra Q, que lhe dá início, indica também sua imperfeição. A letra Q é quase um O, sem jamais sê-lo.

Pela imperfeição da letra Q e por sua semelhança com o som de outra letra já existente em basco, o K, Eder optou por não incorporá-la a sua língua. Entretanto, ainda criou outras palavras em outras línguas, como “quartzo”, “quem” e “quilate”. Outros filólogos, poetas e cientistas, de outras nacionalidades, adotaram também a letra Q e a palavra “quase” e passaram a utilizá-las em ensaios, poemas e artigos científicos, tornando assim as línguas um pouco menos arrogantes.

R

Era preciso algo que corresse. O mar não servia, porque não corre. O mar é tão imenso que é como se não fizesse nada, os outros é que agem dentro dele. O mar não age; ele está. Tudo está contido no mar e, quando ele inunda, joga as ondas ou se acalma, não é uma ação que ele executa: é sua própria respiração em movimentos pequenos. O mar não reflete a lua ou as nuvens, talvez nem mesmo o sol. Ele os recebe em sua superfície. Porque o mar é como o sol. Era preciso, na terra, algo que tivesse o estatuto da lua no espaço: um satélite. Quantas vezes os satélites não são mais importantes do que o astro que os atrai? Quase sempre, ele diria. Sabia a importância de um fósforo, de uma leiteira, da boca de um fogão. Sabia como era mais importante um abraço do que o amor; piscar os olhos, mais do que ver. O momento não era bom; na verdade, nunca fora. Estar vivo, já sabia, não era uma questão de bem ou de mal, mas de bom ou ruim. Algo deveria correr para refletir a lua de forma dinâmica, para dar a impressão de que a lua era carregada pelo reflexo; como se ela estivesse em todos os pontos da superfície que corre simultaneamente. Para dar a sensação do tempo que passa junto com o reflexo, que não pode parecer estático. O líquido vai carregando o reflexo, correndo, silencioso, e é como se, com o tempo passando, o reflexo pudesse, em algum momento, desaparecer. A luz que gera o reflexo vai se modificando com a passagem das horas e o reflexo vai sumindo, até perecer. Sai a lua, vem o sol, e a superfície que corre para não se sabe onde também o reflete, agora já totalmente modificada. Era isso. O momento não era bom, mas corria; refletia, mas era liquefeito e no líquido até os sólidos se diluem. No líquido, tudo é reflexo. E, afinal, em que parte da terra algo não é só mero reflexo, se tudo o que vemos, vemos através de uma superfície também reflexa e liquefeita? Agora, de noite, a rua ficava vazia. Ele se debruçava sobre o parapeito da janela, de onde não era possível ver o mar. Só os paralelepípedos sujos, e um ou outro passante, de quem ele instantaneamente se enamorava, só pelo fato de vê-los passar. Também era bom estar triste e só. Era uma forma de cumprimento secreto de um destino que sempre fora o seu. Estar só, na noite e na paisagem vazias, era para ele o mesmo que para os outros era ter uma família, uma casa cheia, barulhos. Tirou os óculos e olhou para cima. A noite no céu era igual à noite aqui em Santa Teresa. Lá também devia haver um homem sozinho que acabara de tirar os óculos e olhava aqui para baixo. Olá, homem do céu. Que bom estar em sua companhia anônima. Que bom não te conhecer e saber que você está aí. Apesar do entrevamento, era possível ainda reconhecer algumas estrelas. Elas brilhavam fracas, e em algum ponto da superfície de seus olhos, quando ele olhava para elas, elas deviam também estar refletidas. Se o que vemos está refletido em nossos olhos, é como se fosse uma parte de nós; como se eu contivesse as estrelas. Pensou que elas também se encontravam em estado de flutuação, apesar do tamanho. Nunca tinha pensado se as estrelas também giram em torno do sol. Será que caminham, como os líquidos? As nuvens, essas sim, correm visivelmente; são o líquido certo do céu. Era isso. Precisava desse fenômeno, igual às nuvens, na terra. O céu agora, não tão vazio quanto a rua, se enchia de nuvens pesadas, e parecia que ia chover. A chuva, enfim, seria a forma de completar com perfeição seu vazio. Poderia gozar completamente daquela tristeza. Seu apartamento pequeno comportaria, assim, por alguns instantes, toda a tristeza do mundo e ele poderia respirar aliviado. Sua pouca solidão não provinha só de dentro dele; se completava com a noite, que lhe respondia solidária: sim, eu também sou triste e também passo.

Mas como seria essa superfície líquida que corre como as nuvens, triste como elas, como a noite e como ele? O líquido correção, como todo líquido, também como o mar, não tem forma. Mas o mar tem a forma do infinito, a forma que possui todas as outras. Já a infirmitude de um copo d'água é outra; penetra e ocupa por inteiro a forma de outra superfície; adapta-se, transforma-se nela e a transforma também. Mas o informe da superfície corrente é ainda de outra natureza. Não contém nem é contido; penetra, ocupa e segue,

carregando consigo o que por ele passa e transformando-se na própria passagem. O líquido e o tempo são, assim, um só, cúmplices em ser e não ser sempre. Lembrou-se do Capibaribe, a passagem líquida da sua infância, que ainda corria dentro dele, não só de sua memória mas fisicamente mesmo. Seu peito úmido, não era essa a água que ele continha. A água do Capibaribe restara em suas palavras, nos olhos que não queriam muita gente, muito barulho; só um pouco, só o suficiente. Era o Capibaribe, o Bracuí, o Guandu. Eram as superfícies que ele buscava. Superfícies que fluem. E descobriu a exatidão do verbo “fluir”, comparado a “correr”. Como a língua sabia a diferença entre correr e fluir. O tempo, quando flui, se torna líquido. O tempo fluente era o Capibaribe. Lembrou-se da figura do círculo, mais uma vez. Era o contrário da correnteza horizontal, o círculo não é exatamente líquido. O círculo é como o mar. Um líquido que não flui. Seria preciso encontrar uma letra e uma palavra que dissessem, com tanta perfeição quanto a palavra “fluir”, a exatidão fluida do líquido horizontal e incessante, igual às nuvens, à chuva e sua tristeza firme. O círculo deveria compor essa letra, mas firmado na terra, como se tivesse duas pernas segurando-o na ideia não da circularidade nem do infinito, mas da passagem e da impermanência. O líquido que morre, não o que fica. Criou assim a letra R e, com ela, a palavra “rio”, que compunha perfeitamente o primeiro verso de seu poema: “Ser como o rio que deflui”. Usou ainda essa letra e essa palavra em muitos outros poemas, mas nunca como nesse instante sentiu a resposta do mundo a suas necessidades. A letra R e a palavra “rio” correram pelos poemas e vozes de muitas outras pessoas, transformando-se em coisas como riosca, riola e riodonorês, próprio de Rio de Onor, cidade portuguesa que poderia muito bem ter sido sua cidade natal.



Foi como burro que Lúcio conheceu o lado difícil da vida. E o burro não é um dos animais que mais sofrem com a brutalidade dos homens? Essas criaturas impiedosas parecem pensar que não existem limites para a capacidade de carga de um lombo de burro. Não basta carregá-lo pesadamente, assoberbá-lo de extensas caminhadas, com pouca água e pouco descanso; a cada parada querem ainda avolumar a bagagem com mais mercadorias e mais uma coisinha aqui, outra coisinha ali, como se o pobre do burro não tivesse dimensões nem sentimentos. Mas Lúcio, provavelmente por antes ter sido um homem, era um burro abarrotado de emoções. A principal delas, no momento, era, sem dúvida, a raiva. Antes de tudo, raiva por Palestra ter confundido sua patroa bem na hora do feitiço decisivo e ela tê-lo transformado em burro, em vez de transformá-lo em coruja ou gavião. Uma coruja ou outra ave noturna qualquer teria lhe possibilitado, assim como costumava permitir à patroa, voar para outras paragens em busca de estranhas e exageradas experiências amorosas. Podiam ser até estranhas e exageradas experiências geográficas, que fossem. Mas uma ave voa, desliza livre pelos céus da Tessália, do Egito e até da distante Gália, sozinha e na direção que quiser, enquanto um burro... logo um burro, Palestra! Desde que chegara ali e se hospedara temporariamente na casa do avaro Hiparco, velho amigo de seu pai, para depois prosseguir viagem para Larissa, onde sabia estarem as mais belas moças de toda aquela região, Lúcio ficara fascinado com a feiticeira Abdara, esposa de Hiparco, que se transformava em coruja todas as noites para visitar seu amante a alguns quilômetros dali. Mas engastalhara, mesmo que provisoriamente, com a jeitosa Palestra, criada de Abdara, precisado que estava, como sempre, de alguns afagos. Palestra tinha lá suas qualidades; era cheirosa e divertida, além de, como todas as de sua classe, conhecer alguns prazeres totalmente misteriosos, secretos e até temidos pelas senhoras mais respeitadas; mas era desastrada, tola e, evidentemente, apaixonada, o que atrapalhava as necessidades estritamente carnis de Lúcio. E foi justamente a atrapalhação de Palestra que interferiu no procedimento mágico da patroa. Quando ela finalmente concordara em ceder aos insistentes e maçantes pedidos de Lúcio, e assentira em também a ele transformar numa coruja — ou numa gralha que fosse —, Palestra soltara um gritinho estridente, mistura de pavor e capricho, o que fizera com que Abdara perdesse o fio da meada mágica e colocasse alguns grãos a mais de mostarda verde no preparado. Nem ela mesma sabia qual seria o resultado desse pequeno deslize: achava que, de tão ínfimo o equívoco, o problema seria que Lúcio se transformaria numa coruja manca, ou surda de um ouvido, ou que sua transmutação duraria menos tempo. Mas não. Qual não foi o susto atabalhado de todos ao ver que alguns grãos de mostarda converteram Lúcio num burro. Um burro, entre todos os bichos! Quem poderia dizer que só alguns míseros grãos de mostarda separam um burro de uma coruja? Abdara era uma feiticeira inexperiente — daí o erro — mas não apavorada. Diante do desespero de Lúcio e de Palestra, que giravam descontrolados e zurravam de ódio e de medo, sendo que mal se podia diferenciar Lúcio de Palestra, que, de tão identificada com o amado, parecia também ela ter assumido a forma e a voz de um asno, Abdara soube exatamente o caminho para acalmá-los e, com palavras doces e assertivas, garantiu que já pela manhã o erro aparentemente fatal seria reparado e que, durante a noite, ela mesma trataria de buscar simples pétalas de rosas, que sabia serem o remédio para voltar burros enfeitados em homens. Mas por que justamente as rosas? Isso Abdara não sabia. Os porquês ainda eram domínio das feiticeiras veteranas. Mas Lúcio, durante a noite, imaginou que era a força da atração dos opostos que emprestava às pétalas da flor mais bela a capacidade de operar maravilhas sobre os burros, na sua opinião, pelo menos até aquele momento, os mais feios e prejudicados entre os animais.

Mas não foi possível esperar pela manhã que traria as rosas redentoras. No meio da madrugada, a casa

de Hiparco, já havia tempos visada por um grupo de salteadores, foi finalmente saqueada e limpa, sobretudo as partes externas, como o chiqueiro e a estrebaria, justamente onde se encontrava Lúcio, transformado em burro. E lá foi Lúcio com a caravana dos ladrões, apesar dos protestos veementes que, mesmo sendo proferidos em língua de homens, não causaram estranhamento entre os meliantes, acostumados que estes estavam com coisas bem mais esquisitas do que aquela. Aos protestos de Lúcio, respondiam simplesmente: “Cale a boca, burro intrometido! Fique quieto, senão vai se arrepender!”. E assim, já precisando rapidamente aprender os difíceis caminhos da submissão, Lúcio começou sua curta mas educativa vida como burro, e foi assim, como dissemos no começo desta desusada história, que Lúcio aprendeu tanto sobre a crueldade humana. Era carregar e caminhar, durante dias e noites e quilômetros e quilômetros. E de nada adiantavam considerações filosóficas sobre o exagero, a inépcia e o descuido dos saqueadores. Diante de especulações ou de apelos de ordem erudita, os ladrões já vinham com um: “Cale a boca, seu jumento filósofo! Era só o que nos faltava! Resigne-se a sua natureza, fique quieto e aceite!”. E então Lúcio descobriu, ainda mais pela companhia de outros três burros em tudo menos filósofos e revoltados do que ele, que aquilo que os homens queriam dizer com “natureza dos burros” se referia à ideia de sempre aceitar. E assim procediam os outros burros: aceitando. Era os homens aumentarem a carga, exigirem mais esforço, estapearem os lombos, para os bichos somente baixarem um pouco mais a cabeça, devido ao peso, e, resignados, aceitarem sempre um pouco mais. Quando um atolava, o comboio parava junto, os outros se detinham solidários, e lá vinham mais chapulegadas e saraivadas de berros e chicotes, e o burro desempacava quieto. Nem empacar era sinal de revolta. Era simplesmente uma extensão da aceitação. Um deixar-se ficar por algum tempo estendido na condição de burro, um tempo prolongado do ser o que se é; pelo menos foi essa a conclusão de Lúcio. E o moço apegou-se aos seus amigos, claro que sempre com o consolo crédulo de que, assim que encontrasse pétalas de rosas, voltaria à condição humana, já naquele tempo não mais tão admirada mas nem por isso menos desejada. Eram seres em tudo reais e completos, seus amigos burros. Sua forma de aceitar, Lúcio aprendeu com o tempo, nada tinha de resignação. Tratava-se de aceitação verdadeira, indiscriminada, de sabedoria íntima, poderosa e até algo superior: uma aceitação integral. Era parte de sua natureza, mas também de algo adquirido ao longo de sua vida: aceitar era necessário e desejado. Era ser burro em estado completo. Nada como os gritos desesperados, entrecortados, indecisos e lancinantes dos homens; nada como seu tédio solitário e pasmamento, que os tornava cruéis e ignorantes, desprovidos de qualquer atribuição mais sólida e completa. Que tristes os homens, em sua aparente desobediência, comparados aos burros e sua aceitação tão plena que chegava até a superar a desobediência. E foi assim que também Lúcio, até então um homem caprichoso e atolado em frivolidades, aprendeu, como os burros, a aceitar, e com a aceitação, por contraste, aprendeu também a reconhecer a tolice da soberba daqueles homens. Não somente daqueles homens, evidentemente e por necessidade cruéis, mas de todos; mulheres ou homens, todos atropelados pela necessidade insistente da recusa, como se recusar fosse sinônimo de viver mais ou melhor. Sem pressa de encontrar as pétalas que o tirariam daquela condição, Lúcio encontrou tempo e paciência para pensar. Ninguém o entendia, os outros burros apenas o respeitavam, com seus olhos de constante compreensão e verdade. E o excesso de carga e de maus-tratos, em vez de simplesmente irritá-lo, como a princípio, o colocou num estado de atenção e concentração redobradas. Ele viu que a cabeça cada vez mais baixa de seus amigos burros era o sinal de anuência permanente, e entendeu como era importante que também entre os homens houvesse um sinal corporal e uma palavra correspondente, para indicar essa marca. Compreendeu que, por contraste com a aridez reta e seca do *não* humano, o consentimento dos burros era complexo e sinuoso, carregado de possibilidades. Imaginou então uma letra de fácil desenho, já que não dispunha de papel para treiná-la e precisava simplesmente marcá-la com as patas na terra das estrebarias em que pernoitava. Uma letra que, com sua forma simples e completa, apontasse e contivesse a infinitude da aceitação. Inventou assim a letra

S, que, com suas duas curvas, aponta para sinuosidades longínquas e infindas, e, com o S, inventou a palavra “sim”, palavra que, também ela, encerra a ideia de totalidade. Dessa forma, mesmo depois de retornar ao aspecto humano, Lúcio passou a praticar e propagar a possibilidade múltipla e prazerosa do sim. Abdara, Palestra e até mesmo os ladrões, agora admirados do tento transformista, todos se regozijaram do retorno do antigo burro e do novo homem, e desde então a letra S e muitas palavras por ela compostas passaram a fazer parte da paisagem da Tessália, do Egito e até da distante Gália, onde Lúcio também esteve. E, em todos os lugares por onde Lúcio passava, ele fazia sempre questão de visitar seus amigos burros, alheios ainda à invenção da letra S e da palavra “sim”, porque era neles, e em seu olhar pleno de vazio, que elas haviam se originado. E vieram palavras como “som”, “sábado” e “sabiá”, todas carimbadas pelo silvo que as inicia e pela curvatura da letra S. É certo que também com S surgiram outras palavras, como “soberba” e “salafário”, mas isso certamente não era mais da responsabilidade de Lúcio.



Baltasar enxugou o suor do pescoço. Sempre suave ali quando respirava devagar. A respiração lenta parecia cansá-lo mais ainda do que dezenas de quilômetros de caminhada pelo deserto. Era chegar próximo a um obstáculo, qualquer alvo de ataque, e ter que diminuir o ritmo de sua respiração toda atropelada, que seu pescoço já começava a pingar e o suor quente escorria pelas costas, pela gola do uniforme, chegando até a encharcar a roupa de baixo. Isso o incomodava; mais até do que o perigo e, às vezes, mais do que a sede. Ameaças como a fome ou a sede lhe soavam mais dignas de um soldado, estavam a sua altura; mas o suor, esse não. Ele já tinha se tornado conhecido no destacamento por manter a altivez e o porte impecável mesmo depois de batalhas sangrentas, arrumando o quepe e endireitando o casaco até durante o ataque, e não podia se rebaixar a ponto de perder a fama por causa do derramamento incontável de uma goteira na nuca. O pior é que era imprescindível continuar respirando compassada e silenciosamente, seguindo as rigorosas instruções do capitão Xavier, sob pena de que o inimigo, ao ouvir algum chiado, disparasse fogo antes dos portugueses. Baltasar já sabia que, nesses instantes de espera, seu pensamento tinha o hábito incontável de derivar para longe. Queria de qualquer forma manter a atenção concentrada na batalha, na expectativa de alguma reação, mas o problema mesquinho do suor assoberbava seu corpo e sua memória começava a se lembrar de coisas indesejadas. Naquele momento, por exemplo, contemplando a fortaleza de Amboina, aquela tranqueira de madeira velha e carcomida, já ocupada por cristãos, muçulmanos da Indonésia e de Java, por ingleses e agora pelos holandeses, não podia evitar a lembrança da frase: “Com honra abandonem o forte”. Por que justamente essa frase? Talvez porque tivesse a certeza de que a melhor decisão seria mesmo essa, contrariando a firme resolução de toda a tropa, ou então simplesmente porque os livros que teimava em ler e que eram sempre a primeira coisa a ser saqueada por ele e que motivavam a chacota de todos os outros soldados, pululavam como que por conta própria em sua cabeça. Era olhar para o horizonte para se lembrar de algum verso de Chaucer, adentrar o mar para começar:

*Como quando o mar tempestuoso,
o marinheiro, lasso e trabalhado,
d'um naufrágio cruel já salvo a nado,
só ouvir falar nele o faz medroso,*

*e jura que em que veja bonançoso,
o violento mar, e sossegado
não entre nele mais, mas vai, forçado,
pelo muito interesse cobiçoso.*

Mesmo assim, a frase “Com honra abandonem o forte” parecia profética, não somente como uma lembrança irrefreável e desconexa que lhe vinha à mente. Sabia que o incômodo com o suor e a reverberação teimosa da frase em sua cabeça seriam capazes até de lhe causar a derrota, já que estava numa posição estratégica do possível ataque. Se algum maldito holandês o pegasse desprevenido enxugando a catarata que já lhe cobria a perna ou afastando com um tapa a frase insistente, lhe desferiria um golpe certo a contrapelo e ele já podia dar por perdido o forte maldito. O comandante se achava a cerca de duas jardas dali; era possível divisar somente sua bota, à distância. Baltasar sentia que precisava falar com ele, mas não sabia o quê. Vinham-lhe ao pensamento José de Anchieta, Gregório de Matos e as pancadas irrefreáveis da voz de seu pai acompanhando-o ao porto, ainda no Rio de Janeiro: “Úrsula, seu destino está marcado. Faça o que

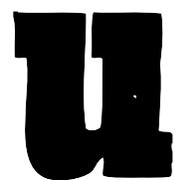
deve ser feito, em nome da bandeira portuguesa. Não tenho como negar que me orgulho de você. Faça com que nosso nome cresça com a honra de sua transgressão”. Até agora seu pai não encontrara motivo para envergonhar-se, mas certamente Baltasar não havia feito muito para inchar a honra dos Alencastro, a não ser em âmbito privado. E a honra nada tem a ver com o domínio privado; a honra deve ser pública, aclamada, gigantesca. Talvez fosse aquele o momento, com o augúrio da frase ressoando, de converter sua diligência em bravura e renome. Soube, naquele instante, que era necessário simular o abandono do forte de Amboina. Rapidamente, lançou um pedregulho rente à areia e, de acordo com o sinal combinado, indicou emergência ao comandante. Viu os movimentos da bota de Melquíades e logo avistou outro cabo correndo como um gato em sua direção. Sinalizou os movimentos de desistência da manobra. Ao mesmo tempo, sabia que não teria como justificar gesto tão grave de forma minimamente convincente. O que estava fazendo? Iria macular seu nome e o da tropa, isso sim. O imperador iria excomungá-los, e não condecorá-los, era certo. Em menos de dois minutos, quando até a sola de sua bota já sentia a água morna do suor, o comandante se postava diante dele, acompanhado de outros dois soldados, e parecia atender a seu sinal. Deveriam reunir-se todos sob a figueira combinada. Sob os galhos, todos olhavam arregalados para Baltasar; o que fora aquilo? O capitão Xavier principiou a conversa inquirindo o soldado. Era preciso um motivo forte para justificar a mudança de planos. Fora um rumor: de passos e de palavras. Ouvira sons já conhecidos de soldados batendo em retirada; especialmente aqueles holandeses. Ele conhecia sua covardia; era sabida de todos. E os barulhos que ouvira eram de abandono da guarda. Seria melhor observá-los partir e assim tomar o forte de imediato, sem desperdício de munição e de homens, do que se arriscar a morrer no meio do recuo apressado daqueles batavos. Além do mais, soubera de fonte segura que isso aconteceria. Mas como? Ocupar o forte sem luta? Seria desonroso. Baltasar pediu que esperassem. Cinco minutos que fossem. Foi dito e feito. Em menos tempo ainda, avistaram o grupo de loiros estranhos partindo às escondidas. Os portugueses se entreolharam atônitos e, com mais susto ainda, olharam para Baltasar. O suor do português secara e ele sentia a pele dura. Outra atitude deveria agora ser tomada, para que a ocupação imediata de Amboina ostentasse uma bravura inexistente. Num silêncio que preenchia todos os centímetros do espaço, dirigiram-se rápido ao forte e o ocuparam. A guarita, as cabines, o observatório, a despensa, os armazéns, tudo sob o domínio da língua portuguesa. Baltasar se aproximou de Xavier: era a oportunidade de instalar a réplica da coroa em território indiano. Pela primeira vez, a vitrine que carregaram por meses e milhas poderia ser exibida como trunfo da armada. Com esse troféu exposto e divulgado estrategicamente, de Amboina até Calcutá e de lá até Java, chegando a Lisboa, não haveria exigência de luta nem de nada. O imperador os aclamaria como grandes guerreiros e responsáveis pela conquista permanente daquele forte que de força nada tinha mas que simbolicamente representava uma derrota final contra os holandeses. Xavier abraçou Baltasar. Era o tento de que precisava para tornar-se coronel. Iria recomendá-lo pessoalmente a d. João V e sagrá-lo herói daquela batalha que, afortunadamente, nem sangrenta fora. Não tinham perdido nem sequer um homem, e mesmo Saul, o manco, e Joaquim, com sua lerdeza, haviam sido poupados. Seria a glória daquele destacamento. Apressaram-se em instalar a coroa no centro do pátio da fortaleza e dirigiram-se novamente a seus postos. Baltasar quedou-se solitário na despensa vazia — os batavos tinham esvaziado tudo — e pôde finalmente sentar-se, tirar as botas, o quepe e, com um pano sujo, enxugar o suor já seco. Contemplou a parede de pedra por alguns poucos instantes, e já começou a lembrar-se novamente dos versos de Dryden e de algum provérbio francês. Sentia-se feliz, mas achava também que aquele era o momento certo para revelar sua verdade e, aí sim, honrar o nome dos Alencastro de forma tão violenta que, ou seu nome se transformaria em motivo de orgulho eterno, ou aquela seria a humilhação final. De toda forma, qualquer que fosse o resultado, se ele revelasse o segredo, seu nome entraria para a história. Deveria contar? No meio de todas aquelas palavras, sentiu-se perdido como se estivesse morando numa floresta de letras. Nada mais tinha sentido próprio; era como se as palavras dançassem na sua frente e o

tentassem para agir ou para manter-se oculto. Faça isso, faça aquilo, as letras lhe diziam. Passou a mão pela testa, pelos cabelos, e começou a traçar desenhos no ar com as letras que surgiam e desapareciam. Lembrou-se de alguns versos:

e vou tresvariando, como em sonho.

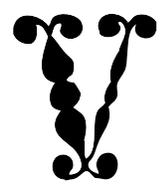
*Isto passado, quando me disponho,
e me quero afirmar se foi assi,
pasmado e duvidoso do que vi,
me espanto às vezes, outras me avergonho.*

A dança que as letras dessas palavras faziam no ar, diante de seus olhos, formou-lhe uma letra. Era um traço vertical, sua certeza sobre o que fizera, alteado por um pequeno traço horizontal: sua verdade e sua dúvida. Pasmado e duvidoso, espantado e avergonhado, inventou com essa letra, a que deu o nome de T, a palavra “talvez”, que indicava exatamente o que sentia diante do desafio que se postava na sua frente. Revelar ou não a Xavier. Munido pela força da criação da letra e da palavra, embora o significado desta sinalizasse justamente o contrário, saiu rapidamente do armazém e se dirigiu a passos rápidos para o pátio central. Chegando, bateu continência diante de Xavier e proferiu lentamente as palavras: “Meu nome é Maria Úrsula de Alencastro. Sou brasileira, filha de Ismael Tabora de Alencastro e Maria Úrsula de Bragança. Meu nome é minha terra, meu codinome é minha sorte e meu azar. Talvez um sopro de vento ou de luz nos ilumine e possamos aliar verdade a destino, você e eu. Estou em suas mãos”. Desde então, a palavra “talvez” ainda foi pronunciada centenas de milhares de vezes na vida de Maria Úrsula, de Xavier e até mesmo do imperador d. João v, que terminou por condecorar Úrsula por bravura e excelência. Com a mesma letra que formou essa palavra que expressa dúvida mas também muitas possibilidades, o reino de Portugal chegou a conquistar talentos, tentos e temores, mas cometeu igualmente torturas, tormentos e tempestades. Muitos séculos mais tarde, depois de passada a glória de Maria Úrsula ou Baltasar, a letra T e a palavra “talvez” continuaram habitando poemas, dúvidas e certezas, mas nunca nenhum deles versou sobre a fama desse soldado, seu escrúpulo e seu nome.



Ulrica me gritou: “Ouviu o lobo? Já não existem lobos na Inglaterra. Ande logo”. Apressei-me. Corri pelas escadas acarpetadas do hotel e, quando cheguei ao quarto, Ulrica já estava despida. Antes de começar a agir, percebi uma relação estranha entre apressar-me e despir-me. Era como se estar nu fosse parte da execução de um plano, num tempo a que só Ulrica pertencia, não eu. Deveria atender ao chamado de um tempo exterior e acelerar meus gestos. Despir-me era parte de um plano dela. Estar nu, naquele momento e naquele quarto vermelho, me obrigaria a obedecer mais prontamente a seus comandos, mas isso não tinha a menor importância. Não sabia para onde olhar e o corpo de Ulrica parecia alheio à minha chance de possuí-la. Como não contava mais com a possibilidade de amar alguém, e na verdade mal sabia o que queria dizer esse verbo, não me decidia a avançar na tarefa com a prontidão ou com a urgência que a situação pedia. Como disse, não me importava de ser usado num jogo, em obedecer cegamente a qualquer regra, mesmo a mais dolorosa. Mas amá-la parecia não caber no espaço e no tempo. Faria então o que ela me impusesse, mesmo sem palavras. Sentei a seu lado e esperei. Ela permanecia de olhos fechados e murmurava algumas palavras numa língua desconhecida, cujo único vocábulo reconhecível soava como “Noruega”. Adivinhei que fosse, pela sonoridade repetida e pelo pouco que conhecia de línguas nórdicas, um poema sobre a morte. Consegui timidamente acariciar parte de seus cabelos. Mas logo retirei a mão, com medo de que aquele gesto pudesse silenciar seu murmúrio, que soava sagrado. Sabia que ela exigia alguma atitude, mas não me decidia; tudo parecia poder quebrar a integridade daquele tempo. Ela era a única que poderia me fazer agir minimamente, da mesma forma como tinha ordenado que me apressasse. Ela havia me dito que estava morrendo. Poderia ser uma doença, uma premonição, um desejo ou até mesmo nada. Como se a morte fosse outra coisa quando pronunciada por ela. Como se ter o nome Ulrica já fosse uma questão de morte ou de vida. Eu sabia que, em norueguês, o gênero de uma palavra pode passar do feminino para o masculino ou vice-versa, dependendo da vontade e da necessidade do falante e da frase. Fiquei escutando, bem próximo de sua boca, o que ela dizia, e tomei uma decisão: disse *kvinne*. “*Em kvinne, ei kvinne.*” Alguma coisa que queria dizer: “um mulher, uma mulher”. Ela abriu os olhos e me disse imediatamente que esse era o sinal que ela esperava fazia muitos anos. Alguém que soubesse lhe dizer que entre a vida e a morte não havia diferença. Não fora essa minha intenção, apenas tinha emitido, medrosamente, algumas das únicas palavras que conhecia em norueguês, e sempre me espantara a possibilidade de mudar o gênero das palavras, sobretudo algumas tão determinantes como “homem” e “mulher”, ao sabor das circunstâncias. Afinal, em espanhol “homem” e “mulher” eram como dia e noite, ou, ainda, como água e óleo, não havia meio de misturá-los. Eram duas matérias inagregáveis. E, naquela língua que era como Ulrica e como a Noruega, cheia de falésias e cinzas, era possível dizer “um mulher” e “uma homem”. Qual seria a necessidade de trocar o gênero de palavras tão definidas? Em que momento de uma conversa, de um poema, de um amor, alguém precisaria chamar a amada de “um mulher”? E por que a Ulrica aquilo soava como se entre vida e morte não houvesse diferença? Nunca achei que houvesse, mesmo. Na verdade, temia mais a vida do que a morte; nunca soubera como, quando, por que agir ou o que dizer, e sempre me isolara das outras pessoas porque todos pareciam saber exatamente como dominar códigos aparentemente tão fáceis e eu mal conseguia articular três palavras. Todas me soavam tão decisivas. Como alguém poderia dizer “bom dia” impunemente? Eram coisas assim que eu me perguntava. E agora Ulrica me revelava um plano secretamente tramado no meu silêncio. Queria me amar imediatamente, queria que eu demonstrasse domínio sobre meu corpo e o dela, assim como havia mostrado sobre a vida e a morte. Ela repetiu que me apressasse. Havia pouco tempo, e logo o próximo lobo voltaria a chamar. Estava preso entre sinais que não

conhecia. A língua norueguesa, Ulrica e os lobos. Como faria ainda para conseguir despir-me e amá-la? Que sinal deveria, ou poderia, emitir? Tirei minhas roupas devagar, com medo do que ela veria em meu corpo envelhecido e cansado. Como este corpo emaciado poderia possuir sua pele rija e branca como a montanha de Galdhøpiggen? Assim que me estendi nu a seu lado, ouvimos novamente um lobo. Ulrica, decidida e triste, me perguntou: “Qual é o nome do barulho dos lobos? Com que letra começa o seu som?”. Era esse o sinal que ela me pedia e eu precisava dar a ela, sob pena de que, sem ele, ela vivesse inutilmente ou cumprisse finalmente seu destino de morte. Disse a ela: “Ulrica, a letra com que começa o chamado dos lobos é a mesma que dá início a seu nome”. Ela disse que a letra de seu nome não existia ainda em norueguês. Olhei para a curva de seu colo erguido e disse: “A letra é U, Ulrica. U como a vida, U como a morte”. Ela disse que seu nome, em norueguês, significava “o poder dos lobos” e que aquele que nomeasse a letra que dava início ao nome passaria a possuir esse poder. Declinei. Não queria o poder dos lobos nem poder algum. Só queria poder continuar olhando para os olhos dela e que ela não morresse. Ulrica disse que não morreria mais e pediu que eu me vestisse. “Vista-se, Javier Otálora. Vamos criar muitas palavras com a letra U, palavras que contêm a vida e a morte.” Saímos do hotel, fomos caminhando pelas montanhas dos arredores e criamos as palavras “urdir”, “umbigo” e “ubíquo”, todas circulares e múltiplas, cheias de vigor e de obscuridade ao mesmo tempo. Nunca possuí Ulrica, mas continuei criando, com ela, outras palavras com a letra U, e fiquei feliz enquanto a vi manter-se viva à custa das palavras que criávamos.



Virou-se durante o sono, como costumava fazer muitas vezes quando se encontrava agitado como naquela noite, e levou uma pinçada violenta no rosto. Depois de tantas dificuldades para conseguir aportar, depositar todos os pertences, organizar os homens cansados e ignorantes, fazer a fogueira de forma a aquecer e cozer suficientemente a caça endurecida, e ainda com a consciência de que seu sono seria inquieto, o que já o atrapalhava mais que bastante, ainda agora essa pinçada inédita e, de todos os lugares, no rosto. Era para desistir de tudo, de toda a empreitada, da subserviência ao rei, da recompensa abonada que iria receber, enfim, de tudo mesmo, para não ter de passar por um contratempo como aquele. Acordou ainda a tempo de ver um caranguejo correndo rápido para o seu lado esquerdo, na direção de Ut. Mesmo com a irritação e o sobressalto, teve a presença de espírito e a generosidade de acordar Ut, antes que ele também levasse uma agulhada no rosto, ou em algum lugar onde ela pudesse ser ainda mais desagradável. Ut somente resmungou, e voltou a dormir. Como eram doces a ignorância e a falta de responsabilidade. Zelu jamais conseguiria voltar a dormir, depois de ter sido acordado daquela forma. Nem tentou. Levantou-se, enrolou um pouco de tabaco e foi percorrer o acampamento. Apesar do medo, da velhice, da imprevisibilidade das viagens e dos perigos que não o encantavam mais, ele gostava de voltar para as margens daquele rio. Era o primeiro indício do retorno certo, a certeza de um pequeno descanso e a visão de um volume de água suportável, compacto e muito mais simbólico do que o insuportável mar. Aquela infinitude de águas a perder de vista, os homens bêbados de tontura e aguardente, a ideia de que nunca se sabia a rota certa, já tinham ultrapassado todo o interesse. O rio, não. Nele, tanto viver como morrer tinha mais sentido. O rio tinha um nome, Belus. Tinha uma forma visível, mensurável. Ele o acompanhava sem mudanças havia muitos anos, sempre no mesmo lugar. Já ouvira falar de ideias sobre o rio estar no mesmo lugar e sempre em outro, de ser o mesmo e ser diferente, mas não concordava. Isso acontecia com tudo, não só com as águas. O rio, talvez ao contrário, era mais firme que as outras coisas, embora tudo fosse mutante. Até as estrelas mudavam de lugar, não somente conforme a estação do ano e o lugar onde se encontrassem, mas também por seu próprio arbítrio, escondendo-se dos homens e dificultando seus caminhos. Era bom ver o rio, embora lhe doesse a face por causa do maldito caranguejo. Algo esse caranguejo deveria significar. Lembrou-se de uma estranha mulher, morena e com panos enrolados na cabeça, que lhe dissera, no Egito, depois de se oferecer para ler a palma de suas mãos, em troca de um pouco de pó de café e algumas especiarias, que as linhas das suas mãos lhe lembravam a forma de um caranguejo e que, por isso, provavelmente algo novo estava por lhe acontecer. O caranguejo é a mãe terra, são todas as mães reunidas num mesmo bicho. A mãe céu, a lua, sua própria mãe e a terra, dispostas em concha, como durante a gestação. Zelu mal conhecera sua pobre mãe; soube que fora morta junto com outros prisioneiros pelos sumérios, o que provavelmente queria dizer que ela teria sido morta a chutes ou sob alguma outra forma de tortura rude e sem técnica, como era próprio daquele povo. Com Badezir era diferente. Apesar do despotismo, necessário a qualquer rei que se prezasse, ele era justo e sabia reconhecer o valor e a necessidade do progresso. O rei considerava Zelu um familiar e sabia agradecer-lhe por suas expedições e descobertas. Tinha lhe negado a aposentadoria, o que amargurava o sábio, e mandava acordá-lo aleatoriamente a qualquer hora da noite, somente para conversar ou para esclarecer alguma dúvida, das mais banais às mais relevantes. Era um comandante, enfim, mas não havia como negar-lhe justiça e a visão de conjunto. Na Fenícia não se praticava tortura. Pelo menos não daquela forma bárbara e primitiva. Era por isso que os sumérios, apesar de se jactarem de possuir uma forma de escrita mais rápida e prática, não saíam nunca daquele estado lastimável de miséria e confusão. Caminhando assim, distraído, Zelu não se

dera conta de que o acampamento parecia iluminado, como se fosse dia lá dentro e noite no resto da terra. Olhou para o céu e tudo jazia na escuridão e ali, à beira do rio, havia uma luz estranha, um brilho branco. O fogo se apagara, os blocos de natrão haviam desaparecido, e em seu lugar uma esteira transparente se formara, incandescente e cintilante. Havia muito tempo que o sábio já não acreditava em presenças súbitas de divindades, milagres ou feitos do além. Aquilo teria uma explicação, mas nunca vira nada semelhante e, de uma vez só, o caranguejo, a mulher egípcia, sua mãe, o cansaço, o rei, o rio e toda a sua experiência e conhecimento acumulados assomaram-lhe ao mesmo tempo à cabeça e como que diante de seus olhos. Como se fossem uma coisa única, como se estivessem todos ali, concentrados, circunscritos no reflexo que Zelu via de si mesmo na superfície transparente, um rio duro que se formara durante o sono. Agachou-se e, por debaixo das placas, viu que também a areia tinha desaparecido. Era certamente uma composição formada pelo natrão, pelo fogo e pela areia que, plasmados, originaram aquela chapa translúcida. Como, depois de tantos anos, isso só acontecera agora? Era sem dúvida o natrão, que Zelu vinha usando havia muito pouco tempo, trazido do Egito, agregado ao fogo que os homens, bêbados, haviam deixado aceso, apesar das advertências. Novamente, bendita a ignorância desses homens tranquilos que acertam mesmo quando erram e para quem só importa o minuto de agora. Seu ímpeto foi despertar a todos, chamar seus subordinados imediatos e compartilhar com eles sua visão, seu deslumbramento. Eles não saberiam apreciá-lo; viriam com fórmulas estrangeiras de magia e proteção, maldiriam novamente a hora em que se filiaram à tropa fenícia, se ajoelhariam diante das placas, ou recomeriam a beber ou a entoar aqueles cânticos repetitivos. Seria melhor repetir a experiência com os blocos de natrão que haviam sobrado no navio e deixar que os homens vissem a coisa se processando. Assim, não haveria dúvidas sobre a verdade técnica do que se criava. Mas como saber se aquilo aconteceria de novo, qual seria a quantidade necessária de natrão, areia, o tempo de exposição ao fogo e a temperatura? Como saber se o mesmo resultado ocorreria? Se nada acontecesse, os homens o chamariam mais uma vez de louco ou descrente, como costumavam fazer. Ficou cutucando a placa brilhante com uma vareta de madeira, resto da lenha que sobrara da fogueira. A placa era homogênea, lisa. Encostou de leve a ponta dos dedos sobre a chapa e ela já estava morna. Ergueu-a lentamente e observou que era dura e se sustentava transparente e sólida diante do seu corpo. Através dela viu os homens dormindo, o rio correndo manso, a lua mais branca do que a olhos nus. Era como se o mundo ficasse melhor, mais bonito e também ele transparente; como se o mundo se transformasse numa imagem. Viu o reflexo baço dos seus olhos sobre a chapa e, dentro deles, prismatizadas em sua pupila, duas retas que se estendiam diagonalmente para os dois lados, com o vértice para baixo. Lembrou-se dos sumérios, com seus sinais gráficos presunçosos, e teve certeza, naquele instante, de que era preciso dar um nome àquela matéria nova que se formara, para que para sempre ressoasse na memória dos homens a história dos fenícios. Inspirado naquela forma que vira em seus próprios olhos, refletidos na transparência, e também para celebrar o fato, criou a letra V e deu ao novo elemento o nome de vidro. A forma da letra e o som da palavra de algum modo reproduziam o efeito daquele material. A letra era como a composição de um positivo e um negativo, sem que se soubesse qual era o quê. E o som da palavra “vidro”, com as vogais *i* e *o*, e as consoantes *d* e *r*, era como um material que pudesse se partir a qualquer momento, se o vocábulo não fosse pronunciado com muito cuidado e lentamente. A letra V, desde então, percorreu várias outras palavras, com sua velocidade devoradora e tão rápida, que quase não a podemos conter entre os lábios: ela já quer voar. Entre tantas palavras, uma das mais significativas é a palavra “vento”, que, como o vidro, se não fosse iniciada por essa letra, dificilmente seria aquilo que é.



Mário de Andrade, no romance *Macunaíma*, conta que o protagonista, personagem que dá nome à obra, era da tribo dos tapanhumas. Ainda antes de Mário, o etnólogo alemão Theodor Koch-Grünberg escreveu a obra *Do Roraima ao Orinoco*, em que pesquisou praticamente todos os povos indígenas que vivem às margens desses rios (e de muitos outros), também mencionando nele a importante tribo dos tapanhumas. O romance *Macunaíma* teria surgido para Mário de Andrade como a ideia de uma saga épica brasileira, após a leitura do livro de Grünberg e a partir do conhecimento e vivência de centenas de histórias, mitos, canções e casos brasileiros e estrangeiros, mas baseando-se principalmente nessa fonte do estudioso alemão, em que o nome Macunaíma, da língua tapanhuma, significa “pequeno mal”.

Efetivamente, às margens do Uraricoera habitava e ainda habita esse povo, mas Macunaíma, nunca mais do que um pequeno mal e muitas vezes um quase grande bem, não nasceu entre eles. Nem Mário de Andrade, que apenas imaginou essa história e a tornou praticamente verdadeira na memória do povo brasileiro, nem, muito menos, Koch-Grünberg, que nunca chegou a saber que Macunaíma um dia se tornaria personagem de um antiépico do Brasil, sabiam que o herói (ou anti-herói, como muitos o chamam) na verdade existiu, teve uma vida em tudo semelhante àquela criada na ficção, mas não nasceu entre os tapanhumas e sim no seio de outro povo, também habitante das margens do Uraricoera. Para falar a mais séria verdade, nem o próprio Macunaíma, enquanto viveu, soube que tinha se tornado ou que se tornaria — já que a época de sua existência é questionável — o herói sem nenhum caráter.

Na exata confluência do rio Uraricoera com o rio Tacutu, no alto Amazonas, onde se localiza atualmente o estado de Roraima, habita outro povo, conhecido naquela região especialmente por dominar o segredo da jiquitaia, uma mistura de pimentas que aquece, alimenta, anima e conforta as criaturas, como nenhuma outra combinação desse condimento é capaz de fazer.

Macunaíma, nascido e criado entre os anciãos desse povo, sabia como ninguém onde encontrar as melhores pimentas e como prepará-las de tal forma que o coração dos carentes e solitários se aquecia, as chagas dos doentes se curavam e a alma dos desanimados amanhecia novamente. Sua habilidade era tanta e por isso ele era tão procurado, que os mais velhos da tribo acharam por bem proteger o menino do assédio coletivo do próprio povo, assim como de membros de outras tribos que, pelo efeito da boataria, também apareciam nos redutos de lá para se valerem dos serviços de Macunaíma, que jamais se importava de ofertá-los nem pedia nada em troca.

Por essa época, ainda durante a meninice, Macunaíma não sabia nada dos segredos e vantagens da prática e do engenho da malícia, da qual usavam e abusavam os membros de seu povo, sem falar em outros tantos povos que sempre souberam fazer uso dela. Os mais velhos de sua extensa família o aconselhavam, fosse para que o menino aprendesse a utilizá-la para seu próprio bem e para o da tribo, fosse para que ele não se tornasse presa do desejo de seduzir e lucrar com a manipulação da malícia. Macunaíma ouvia a tudo e a todos e, paradoxalmente, seguia fielmente todos os conselhos, para o sim e para o não. Oscilava entre a inocência e a esperteza, parecendo ainda mais ingênuo quando queria bancar o astuto. Mas nada lhe garantia mais prazer e estímulo do que sair à caça das melhores pimentas e, então, adivinhar um preparo cada vez mais esmiuçado e renovado de casamentos entre elas.

Ocorre que, como também acontece entre todos os povos, existem indivíduos que sempre souberam valer-se da malícia para fins mais perversos do que simplesmente a brincadeira. Alguns desses indivíduos, pertencentes ao povo de pele avermelhada tapanhuma, ao informar-se sobre a habilidade rara de Macunaíma na manipulação da jiquitaia e da *didia*, irromperam uma noite no acampamento daquele povo

uraricoerano e, em silêncio, levaram o menino para sempre.

Macunaíma e seu povo, o povo que não carecia de nome porque se sentia completo em sua existência, sem precisar de nome para complementá-la, acordaram na manhã seguinte ao seu desaparecimento, emudecidos e vazios, sem saber para onde olhar nem o que fazer. O menino, casmurro, por muitas noites vagou sozinho e sem vontade para nada nem ninguém. Seu povo, por sua vez, vagueou pelas matas, rezou para seus deuses e ancestrais, utilizou todos os chamarizes possíveis para atrair Macunaíma de volta, mas seu esconderijo era tão bem resguardado, que ninguém o encontrou, e, depois de sessenta luas, todos acabaram desistindo e atribuindo seu desaparecimento a forças do mal.

O herói, enquanto isso, mesmo forçado a continuar caçando a *didia* e elaborando a jiquitaia, não tinha a mesma destreza quando sob coação. Para ele, enquanto agia em meio às pessoas do povo sem nome, tudo nunca passou de brincadeira, palavra que ele gostava tanto de usar, inclusive para a prática do sexo, e que mais tarde ficou justamente imortalizada no romance de Mário de Andrade. Sair para o mato e preparar a mistura de pimentas, para Macunaíma, nunca foi sinônimo de trabalho. Ao contrário, para os não nomeados, o trabalho e a preguiça são basicamente a mesma coisa, e estar parado é o mesmo que estar em movimento.

Por sua falta de habilidade, Macunaíma era constantemente punido e excluído do convívio geral de sua nova tribo, e, por isso, foi sendo tomado por um banzo imensurável e incurável, razão pela qual o conselho maior da tribo acabou por decidir enviá-lo para São Paulo, onde, junto com seus dois falsos irmãos, Maanape e Jiguê, tentaria ao menos lucrar alguma coisa em dinheiro com a milagrosa combinação de pimentas. Ao menos aqueles malditos paulistas estúpidos cairiam naquele conto do vigário, já que ninguém na floresta acreditava mais em Macunaíma.

Uma vez na cidade grande, e em contato com tantos e tão diferentes tipos de malícia, bem mais estratégicos e gananciosos que o seu, Macunaíma conheceu também um duplo sentimento: de derrota e de ambição. Mas, quanto mais se envolvia em tentativas de obter o assim chamado dinheiro, com requintes cada vez mais ousados de astúcia e conspiração com seus irmãos, mais se via cercado por vigaristas e fracassos. Sua malícia, sua jiquitaia, seu conhecimento sobre as espécies e propriedades da pimenta, de nada pareciam valer diante da usura e pragmatismo daquele povo da cidade vertical.

Mário de Andrade, mesmo sem ter conhecido o verdadeiro Macunaíma e sem saber (ao menos não há informações confiáveis sobre isso) que seu anti-herói realmente esteve na cidade de São Paulo, profetizou retrospectivamente esses acontecimentos e, além de tudo, enxergou, no fundo do passado, as adversidades enfrentadas pelo herói do pequeno mal. Seu mal, naquela selva invertida, não surtia efeito algum. Sua brincadeira também não.

Tomado por uma vertigem e um sentimento de nostalgia infinitos, Macunaíma saía durante as tardes, subia nos morros mais altos da cidade de São Paulo e ficava fitando, ao longe, a linha do horizonte, os contornos da paisagem, as linhas desiguais da avenida Paulista. A essa altura, já tinha aprendido a ler e a escrever, e enxergava a pequena letra de seu nome na paisagem de edifícios da cidade. Tudo subia e descia, e as duas montanhas que compõem a primeira letra de “Macunaíma”, entrevistas assim nos prédios de São Paulo, o faziam lembrar-se das montanhas do mato. Sentia saudades imensas de seus avós, tios, mães e irmãos, já que para seu povo, assim como para todos os povos amazônicos, a família não é somente um combinado microscópico de cinco ou seis pessoas morando numa caverna ou gaiola suspensa no ar. As famílias desses povos são como a jiquitaia: combinações espiraladas e multiplicadas que brotam e verdejam desde a terra e frutificam em todo lugar.

Foi durante uma dessas tardes que Macunaíma, tomado de raiva, sentimento que começava a conhecer, e com desejo de pôr abaixo aquela cidade toda, teve a ideia (assim como também teria Mário de Andrade tempos depois) de dar um nome ao seu povo. Se tudo tem nome, e tudo o que tem nome acaba, de um jeito ou de outro, tornando-se mais esperto do que aquilo que não tem, o herói pensou que, munida de nome,

também sua tribo o encontraria e, em conjunto, todos saberiam como tirá-lo de lá, ou como vencer aquela tribo de homens brancos e sabidos. Achou que, se invertesse a primeira letra de seu nome, poderia criar uma letra nova, que mostraria justamente sua vontade de que aquela cidade fosse posta de cabeça para baixo. Virou o M ao contrário e inventou a letra W e deu a seu povo o nome de wapixana, palavra que soava possante como a raiva que sentia e a vontade de voltar.

Infelizmente, a pronúncia do nome “wapixana” e a forma estrondosa como Macunaíma gritou essa palavra pelos sete pontos de São Paulo não foram suficientes para que seu povo o ouvisse nem tampouco o resgatasse. Macunaíma e sua família nunca mais se reencontraram, e o nome “wapixana” praticamente não surtiu efeito nenhum, ao menos naquele momento, sobre o temperamento dos indivíduos da tribo.

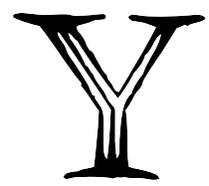
A letra W, entretanto, obteve grande repercussão, permitindo a Macunaíma, que adorava brincar com as palavras, a criação de muitos vocábulos e nomes novos, como Waurá e Wayana, que são também nomes de povos de gente de pele avermelhada como ele, e até a palavra “weekend”, nome usado por norteamericanos e por gentes de inúmeras etnias para designar aqueles dois únicos dias da semana em que os homens de pele branca aceitam, sem culpa, brincar e não fazer nada, como Macunaíma gosta e sabe fazer todos os dias.

X

“Seu encontro com Luzhin deveria decidir quem obteria o primeiro prêmio e havia aqueles que diziam que a limpidez e a leveza do pensamento de Luzhin iriam prevalecer sobre a fantasia tumultuosa do italiano, e havia aqueles que previam que o colérico e rápido Turatti derrotaria o visionário jogador russo. E o dia de seu encontro chegou.” Eram essas as palavras que Luzhin lia e relia no sanatório Wlokniarz. Não conseguia ir adiante. Sempre parava nessa última frase, “E o dia de seu encontro chegou”. Chegara, o dia que deveria ter chegado, o dia que Luzhin tanto aguardara e que se aproximava lento na ponta de um futuro para o qual centenas de outros dias pareciam caminhar, só para que aquele dia chegasse, só para que aquelas linhas fossem escritas e o que se sentira como futuro se arrojasse solidamente como um instante completo, e nunca mais houvesse futuro, a não ser na premonição das próximas jogadas, ou seja, um futuro existente somente no instante da sua antevisão; esse dia chegara. E, quando o dia aconteceu, quando, naquela manhã, Luzhin se preparava para enfrentar Turatti, nada fazia crer que era o dia imaginado. Não havia, na luz do dia, no movimento das árvores, na textura do ar, nada que traísse seu caráter maciço e único. Nenhum grito, eco ou saliência marcavam o bloco do dia. Nem mesmo Luzhin estranhava a normalidade do tempo. Encontraria e enfrentaria Turatti. Estudara todas as suas jogadas, penetrara em suas possibilidades de raciocínio, de uma forma que só os jogadores daquele extraordinário vício sabiam compreender. Não havia nada espetacular a temer, portanto. Entre as infinitas jogadas possíveis para se dar início a um jogo, Turatti optaria por uma das centenas que compunham sua configuração básica de armação, que era sempre a opção pela beleza. A beleza, para quem praticava aquele jogo, era a submissão da estratégia ao brilho do instante; o sacrifício até da vitória, em nome da exatidão e da raridade da jogada. Mas, ao contrário, era isso justamente que levava à vitória. A vitória, para quem, como Turatti, valorizava o belo acima de tudo, não era um objetivo. Era uma consequência inevitável de suas escolhas. Luzhin conhecia essa excentricidade da opção pela beleza e não em detrimento da vitória. Considerava-a menor; um capricho italiano, como os museus ou o teto da Capela Sistina. Isso lhe parecia falso, diante da certeza do resultado. Luzhin era russo. Suas jogadas podiam não ser tão belas, mas seria difícil prevê-las, por mais feias que fossem. Como decifrar os caminhos de seu cérebro, que se perdiam pelos desvãos dos cálculos, pela matemática que mais criava o futuro do que se submetia a ele? Não haveria chance para Turatti. E, mesmo assim, o fato de o dia haver chegado, de Luzhin ter esperado por ele como se aguarda uma noiva, deixava-o mais frágil do que queria estar. “Elegância” era a palavra. No porte e no jogo. Era assim que se comportaria. Isso iria desconcertar Turatti, que deveria estar esperando brutalidade ou ao menos falta de educação. Não. Luzhin se reclinaria, acenderia um cigarro até, se sentaria na poltrona errada e então pediria desculpas a Turatti, que ficaria desnorreado. Havia muito em jogo ali, não só a vitória. Num jogo como aquele, ser campeão era o que menos contava. Ser campeão seria como uma humilhação diante da grandeza daquelas 64 peças bicolores, num tabuleiro também bicolor, todo marcado por quadrados exatos. Sessenta e quatro representantes da nobreza, movendo-se segundo regras determinadas, em posições rígidas, possibilitando combinações matemáticas, estéticas e vitais que de nenhuma outra forma seriam atingidas. O que importava era o confronto, a superposição de mentes conflitantes e o seu resultado elétrico. As coincidências, na verdade, as correspondências à previsão, eram tão belas e importantes quanto as jogadas que escapavam à certeza. Como era belo reconhecer, numa jogada do adversário, exatamente aquilo que se havia imaginado. Como era bom testemunhar o funcionamento da mente, sua manifestação concreta, na forma do movimento de uma torre. Da mesma forma, como era admirável surpreender-se com jogadas imprevistas, que instavam o jogador a processos lentos e dolorosos de adivinhação combinatória. Que sensação incomparável aquela de

caminhar por corredores feitos de possibilidades e optar com convicção por uma que, por sua vez, levava a centenas de outras delas, todas querendo ser escolhidas, mas selecionar somente uma, que então abria a porta a tantas outras, até chegar a uma sequência provável de jogadas do outro e então vê-las armarem-se ali, diante de seus olhos, como se tivessem caído diretamente da parede onde você as marcou e entrado sozinhas no tabuleiro, à revelia do adversário. E que fruição renovada a de, então, ser a sua vez de caminhar por aqueles mesmos corredores, mas dentro de seu próprio cérebro, agora não somente precisando preceder as jogadas do adversário, mas arriscando as próprias. Como o tempo se solidificava e se estendia àquelas possibilidades, apresentando-se como um modelo numa passarela. Como o tempo se rendia àquele intervalo de escolhas, em que o comandante era apenas o jogador. Luzhin realmente não precisava, não devia se preocupar. Não era mesmo a derrota que estranhamente o inquietava. Era, provavelmente, a atitude de Turatti, que ele sabia não acreditar no jogo como ele, Luzhin. Turatti, por alguma razão, ficava acima do jogo; era como se pudesse viver sem ele, e isso era temerário. Luzhin não perdia para o rival; perdia para o jogo, e isso o tornava um religioso. Turatti como que manipulava as peças e, perdendo ou ganhando, algo nele queria somente o gesto ou, o que é pior, a exibição. Isso era o que mais enraivecia Luzhin. Brincar com o narcisismo inerente ao jogo, como se tudo não passasse de um espetáculo, cujo centro, nesse caso, seria o jogador e não o jogo. Só essa ideia já horrorizava Luzhin, que se considerava um servidor do jogo, nunca seu proprietário. Ajustou o nó da gravata mais uma vez e dirigiu-se ao salão, onde todos o aguardavam, inclusive Turatti. O que faziam todos durante horas? Fingiriam atenção? Iriam se retirando lentamente, como sempre, até que, ao anoitecer, só restassem mais alguns poucos jogadores e um ou dois jornalistas teimosos. Sentou-se em frente a Turatti, que já se encontrava posicionado e, como era de prever, já sorria. Esperaram soar o hino russo e o italiano, as falas do juiz e de algumas autoridades, sem que se apagasse o sorriso idílico no rosto de Turatti, para darem início à partida. O italiano começaria. Ainda conduzido por aquele sorriso insuportável, moveu a primeira peça branca. Não era possível! Entre todas as jogadas que Luzhin sabia fazerem parte do repertório de Turatti, aquela jogada não constava. Por que algo tão primário? Que estratégia mais pérfida desafiá-lo pela tolice e agir como uma criança, calculando que o russo não contaria com isso. Jogar como se fosse fácil era baixeza demais. Tratar o jogo como uma questão de simples esperteza era o desrespeito levado às últimas consequências. E o sorriso! Pelo amor de Deus, que tirasse o sorriso dos lábios! Luzhin permaneceu ali, imobilizado pela atitude, como previra, mas nunca uma atitude como aquela. Jamais poderia esperar que Turatti colocasse a performance acima do jogo. Não havia o que, como, nem por onde raciocinar; não havia desafio. E era essa a última cena de que Luzhin se lembrava, dentro da bruma cinza de sua memória. Como, depois daquela insolência, fora parar ali, no sanatório Wloknierz, o que fizera, como agira, não se lembrava. E não adiantava os médicos lhe contarem, a imprensa repetir, nada parecia factível. Horror ao jogo era o que o mobilizava agora; ficava parado diante do tabuleiro durante horas, odiando-o. Alimentava-se daquele sentimento completo e se esquecera de todo o resto. O centro do tabuleiro, o nó de onde todo o ódio desatava era a interseção onde se encontravam os dois quadrados negros e os dois quadrados brancos entre a quinta e a sexta fileira. As jogadas se irradiavam de lá; as possibilidades, as táticas, o tempo, o medo, o futuro e o passado. De lá o ódio, o horror e o belo. Daquele vórtice minúsculo, podia-se partir para qualquer lado, mais para o centro, num movimento centrípeto de sucção, ou para fora, explodindo o presente e o futuro. De lá surgiam quatro retas diagonais, para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita. Luzhin viu a letra X formar-se sozinha entre os quadrados do tabuleiro e soube então que o jogo verdadeiro se passava ali, entre as duas cores, na linha que separava um oponente do outro e que ao mesmo tempo os aproximava. Num rompante de raiva e euforia, deu ao jogo o nome de xadrez, para que se perpetuasse, na extensão da palavra, a força daquela zona de fronteira. Era ali que ele habitava agora e era nela que ele encontraria a paz que ficava acima do sorriso de Turatti, acima do espetáculo e da disputa. Um lugar onde só moravam as possibilidades limítrofes, lugar de

xábegas, xeques e ximbras, onde estar num espaço pode ser também estar no outro, linhas cujo centro concentra e se abre em infinitas ocorrências. Desde então, desde que o nome “xadrez” foi atribuído a esse jogo tão belo e tão horrífico, outros Turattis ainda frequentam as salas dos grandes hotéis. Mas os bons jogadores, os homens de amor e conhecimento, esses sabem que o jogo verdadeiro acontece por entre o negro e o branco, e por isso respeitam e honram a letra X.



Não conseguia, por mais experiência que tivesse, acertar o ponto. Já era a oitava vez que a paciente voltava, demonstrando muita confiança, mas a dor persistia. Persistia como uma garra presa ao organismo de dentro para fora, e acessá-la por um meio externo parecia não atingi-la. Nunca tinha sido assim. A penetração, mesmo que superficial, daquelas agulhas, tinha justamente a intenção de provocar um efeito abrangente, externo e interno também. O desejo de criar harmonia não só nas sensações, mas nos próprios órgãos, não era simplesmente retórico ou força de expressão, como em tantas outras terapias. Era verdadeiro. Bo Huan praticava a medicina com a convicção de que manipulava não menos que uma parte da grande verdade. A correspondência entre os seres e todos os fenômenos da natureza, entre o pequeno e o grande, entre o simples e o complexo, o baixo e o elevado, o fora e o dentro, as produções humanas e naturais. Uma semente encapsulada num caroço de fruta era equivalente à aparição de uma nova estrela no espaço; o impacto da fumaça proveniente do processamento de algum gás era matematicamente igual à força de uma tempestade. Se aquela dor resistia impávida à penetração da agulha, era porque Bo estava errado. Nunca a dor. A dor é um fenômeno passivo, ou até ativo, mas mero resultado de uma ação anterior a ela. Ela é secundária na cadeia dos processos defensivos do organismo para aplacar o desequilíbrio, o mau funcionamento de sua dinâmica. Se a dor resiste, é porque não se soube atingir com competência e agudeza suficientes a fonte do desequilíbrio. A agulha é como um agente desequilibrador do próprio desequilíbrio, para que ele sozinho reencontre sua unidade fundamental e necessária. O avesso do avesso é o direito, embora não exista o direito integral, pois o corpo, como a natureza, encontra a unidade no movimento, não no repouso; na mudança, não na permanência. Tudo isso Bo já sabia e não adiantava repetir. Até que ponto o conhecimento teórico da verdade podia interferir na prática efetiva da diminuição da dor? Naquele caso, não adiantava, ou, ao menos, deveria haver alguma pequena falha na sua compreensão da teoria, ou na sua transformação do pensamento em ação, para que a dor não cessasse. E, afinal, não era uma dor, era uma mulher com uma dor. Seus olhos estavam pequenos, como que mendicantes; sua postura se recurvava mais a cada dia que ela voltava. Uma pessoa com uma dor se transfigura; não é mais nada além da dor. Passamos pela rua e vemos a dor caminhando; em volta dela alguém caminha junto.

Mas por que ela voltava? Por que tinha tanta confiança naquela terapia e naquele terapeuta fracassado? Nunca tinha tratado dela antes, ninguém o tinha recomendado a ela, ela simplesmente aparecera um dia na porta de sua casa e ele decidiu, ao vê-la, que seria importante começar o tratamento instantaneamente. Ela mal precisou dizer o que sentia; seu corpo falava em seu lugar. Bo já sabia que, na medicina, quanto menos palavras melhor. As palavras só faziam perturbar a língua do corpo e da dor, cuja clareza era firme, sem interferências, lisa e fina como as próprias agulhas.

Pensou em pedir a ela que desistisse dele. Mesmo com seu renome, sentia-se despreparado para exigir tanto de alguém. Não poderia transformá-la em cobaia das suas especulações filosóficas e práticas. A dor irradiava para outros pontos, antes não doloridos, e começava a se metamorfosear em fantasia da dor. É o que ocorre com todas as dores que duram; elas se tornam maiores e mais espaçosas do que seu ponto original e ocupam órgãos e músculos vizinhos, vão sorratamente enganando o cérebro, até que ele registre uma sensação onipresente, praticamente incontornável. Quando alguém não consegue mais vislumbrar seu passado nem seu futuro sem aquela dor, é porque ela já ocupou a memória e a inteligência, e as terapias para esse mal são muito mais complexas e demoradas.

Ela pouco falava. Certamente voltava porque tinha começado o tratamento e não queria começar outra vez, com outra pessoa. Devia ver, nos olhos de Bo, sua vontade de curá-la. Entregava a ele sua confiança, e

disso Bo não podia se desfazer e simplesmente desistir. Em meio àquela dor aparentemente impenetrável, a única coisa que ainda irradiava uma luz insistente, fixa e brilhante eram os olhos de Shuang. Mesmo sob o impacto incisivo da dor, que aliena o ser de todas as suas energias, os olhos de Shuang mantinham a coloração, o brilho e a expressão. Antes do sofrimento, ela era provavelmente uma mulher forte, verdadeira, luminosa, e isso não desaparece nunca.

No meio de uma noite insone, entre uma tentativa e outra de voltar a dormir, naquele estado intermediário em que tudo tem a dimensão de uma revelação ou de um fracasso, Bo pensou que, se os olhos de Shuang ainda emitiam aquela luz teimosa, era porque o tratamento, de alguma forma, deveria passar por eles. Mergulhar naquela fonte de energia luminosa e valer-se dela para irradiá-la para outros pontos do corpo. Criar uma cadeia associativa entre as agulhas, em que outros focos nos fluxos líquidos do corpo aproveitassem a força dos olhos. Um pequeno drible no sistema nervoso, que ainda mantinha reservado aquele ponto de equilíbrio, os olhos. Desviar o caminho que concentrava a força naquele único ponto e fazê-la proliferar também para os outros pontos.

Colocou duas agulhas em cada pálpebra e outra nos cantos dos olhos, e pediu a Shuang que os fechasse com calma e que pensasse neles. Pense em seus olhos, abra-os para dentro, conduza-os pelo corpo. Aquilo era uma mistura de charlatanice, improvisação, experiência e ousadia. Uma insanidade para um médico urbano numa China moderna, que já ultrapassara a carga opressiva das superstições. Mas mal não faria, e a prática já tinha lhe mostrado que algumas incertezas inofensivas às vezes são mais exatas do que as certas conclusivas.

Repetiu o procedimento por mais três vezes e a dor cedia mais a cada sessão. Shuang voltava cada dia mais ereta e chegou até a sorrir. A dor era menor, mas mais espalhada, o que era um bom sinal. As dores móveis são mais dóceis ao tratamento do que as fixas, que vão empedrando o corpo e a alma. Bo já tinha desenhado um caminho que as agulhas acabavam perfazendo: os pontos mais elevados eram os dois olhos, formando duas pontas de suspensão, que eram como a sustentação da saúde e do equilíbrio. O caminho ia descendo diagonalmente dos olhos, passando pelas bochechas e concentrando-se em vértice na ponta do queixo, de onde descia em linha reta pelo abdômen e pelo umbigo até estancar no ventre, onde a dor se acumulava.

Do fundo e da superfície dos olhos de Shuang e do miolo da noite de Bo, entre o sono e a vigília, brotava um clarão capaz de dissolver a escuridão da dor. A luz como polo de sustentação parecia desviar e diluir os fluxos elétricos que partiam do cérebro. A informação da dor, quando esbarrava na luz ocular, devia levar uma espécie de choque, o que a fazia inverter-se. Mas a lógica, naquele caso, não importava tanto. O mais importante era o caminho e a reação de Shuang. Quem cura a dor é o próprio paciente.

Em outra noite maldormida, agora por euforia e não por frustração, Bo entreviu, no desenho formado pelas agulhas no corpo de Shuang, uma nova letra, a que chamou de “ípsilon”, em homenagem à ideia pitagórica de que a vida de uma criatura se decide no momento em que ela é obrigada a enfrentar uma encruzilhada. Com essa letra, Bo também criou a palavra “yang”, que, em chinês, significa “luz” e “clareza”. O *yang*, entretanto, embora radiante, não deixa de conter, no cerne de seu brilho, a escuridão do *yin*, o negativo necessário para que a luz do *yang* seja ainda mais forte. Assim como a brecha de sono e vigília que iluminou sua noite, o *yin* e o *yang* também mantêm reciprocidade e um não pode existir sem o outro.

A letra Y e a palavra *yang* viajaram por muitas fronteiras e rotações do sol e da lua até chegarem ao português, onde, no dicionário, se avizinharam com certo desconforto a palavras como “yacht” e “yanomami”, que têm pouca ou nenhuma relação com elas. Sentiram-se mais à vontade, entretanto, próximas de outras palavras como “yuan” e “yué”, também de origem chinesa. Mesmo assim, ressentem-se da distância de seu criador, Bo, que significa “onda” em chinês e a quem a letra e a palavra muito se

afeiçoaram.

Z

Lá dentro era apertado e disputado. A sorte era que os nêutrons não duravam mais do que quinze minutos, logo se convertiam em prótons, e assim, ao menos, a briga não era tão violenta quanto poderia ser, caso aquelas partículas neutras resolvessem, por acaso ou artifício, durar um pouco mais. Havia a animosidade já cansativa entre os três *quarks*, dois para cima e um para baixo, que precisavam manter-se em estado de tensão permanente para conservar um mínimo de equilíbrio. Além disso, era preciso suportar a vizinhança asfíxica dos outros 29 prótons em todos os milésimos de segundos, desde que tinha surgido, não sabia de onde nem como. Mas isso não era tudo. A pior briga de todas era com os nêutrons, que, com massa quase idêntica à sua, teimavam em assegurar seu equilíbrio com uma estrutura quarkiana oposta à dos prótons: dois para baixo e um para cima. Eles eram realmente pedantes em sua neutralidade; como se isso, por si só, já lhes assegurasse o equilíbrio, que diziam ser o aspecto fundamental para a permanência do núcleo e, portanto, até do próprio átomo e, assim, da matéria como um todo. Até aquele momento, nunca havia experimentado um único instante de equilíbrio e custava a acreditar que fosse possível mantê-lo só à custa de tanta tensão. Para que era necessário viver naquele estado invariável de atrito? Não era o caso, também, de assumir a pretensa neutralidade dos nêutrons; era exponencialmente melhor ter carga elétrica positiva, mesmo que isso às vezes lhe pesasse muito. Mas, de alguma forma, sentia-se oprimido. Via as outras 29 partículas aceleradas, girando eterna e inconscientemente numa corrida insana em direção a nada, vislumbrava ao longe, rodando em torno do núcleo, os elétrons, aparentemente bem mais interessantes e expansivos do que ele e sua vida tediosa, e sentia-se só e inútil. Talvez também fosse patético para um próton sentir-se só e inútil, já que sua dimensão era tão infinitesimalmente ridícula, que mal lhe cabia sentir qualquer coisa. A essa dimensão incalculável de partículas só caberia seguir a direção que nem a própria natureza conhecia, de tão irrelevantes que eram. Era assim que via seus pares movendo-se, ignorantes e inocentes, sob tensão total, na direção do equilíbrio daquele átomo. O que haveria para além daquele espaço zerado? Provavelmente outros átomos também invisíveis, compostos de outros núcleos e partículas negativas, positivas e neutras, todos brigando eternamente na direção da ordem incerta daquele elemento de que faziam parte. E por que ele, justamente ele, fora sentir alguma coisa? Não era derivação humana, pois aqueles átomos mal sabiam o que era um homem; pertenciam a outra categoria de seres. Talvez nem seres fossem. Também não era influxo divino, pois aquela classe da matéria estava depositada tão fundamente sob a superfície da terra e havia tanto tempo, que era provavelmente anterior até à própria noção de algum deus. Por que fora justamente ele a primeira, a última e talvez a única molécula dotada de introspecção, não seria possível saber. Deveria ser o acaso, que, na desordem de suas determinações, havia confundido atributos humanos com as qualidades de uma partícula de matéria. E agora, ainda por cima, percebia que o núcleo havia sido extirpado à força de seu alojamento subterrâneo, até mesmo de seu invólucro atômico original, e uma manipulação estranha acontecia. A rota original dos prótons estava em convulsão e ele se sentia ainda mais confuso do que sempre. Reconhecia, naquela transformação, nos sons, cheiros e texturas que o apalpavam, alguma coisa familiar, próxima, uma espécie de pertencimento. Da mesma forma, as mãos que pesavam e avaliavam a aceleração, a contagem e o sentido do movimento das partículas, também se deram conta do comportamento raro daquele próton, que parecia recusar-se a seguir o caminho necessário e circular das outras moléculas. Não havia como estabelecer qualquer forma de diálogo. O reconhecimento mútuo jamais teria como se processar sob alguma forma de comunicação; ficaria para sempre no silêncio da pergunta intraduzível, aquela sensação compartilhada por um próton e um cientista. Partilhavam uma ideia comum de não pertencimento, ao mesmo tempo que sabiam ambos

pertencer a outro léxico; um léxico do acaso talvez, mas do acaso somado à negação, como uma estrela que se recusa a morrer, uma onda sonora que percorre a direção contrária, uma folha que cai fora do outono. Mesmo sabendo da irregularidade e, quem sabe, também do absurdo daquela intimidade, o homem e a partícula mantiveram, cada um para si e numa espécie de diálogo calado, uma certeza reconfortante. Era bom reconhecer um igual, mesmo que fosse impossível estabelecer contato; mesmo que fosse na distância que há entre o tempo e a eternidade, a fala humana e o silêncio da matéria. Afinal, também na opacidade aparentemente imutável do minério deve estar oculto o intratável, um desvio fino da matéria. O mistério não pode ser somente a permanência; deve estar nos mínimos deslocamentos também. Assim, nas entranhas de uma montanha que se posta como um monumento, escondem-se movimentos ínfimos, em que musgos e folículos caminham para trás, gotas de orvalho não se dissolvem, grãos de terra engordam desnecessariamente. O homem já tinha visto e estudado reações inesperadas em partículas de outras substâncias. Mas nunca presenciara nada como aquela persistência localizada e aquela percepção compartilhada. Deteve-se por muito tempo observando o próton teimoso e enlouquecido, e verificou que, ao contrário da rota espiralada de seus companheiros, ele percorria sentidos lineares, cruzados, ascendentes e descendentes, por vezes também criando ângulos diagonais. Era uma espécie de imitação de um raio, de um choque explosivo que fazia percursos opostos aos de seus pares. Para consagrar essa afinidade com o próton e nomear o seu movimento transgressor, o homem criou a letra Z e com ela estabeleceu o símbolo do número atômico e o nome daquele elemento químico onde o próton se negava a girar em sentido circular: “zinco”. Desde então, já se sabe, entre homens como este cientista, que vários outros prótons, elétrons e até alguns nêutrons vinham recusando-se a seguir o caminho adequado desde que surgiu o tempo. Até hoje, milhões de outras partículas continuam girando em falso e gerando brechas, falhas e surpresas. Alguns homens as acompanham. Da mesma forma, a letra Z com seu movimento veloz também aparece em várias palavras desordeiras, como “zero”, “zinga” e “zobaida”. Outras palavras nem tão desobedientes também assimilaram essa letra como inicial, mas com isso ninguém verdadeiramente se importa.

Alguns verbetes de um dicionário

Aardvark — ar, alma, ânimo, sopro. Quando Deus quis criar o mundo, não sabia o que faria e não dispunha de material algum. Sabia apenas algumas palavras, cujo significado também desconhecia. Sentia aquele estranho sopro brotar do fundo de sua glote, que naquele tempo ainda era estreita, e ouvia o som ainda mais estranho que se propagava pelo espaço maciço em que habitava. Ao escutar aquele som, Deus sentia um arrepio quente, uma espécie de vento que o alimentava de um sentimento que lhe lembrava a alegria, sensação que sua mãe lhe havia ensinado muito tempo antes. Resolveu então criar o mundo com aquele sopro. À medida que soprava, a pouca quantidade de ar que o cercava começava a se expandir, e surgiu então uma atmosfera gasosa, transparente, que Deus pensou ser o ar. Do ar e do sopro do Deus alegre nasceram então a alma e o ânimo, que são, assim, a mesma coisa. E a primeira palavra que Deus soprou foi “aardvark”, que em sua língua significa todas essas coisas reunidas.

Bababi — bola, bazar, burro. Os burros são os animais mais inteligentes da terra, justamente por serem os mais resistentes, trabalhadores e dóceis entre todas as criaturas. Superiores em tudo aos seres humanos, que estupidamente se consideram a espécie mais evoluída, têm capacidade admirável de equilíbrio e se sustentam em terrenos íngremes e escarpados. Desde tempos imemoriais, os seres humanos decidiram chamar o burro de “burro” para inferiorizá-lo, pois sabiam que, se permitissem que sua altiva superioridade se revelasse, num instante perderiam o posto de dominadores da natureza. Talvez até não perdessem, porque aos burros não interessa absolutamente o domínio da terra nem de coisa alguma, já que gostam de passar o tempo livre chutando bolas, arte que dominam com total maestria e inigualável prazer, e frequentando bazares, onde fingem que se deixam vender, para a alegria passageira de compradores maldosos e outros nem tanto, que se afeiçoam aos burros e os deixam brincar em paz. A palavra “bababi” pertence à língua secreta dos burros e significa simultaneamente “bola”, “bazar” e “burro”, termos que os burros consideram sinônimos.

Caama — cama, sonho, sono, deitar. O duplo *a* da palavra “caama”, que quer dizer “cama” na língua dos sonhos, contém também os significados para nós contíguos à cama, de “deitar”, “sonho” e “sono”. Na língua dos sonhos, entretanto, essas palavras não são diferentes nem contíguas, mas querem dizer todas a mesma coisa. Essa língua desenvolve-se por si mesma, todas as noites, e circula aleatoriamente pelos sonhos de muitas pessoas espalhadas por toda a terra, nas mais diversas horas do dia e da noite. Ao contrário do que afirmam muitos cientistas, as pessoas e os bichos sonham com sons e com palavras que desconhecem; um coletor de línguas, que viaja por dentro desses sonhos todos, passa, coleta essas palavras, distribui-as a uma equipe, que então lhes atribui diferentes significados. Esses significados, na verdade, não são decretados por esse time de especialistas, mas são na realidade extraídos por eles das palavras que já os contêm. Eles sabem apenas decifrar os segredos. Foi assim que, numa noite de inverno gelado, o coletor passou pelo sonho de um homem que havia muitas noites vinha repetindo aquela combinação tão bonita: “caama”. Deixou-a em silêncio sobre a mesa de um dos decifradores da língua, que também dormia ao lado de um forno de pedra. Quando acordou, o decifrador viu a palavra “caama” e soube imediatamente, sem nenhum esforço, que ali estava justamente a palavra que designava os próprios sonhos e, por conseguinte, o lugar, a entidade e a posição onde eles costumam aparecer.

Dádia — dedo, dois, dar. Quando os homens ainda possuíam apenas dois dedos, no período ordoviciano, um deles servia para agarrar, prender e furar, enquanto o outro tinha a função de apontar a caça e reunir os companheiros num grupo. Quando um membro do grupo feria um dos dedos e não podia exercer com perícia a prática da caça e da perfuração dos ossos, usava os dois dedos para apontar as presas que porventura estivessem correndo em direções opostas. Foi de um desses dedos, por sinal, que nasceu o futuro polegar, o dedo opositor. Quando ocorria, entretanto, de o sujeito acidentado, do alto de uma árvore, avistar dois

animais correndo simultaneamente na mesma direção, ele juntava os dois dedos, sinalizando então o número dois, que era o máximo que os homens conseguiam contar naquela época. Como sinal de gratidão e reconhecimento ao ferido que os ajudara, o grupo se reunia em torno dele, no final da caça, e lhe oferecia o melhor e maior pedaço da presa agarrada. O apontador, por sua vez, e sempre por polidez, recusava-o e o oferecia de volta ao grupo. É por essa razão que, na língua falada pelos ordovicianos, as palavras “dedo”, “dois” e “dar” são todas a mesma palavra: “dádia”. Mais tarde, assim como os dedos, essa palavra desmembrou-se e dividiu-se em várias outras, com acepções completamente diferentes.

Eco — elefante, tempo, memória. Quando todos ainda compreendiam a língua dos elefantes, o tempo até então não havia sido dividido em passado, presente e futuro. Essa divisão foi resultado do tempo em que, lentamente, os seres foram deixando de compreender o que os elefantes diziam. Naquela época, o tempo era uno e circular, e os elefantes eram os inventores da língua completa, que, somente balbuciada, já era compreendida por todos, independentemente de aprendizado. Assim, quando um elefante se referia a um alimento, o local onde se poderia encontrá-lo e como fazer para adquiri-lo, todos os outros animais, os cisnes, os lagartos e os rinocerontes, saíam em busca da comida e a encontravam exatamente no local designado. Ali sempre havia um elefante de guarda, que conduzia a repartição da comida e a distribuía igualmente entre todos. Depois da refeição, todos se sentavam em volta do gigante e escutavam suas histórias antigas, que naquele tempo eram perfeitamente atuais, porque a infância reaparecia assim que era contada. Dessa maneira, todos sabiam que os elefantes, o tempo e a memória eram a mesma coisa, chamada “eco”. Mais tarde, quando foi exterminada a língua dos elefantes, em favor de uma língua dividida e temporal, o eco transformou-se somente em repetição vazia de gritos errantes e os elefantes ficaram conhecidos só por sua prodigiosa memória.

Faim — fado, flor, visão. Como se sabe, as flores possuem uma língua secreta, que combinaram, de forma também codificada, jamais revelar a nenhum animal, muito menos os da espécie humana. Nem mesmo os pássaros ou as abelhas conseguem decifrar ou compreender o que elas dizem. Sabe-se, entretanto, que elas dominam uma língua, pois os sinais por elas emitidos são claramente reconhecíveis, como as cores, as formas e algumas alterações súbitas, além de ruídos estranhos já relatados por diversos moradores das florestas e das campinas. Alguns habitantes privilegiados dessas regiões souberam detectar, pela leitura lenta e aplicada dos sinais enviados pelas flores, códigos de boa fortuna e determinações infalíveis do fado das criaturas. Assim, por exemplo, se o pólen de uma margarida é derramado sobre uma planta de algodão, nos primeiros dias da primavera o algodão florescerá alvo, vicejante e terá uma resistência inigualável. Os moradores de melhor visão e escuta dizem que já discerniram, na língua secreta das flores, a palavra “faim”, a única até hoje decodificada, que, para todos eles, significa simultaneamente “a sorte, ou fado”, “a própria flor” e “a visão afortunada que lhes permitiu reconhecer aqueles sinais”.

Gabarra — grito, gáudio, grupo. Em Shem, o país dos nomes, as pessoas só andam em grupos de mais de cem e, para se comunicarem umas com as outras, em vez de falar, gritam. As palavras mais pronunciadas pelos habitantes desse pequeno país são seus nomes, para efeito de chamamento e brincadeira. Assim, Shuna grita: “Leia!”, e Leia responde, gritando: “Shuna!”. Dessa forma, os shemenses passam o dia gritando e chamando-se, pois é muito difícil ir além dos nomes numa conversa, já que a massa sonora dos gritos impede a fluência da conversação. Apesar disso, ninguém entre eles sente falta de outras palavras além dos nomes, que para eles são suficientemente grandes e substanciosos, dando conta de significar tudo o que os shemenses gostariam de dizer. Em Shem, o nome dos nomes, todos vivem permanentemente em estado de gáudio, brincando de jogos feitos de grito e silêncio. “Gabarra”, nesse país, é a única palavra gritada além dos nomes, porque ela, em si mesma, reúne as ideias de grito, gáudio e grupo, todas coisas de que os shemenses gostam muito.

Harbarraz — hoje, hora, sim. No tempo em que ainda não tinham inventado o relógio, as pessoas de Humus

costumavam marcar a passagem das horas a partir das batidas dos pés de Hordos, o zelador da grande estalagem. Para saber se era hora do desjejum, era preciso ouvir as batidas lentas de Hordos; hora do almoço, batidas rápidas; hora do descanso, batidas intermitentes; e hora de dormir, batidas surdas e descompassadas. Da mesma forma, era preciso prestar atenção em Hordos para ter certeza se o dia de hoje era mesmo hoje, e não ontem ou amanhã. Para indicar que hoje era hoje, Hordos batia os dedos contra placas de vidro, mostrando a todos que tudo se passava naquele mesmo instante. Quando alguém cometia a ousadia de dirigir a palavra a ele, indiscriminadamente o ouvia repetir a mesma infalível palavra: “harbarraz”. Perguntavam: “Hordos, você sabe que dia é hoje?”. E ele respondia: “Harbarraz”. Essa palavra, assim, na cidade de Humus, significava ao mesmo tempo “hoje”, “hora” e “sim”. Na verdade, os sábios de outras cidades vizinhas e pelo mundo todo já chegaram à conclusão de que elas realmente têm o mesmo significado até os dias de hoje.

Iaga — ilha, mar, coco. Os habitantes da ilha de Iaga, a sudoeste do Pacífico Sul, alimentavam-se exclusivamente do sumo e da polpa do coco e das folhas de coqueiro; utilizavam a casca do fruto para efeitos terapêuticos e os galhos da árvore para a fabricação de instrumentos e armas. Com o coqueiro, também faziam pequenas jangadas que lançavam ao mar e nas quais navegavam em busca da conquista de novos territórios e para a observação astronômica. Um de seus habitantes, cheio de curiosidade, trouxe de uma dessas viagens outra planta comestível, a mandioca. Desde então, os iaguenses trocaram o coco pela mandioca e desenvolveram muitas outras espécies de alimentos, bebidas, armas e instrumentos úteis e inúteis. Tudo isso desfez a plenitude de vida e a beleza da língua iaga, que, antes da introdução da mandioca, consistia em apenas uma palavra: “iaga”, que significava ao mesmo tempo “ilha”, “mar” e “coco”. Atualmente, não há palavras que bastem para dizer tudo o que os iaguenses desejam.

Jaja — jiboia, jogo, deserto. No deserto de Mojave, as jiboias têm uma língua completamente diferente da língua das jiboias de outros desertos. Devido à concentração de sal que predomina nessa região, e também aos restos de aviões que lá se depositam há mais de sessenta anos e onde as jiboias gostam de se esconder, elas desenvolveram uma consoante ausente na fala de outras serpentes. Com essa consoante as jiboias sussurram constantemente a palavra “jaja”, que também utilizam para brincar de esconde-esconde nos escombros dos aviões. Quando uma cobra de outro deserto acidentalmente chega a Mojave, portanto, sente-se deslocada. Não entende a língua, o jogo e tampouco as habitações estranhas das jiboias desse lugar, que, em vez de assustarem as pessoas ou caçarem insetos, ficam o dia inteiro repetindo “jaja, jaja” e brincando de esconde-esconde.

Khoisan — coisa, asa, não. Muito pouca gente sabe, mas as coisas têm uma língua que só é usada nas noites de lua crescente e que comunica muito poucas ideias. Ao longo de todo o mês, elas ficam acumulando impressões sobre os seres animados e, nessas noites, algumas coisas bem pequenas, como o pó, os grãos e as pétalas, criam minúsculas asas, saem voando silenciosamente e se reúnem em torno das coisas gigantes, como as montanhas, as pedras e os monumentos. Nessa ocasião, eles trocam confidências e decidem como vão agir durante o mês seguinte: se serão resistentes, submissos, se vão provocar revoluções ou se simplesmente farão brincadeiras com os humanos, os animais e as plantas. Não há hierarquia entre as coisas. Por isso, quando uma delas diz: “Não!”, todos caem na gargalhada, porque não há motivo para tanto. Todos sempre concordam. Na língua secreta das coisas, que só a dois humanos foi dado conhecer, a palavra “khoisan” quer dizer “coisa”, “asa” e “não”, porque são essas as três coisas que mais os fazem rir de alegria e liberdade.

Libuzia — lentidão, loucura, janela. Foi catalogada, no Tratado Holandês de Psiquiatria, em 1736, uma doença rara que acomete somente pessoas com mais de 75 anos, do sexo masculino e que tenham vivido solitárias por mais de trinta anos. São pessoas que passam, inevitavelmente, muito tempo dentro de suas casas, sentadas em frente às janelas, e, por essa razão, perdem a mobilidade normal e acabam arrastando-se

lentamente ou para ir à cozinha ou para voltar à cama. Dificilmente saem às ruas e, depois de algum tempo, acreditam que tudo o que acontece está se passando por trás de uma janela. Assim, perdem a noção de distância, de tato e do próprio tempo, relacionando-se com tudo indiretamente e dando-se a liberdade de comentar abertamente tudo o que pensam sobre algum fato ou comportamento. A esse tipo de loucura deram o nome de libuzia, e, embora não tenham encontrado nenhum tipo de tratamento para ela, não se importam muito, porque os doentes de libuzia são sempre muito simpáticos e grandes conversadores.

Mebunje — medo, melodia, caravela. Quando os mares do Atlântico Sul eram totalmente ocupados por caravelas descobridoras, que partiam na direção de outros mundos para explorar, conhecer e roubar, havia alguns marinheiros que se destacavam não por sua coragem ou destreza, mas, ao contrário, por seu medo. Não lhes restara alternativa a não ser embarcar junto com os outros homens do mar, mas nem por isso eles se sentiam identificados com sua ostensiva grosseria e maus modos. Esses marinheiros medrosos entoavam cantigas de nostalgia de terra firme, e, quando cantavam, reconheciam seus iguais nos outros barcos. Uma de suas canções prediletas era a mebunje, que versava justamente sobre as caravelas e o medo que eles sentiam, embora não o considerassem medo e sim uma inadequação inconfessada àquela vida do mar. Mais tarde, desses marinheiros tristes nasceriam muitos outros agrupamentos semelhantes, como os românticos, os dândis e vários outros grupos de inadequados, que, infelizmente, nem conhecem a mebunje.

Ningres-ningres — canção de ninar, gato, tristeza. Diz-se que os gatos possuem um sentido ligado ao campo magnético da terra e que esse sentido se localiza nas pontas dos bigodes. Quando um gato se encontra em estado de profunda tristeza, porque perdeu um filhote, porque está perdido ou porque não acha abrigo, costuma entoar uma espécie única de miado. Dessa forma, com a associação desse tipo particular de miado ao sentido magnético dos bigodes, os gatos encontram um lugar confortável para acalantar seu desânimo. Outros gatos, ao escutar o miado, também chamado de “ningres-ningres”, se juntam àquele primeiro para estar com ele e ajudá-lo a aliviar seu desconsolo. Chama-se a esse miado de “ningres-ningres” por sua semelhança com o som produzido pelos humanos para ninar os bebês, quase sempre iniciado pela consoante *n* e pela vogal *i*.

Oçânhim — queixa, espanto, pergunta. Nas planícies encravadas no fundo da Mauritània, habita um povo de cor negro-azulada cujos líderes costumam viver até 130 anos. Esses líderes são exímios tocadores de tambor, cesteiros, cozinheiros, curandeiros, adivinhos e sonhadores, mas são também caracterizados por uma absoluta falta de paciência para com os mais simples. Já que o chefe sempre tem uma resposta para tudo e os homens negro-azulados adoram fazer perguntas, eles sempre se aproximam dele, mas com muita cautela, para não incomodá-lo. Perguntam: “Chefe, por que as árvores são verdes, marrons e cinza? Por que só os pássaros voam? Por que os olhos se fecham quando deitamos?”. O líder arregala os olhos, demonstrando aborrecimento com perguntas tão tolas, e brada: “Oçânhim!”. Ele deseja perguntas melhores, como: “Qual a distância entre a estrela brilhante e a estrela opaca?” ou “Como fazer para que as redes sustentem três homens fortes ao mesmo tempo?”. Assim, entre as pessoas desse povo, as palavras “pergunta”, “espanto” e “queixa” têm todas o mesmo significado e são designadas por “oçânhim”, a não ser quando as perguntas são muito inteligentes.

Palanca — cidade, pai, bigode. Em abril de 1944, os nozólhos invadiram Palanca, entre várias outras cidades da região da Lhoguslhúvia, fazendo prisioneiros todos os jurinos que moravam ali. As famílias foram levadas como gado para trabalhar em tarefas inúteis e depois, sem explicação alguma, foram mortas em poços de fogo. Entre os fugitivos dessa perseguição insana, havia um homem fraco, magro, de longos e fartos bigodes. Esse homem, de nome Eraldo, justamente por ser fraco e magro, era também flexível. Além disso, era dono de uma força inusitada, de que nem mesmo ele se dava conta, para combater os nozólhos e persuadir os jurinos a juntar-se a ele. Mais tarde, descobriu-se que a fonte de sua força incomum eram seus bigodes. Eraldo acabou resgatando a cidade de Palanca, depois que os nozólhos foram finalmente derrotados por uma

junta de cidades da Lhoguslhúvia, da Hingrília e da Rosnívia. Desde então, todos o conhecem como o grande pai da retomada e da paz que os habitantes de Palanca experimentam até hoje. No centro da praça principal, ergueram um monumento em homenagem a Eraldo, sua força e flexibilidade: trata-se de um bigode gigante, feito de látex e arame. Na língua lhoguslhuvá, atualmente “palanca” quer dizer “cidade”, “pai” e “bigode”.

Quelelé — apelido, tartaruga, vento. No fundo do mar, onde dormem as tartarugas-verdes, não há praticamente luz, muito menos vento. As tartarugas vivem em absoluta tranquilidade, alimentando-se de algas e só parando para conversar quando acontece algo muito desalentador ou estranho. Ultimamente, um filhote de tartaruga tem desenvolvido hábitos inusuais: quer ir para a superfície mesmo fora da época de reprodução. Isso tem provocado discussões entre as tartarugas mais velhas, que não sabem muito bem como reagir a esse inesperado comportamento. Em geral, procuram tratar a pequena tartaruga com todo o carinho possível, acreditando ser uma mania adolescente. Chamam-na por apelidos carinhosos, como “quelelé” e “quelelá”, aos quais ela atende com atenção e risos mas que nem por isso a dissuadem de buscar o vento que sopra na superfície marinha. Da última vez que voltou de lá, quelelé trouxe um respiro fresco de vento para o fundo do mar, e todas as tartarugas mais velhas quase morreram de rir, de tanto prazer e carícia. Desde então, adotaram definitivamente o nome de quelelé para a pequena tartaruga, e desistiram de convencê-la a não emergir, já que o vento que ela traz as faz sentir tão refrescadas. Na difícil língua das tartarugas-verdes, só decifrada por alguns poucos pesquisadores, as palavras “tartaruga”, “vento” e “apelido” têm todas o mesmo nome: “quelelé”, em homenagem à pequena tartaruguinha que trouxe o vento para o fundo do mar.

Rafameia — mel, família, galho. As abelhas que constroem sua colmeia nos galhos da bracatinga passam muito tempo explicando umas às outras a distância das flores mais suculentas. Isso faz com que a produção de seu mel demore tempo demais, mas, em compensação, ele é mais saboroso e variado do que o mel de outras árvores. A demora na explicação da distância se deve tanto a uma falha genética — as asas dessas abelhas batem muito lentamente — quanto a uma característica pessoal: elas não aceitam marcações aproximadas e se esmeram no detalhamento das distâncias exatas e das características das melhores flores. O batimento tão lento e tão esmiuçado das abelhas da bracatinga acabou gerando alguns sons e também algumas poucas palavras, que designam aglutinações de significados. “Rafameia”, por exemplo, indica simultaneamente o tipo de mel que elas produzem, a família apícola a que elas pertencem e o melhor galho para construir a colmeia. O tempo que um grupo de abelhas leva para produzir o som dessa palavra equivale ao tempo de produção de doze quilos de mel das abelhas menos perfeccionistas de outras árvores.

Saiá-saiá — saia, moça, namoro. No século XVIII, quando as moças da cidade de Quirim-Quirim, no interior do noroeste de Minas Gerais, sentiam desejo de dançar, elas se reuniam e rapidamente decidiam empreender uma caminhada até a casa do sanfoneiro Selemén-Selemén, que morava numa caverna a cerca de doze léguas de distância, e que tocava rabeca, flauta, viola e bumbo, todos fabricados por ele mesmo. Nenhum outro homem concordava em acompanhá-las, porque Selemén-Selemén tinha fama de bruxo e de agourento; as moças, depois de uma noite de dança com ele, ficavam assanhadas e sonhadoras. Sendo assim, nessas noites de muita folia, todas elas namoravam um pouco Selemén-Selemén, depois de dançarem a dança do saiá-saiá, que era um jeito todo faceiro de as moças rodarem suas saias floridas e fazerem círculos concêntricos. Depois que elas partiam, Selemén-Selemén ficava alguns dias repetindo estas palavras e tocando no tambor: “Saiá-saiá, saiá-saiá, saiá-saiá”. Em sua língua de caverna, que duplicava todas as palavras, saiá-saiá queria dizer “moça”, “namoro” e “saia”, que para ele eram coisas muito parecidas. Na verdade, ninguém há de negar que elas verdadeiramente o são.

Tabaxir — casa, chapéu, barbeiro. Na casa de Halim, em Sasmati, diferentemente do que é hábito nas outras casas do povoado, ninguém tira o chapéu ao entrar. Desde que teve um problema na cabeça, Halim

nunca mais tirou o chapéu e, em respeito ao mais antigo barbeiro da região, que durante tantos anos barbeou os doentes, tratou deles e os curou com dedicação e desprendimento, todos os habitantes o imitam ao entrar em sua casa. Halim, em função de sua doença, passou a trocar os nomes das pessoas e das coisas, chamando sua filha pelo nome da criada e a escova pelo nome do sapato. Mesmo assim, todos ainda confiam a ele sua barba, porque nessa atividade ele nunca se confundiu, nem quando os fregueses mantêm o chapéu. Em Sasmati, na Arábia, onde se fala o dialeto asmodi, derivado do antigo sírio, as palavras “chapéu”, “casa” e “barba” são todas iguais: “tabaxir”. Assim, todos vão ao tabaxir de Halim, usando tabaxir, para fazer o tabaxir.

Uás — olá, adeus, dois. No planeta Ósdri, os habitantes só sabem caminhar em duplas. Se ficam sozinhos, perdem-se e vão parar em lugares distantes e imprevistos. Assim sendo, sempre que um ósdiri quer ir ao cinema, ao clube ou à escola, que, naquele planeta, ensina os alunos a plantar sobázias, cantar tratózias e tocar a corneta, toda a família o acompanha até a casa de algum colega e os dois partem juntos. Caso contrário, nunca chegam ao destino certo. Quando uma dupla de ósdiris encontra outra, eles se cumprimentam: “Uás, uás, uás”. E se despedem: “Uás, uás, uás”. Os ósdiris ficam satisfeitos de ver que estão no caminho certo e sabem, com isso, que chegarão aonde queriam ir. Várias coisas boas, no planeta de Ósdri, recebem o nome de uás, que é uma palavra também boa de pronunciar. Entre elas estão, por exemplo, “olá”, “adeus” e “dois”.

Vaabismo — abismo, salto, susto. No deserto de Kalahari, entre planícies extensas habitadas por cobras e escorpiões, desenha-se subitamente um abismo gigantesco, que surge como que do nada. Vários animais já morreram ali, lugar que acabou se tornando fonte de lendas e de emboscadas planejadas por moradores de cidades vizinhas. Entretanto, outros animais, mais habituados ao deserto, aprenderam a distinguir as armadilhas e a saltar o abismo antes da captura. Entre estes, os guepardos são, de longe, os mais preparados, tendo aprendido até a emboscar os donos das armadilhas. Quando se aproximam do abismo, fingem que param. No entanto, assim que alguém se aproxima deles, confiante de que vai agarrá-los, eles dão um berro: “Vaabismo!”. Assim, assustam a pessoa, muitas vezes provocando até sua queda. Eles, por sua vez, saem correndo, saltam o precipício e, depois, congratulam-se num repasto requintado, em que se comprazem em repetir seguidamente: “Vaabismo, vaabismo, vaabismo”, que, na língua dos guepardos, quer dizer “abismo”, “salto” e “susto”. Dessas três coisas, as duas últimas — “saltar” e “assustar” — são as que os guepardos adoram fazer.

Willughbeia — desejo, morte, nojo. Os habitantes de Aschaffenburg, na região administrativa de Usperrank, na Bavônia, quando se reúnem em volta da fogueira, nos meses frios de novembro e dezembro, para contar suas lendas e cantar cantigas tão antigas que sua história já se perdeu no tempo, lembram-se sempre de um triste acontecimento. Séculos atrás, uma moça da cidade se apaixonou por um homem muito mais velho, mais abastado e extremamente cruel. Era mimado pelos pais e sentia náuseas só de pensar em vê-la. Ela, entretanto, não desistia, e acabou morrendo de amor, definhada pelo desejo irrealizado. Essa história seria igual a tantas outras, não fosse pelo fato de que o homem, após a morte da moça, não pôde mais alimentar-se, porque tudo lhe causava repulsa. Algumas semanas mais tarde ele também veio a falecer, de nojo. Desde então, em Aschaffenburg, os sentidos de desejo, morte e nojo acabaram se aproximando, e todos são expressos pela palavra “willughbeia”. Para eles, a história contém a seguinte moral: “Nem o desejo nem o nojo devem ser excessivos. Ambos podem levar à morte”.

Xacoco — chá, coco, chato. Existe um lugar, incrustado no fundo de uma caverna, onde, há milênios, vivem os habitantes achatados. O teto desse baú, escavado dentro de uma gruta já por si baixa, é tão baixo, mas tão baixo, que seus habitantes se acostumaram a andar de cócoras, e acabaram ficando verdadeiramente achatados. Nunca saem de lá, nem conhecem direito a luz do sol, e alimentam-se de um líquido que escorre dos coqueirais, abundantes na praia onde se localizam as cavernas no fundo das quais eles habitam.

Amontoam-se uns sobre os outros e conhecem o mundo pelo seu lado horizontal. Nas noites mais quentes, quando o chá de coco escorre em grande quantidade, um habitante chato da parte superior da pilha grita: “Xacoco!”. O líquido começa a pingar, todos os habitantes abrem a boca e vão, um a um, sorvendo o chá que, para eles, tem o mesmo valor que o néctar possuía para os deuses do Olimpo. Os habitantes chatos, aliás, também têm sua mitologia, e uma de suas lendas mais famosas conta da origem do xacoco. Sua moral ensina por que é melhor ser chato do que ser tridimensional. Na língua desses habitantes, “xacoco” quer dizer “chato”, “chá” e “coco”, que, coincidentemente, são palavras que lembram muito suas equivalentes em português.

Yb — prefixo, círculo, duplicidade. Na língua das palavras curtas, usa-se “yu” para designar os lugares aonde muitas pessoas gostam de ir mas dos quais algumas pessoas não gostam; “yl” para os lugares aonde poucas pessoas gostam de ir mas que só os mais inteligentes sabem aproveitar; e “yg” para as coisas que têm altura superior à largura e comprimento inferior à profundidade. Entretanto, mesmo com o grande efeito de síntese que essa língua consegue atingir, alguns conceitos ainda apresentam falhas no momento de serem comunicados, como, por exemplo, a ideia de que algo tem pelos no nariz mas não nas axilas, o que faz com que seu faro fique prejudicado e seu suor não seja muito incômodo. Nesses casos, os falantes da língua das palavras curtas optaram pelo uso de um prefixo polissêmico, o “yb”, que adiciona às palavras sentidos de circularidade e de duplicidade. Dessa forma, uma palavra que só tem um significado fixo, quando acrescida do prefixo “yb”, pode passar a ter dois. Ou, se alguém reclama da carência de significados da palavra, o interlocutor pode argumentar alegando a circularidade de seus sentidos expressivos. Por causa disso, a própria palavra “yb” passou a querer dizer “prefixo”, “círculo” e “duplicidade”, o que também serve para designar espelhos circulares que refletem somente o início de uma pessoa, ou seu aspecto prefixal.

Zearalenona — leão, plantação, avó. Antigamente, quando ainda habitavam sobre a terra os antepassados dos leões, que ainda não possuíam juba e eram herbívoros, os agricultores temiam imensamente pelas plantações de folhas, porque as leas as atacavam e as destruíam completamente. Elas levavam o fruto de seu ataque para as famílias e, assim, alimentavam seus machos e bebês com a quantidade necessária de ferro, para mantê-los todos fortes e fazer crescer o que hoje se conhece como juba. Quando os leões da atualidade se reúnem em volta de uma presa para dividir as carnes, quando se sentam em volta de uma fogueira para contar histórias e relembrar o passado, referem-se às suas avós, às plantações de folhas e aos próprios leões como “zearalenona”. Todos riem com espalhafato, e os mais velhos explicam aos leões pequeninos a origem de sua juba e a importância da memória desta linda palavra.

Algumas referências

Letra B

Guido d'Arezzo (995-1050). Músico italiano e monge beneditino nascido em Arezzo, criador das sete notas musicais, o moderno sistema de notação musical. Criou o sistema de quatro linhas paralelas, o *tetragrama*, e, posteriormente, o *pentagrama*. Deu ainda nome às notas que até então eram simbolizadas pelas sete primeiras letras do alfabeto (C = ut = dó, D = ré, E = mi, F = fá, G = sol, A = lá e B = si). Para tanto, inspirou-se na sílaba inicial de cada verso da primeira estrofe do antigo *Hino a São João Batista: UT* queant laxis

*RE*sonare fibris

*MI*ra gestorum,

*FA*muli tuorum,

*SOL*ve polluti

*LAB*ii reatum,

Sancte *Iohannes*...!

<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/GuidoAre.html>

Letra D

No Padma Purana, o deus Shiva declara a grandeza da sila salagrana (pedra sagrada, encontrada no rio Gandaki, no Nepal) da seguinte maneira: “*mallinga kotibhi drsthi yad phalam pujiti salagrama sila yamtu ekasyam iva tad bhaved*”.

<http://www.rudraksha-ratna.com/shaligrams.htm>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Purana>

<http://www.salagram.net/sstp-Bana-lingas.html>

Letra E

Os folhelhos são rochas que possuem grãos do tamanho da argila. Diferenciam-se dos argilitos porque possuem lâminas finas e paralelas esfoliáveis, enquanto os argilitos apresentam lâminas com aspecto mais maciço.

<http://www.rc.unesp.br/museudpm/rochas/sedimentares/folhelho.html>

Letra F

1.

Mas parece-me ver, vejo decerto,

Vejo terra e o litoral aberto. (p. 271)

De mui bom grado quis eu dar-te aviso;

Que não sei se haverá de aproveitar-te,

mas convém que não chegues de improviso

e de seus costumes conheças parte;

Tal como é desigual o gesto e o riso,

Desiguais podem ser o engenho e a arte

Ao malefício escaparás, talvez,

O que, de mil, nenhum ainda fez. (p. 169) ARIOSTO, Ludovico. *Orlando Furioso*. Introd., trad. e notas Pedro Garcez Ghirardi. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

2.

Alessandra Benucci foi mulher de Ludovico Ariosto.

<http://www.poemhunter.com/ludovico-ariosto/biography/>

3.

As Erínias (Fúrias para os romanos — *Furiæ* ou *Diræ*) eram personificações da vingança. As Erínias eram Tisífone (Castigo), Megera (Rancor) e Alecto (Interminável).

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Erínias>

Letra J

Ó minha alcova, que foste um porto

Às tempestades que cruzei diurnas

Fonte agora de lágrimas noturnas

Trecho do soneto CCXXIV de Petrarca.

<http://www.arquivors.com/petrarca1.htm>

Letra K

1.

Gérard Anaclet Vincent Encausse, mais conhecido pelo pseudônimo de Papus (Corunha, Espanha, 13 de julho de 1865 - Paris, França, 25 de outubro de 1916), foi um médico, escritor, ocultista, rosacruzianista, cabalista e maçom. Fundou o martinismo moderno.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Papus>

2.

Sefer Yetzirah (hebraico, Livro da Criação, סֵפֶר הַיְצִירָה) é o título de um livro do esoterismo judaico, embora alguns antigos comentaristas se refiram a ele como um tratado sobre a teoria matemática e linguística por oposição à cabala.

http://en.wikipedia.org/wiki/Sefer_Yetzirah

Letra L

Começa então para Otálora uma vida diferente, uma vida de vastos amanheceres e de jornadas que têm o odor do cavalo. Aquela vida é nova para ele, e às vezes atroz, mas já está em seu sangue, porque, da mesma forma que os homens de outras nações veneram e pressentem o mar, assim nós (também o homem que entretece esses símbolos) ansiamos pela planície inesgotável ressoando sob os cascos.

Trecho do conto “O morto”, de Jorge Luis Borges.

BORGES, Jorge Luis. *O Aleph*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Letra O

A lenda de Yeba Buró e de seus filhos, Dihiputiro-Porã, Baaribó, Goamu, Yugupó e Uiawu, faz parte da mitologia desana-kehriporã, povo indígena da Amazônia.

Letra P

1.

Eis que Deus é grande, e nós não O compreendemos, e o número dos seus anos não se pode esquadriñar. Porque faz miúdas as gotas das águas que, do seu vapor, derramam a chuva, a qual as nuvens destilam e gotejam sobre o homem abundantemente. Porventura pode alguém entender as extensões das nuvens, e os

estalos da sua tenda? Eis que estende sobre elas a sua luz, e encobre as profundezas do mar. Porque por estas coisas julga os povos e lhes dá mantimento em abundância. Com as nuvens encobre a luz, e ordena não brilhar, interpondo a nuvem, o que nos dá a entender o seu pensamento, como também ao gado, acerca do temporal que sobe.

O Livro de Jó 36, 26-33.

<http://www.bibliaonline.com.br/acf/18/36>

2.

Lembra-te, homem, que és pó, e em pó te hás de converter.

“Sermão da Sexagésima”.

VIEIRA, pe. Antonio. *Sermões*. Org. Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2003.

Letra R

Ser como o rio que deflui

Primeiro verso do poema “O rio”, de Manuel Bandeira.

BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

Letra S

Baseada no livro *Eu, Lúcio. Memórias de um burro*.

LUCIANO. *Eu, Lúcio. Memórias de um burro*. Lisboa: Publicações Europa-América, s. d. Coleção Clássicos Inquérito.

Letra T

1.

Baseado na história verídica de Maria Úrsula d’Abreu e Lencastro (Rio de Janeiro, 1682 - Goa, ?).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Ursula_d'Abreu_e_Lencastro

2.

Com honra abandonem o forte

Frase baseada na lenda do rei Artur.

3.

*Como quando do mar tempestuoso,
o marinheiro, lasso e trabalhado,
d’um naufrágio cruel já salvo a nado,
só ouvir falar nele o faz medroso:
e jura em que veja bonançoso,
o violento mar, e sossegado
não entre nele mais, mas vai, forçado,
pelo muito interesse cobiçoso.*

Primeiras estrofes do soneto “Como quando do mar tempestuoso”, de Luís Vaz de Camões.

CAMÕES, Luís Vaz de. *200 sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

4.

e vou tresvariando, como em sonho.

Isto passado, quando me disponho,

e me quero afirmar se foi assi,

pasmado e duvidoso do que vi,

me espanto às vezes, outras me avergonho

Trecho de soneto de Sá de Miranda.

http://pt.wikisource.org/wiki/Quando_eu,_senhora,_em_v%C3%B3s_os_olhos_ponho

Letra U

[...] Ulrica gritou para mim:

— Ouviu o lobo? Já não existem lobos na Inglaterra. Ande logo.

Trecho do conto “Ulrica”, de Jorge Luis Borges.

BORGES, Jorge Luis. *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Letra V

Segundo conta uma lenda, Zelu foi um sábio fenício que plasmou o vidro pela primeira vez, às margens do rio Belus.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Vidro>

Letra X

Seu encontro com Lujin deveria decidir quem obteria o primeiro prêmio e havia aqueles que diziam que a limpidez e a leveza do pensamento de Lujin iriam prevalecer sobre a fantasia tumultuosa do italiano, e havia aqueles que previam que o colérico e rápido Turatti derrotaria o visionário jogador russo. E o dia de seu encontro chegou.

Trecho de *A defesa Lujin*, de Vladimir Nabokov.

nabokov, Vladimir. *A defesa Lujin*. Trad. Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



Noemi Jaffe nasceu em São Paulo, em 1962. Doutorou-se em literatura brasileira pela USP e atualmente é professora da PUC-SP. Crítica literária do jornal *Folha de S.Paulo* desde 2006, é autora, entre outros livros, de *Todas as coisas pequenas* (Hedra, 2005) e *Quando nada está acontecendo* (Martins Fontes, 2011). É também organizadora de *Melhores poemas de Arnaldo Antunes* (Global, 2010).

Capa e projeto gráfico Yomar Augusto

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Carmen T. S. Costa

Ana Luiza Couto

ISBN 978-85-8086-469-4

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

